

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**1999**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**A EVOLUÇÃO DA MODERNIDADE NA FILOSOFIA E NA LITERATURA:  
A LITERATURA VITORIANA COMO TRADUÇÃO MORALIZANTE NO  
ENSINO DE UMA ÉPOCA.**

**FLÁVIA DOMITILA COSTA MORAIS**

**Orientador: Prof. Dr. HERMAS GONÇALVES ARANA**

**- COMISSÃO JULGADORA -**

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

**1999**

## **RESUMO:**

Esta Dissertação estuda uma estrutura de pensamento, o Vitorianismo, no contexto da modernidade. Para tanto, trabalhou-se na confluência entre História, Filosofia e Literatura.

Ao investigarmos o Vitorianismo, principalmente em sua origem inglesa, desenvolvemos questionamentos éticos e morais, especialmente focalizando algo que vem até ao nosso século XX: os desdobramentos da chamada “educação moralizante”.

Fundamentalmente, o que buscamos estudar foi uma dada manifestação da matriz epistêmica moderna em suas intenções educacionais; o que fizemos, sempre, com importante subsídio da Literatura Vitoriana.

## **ABSTRACT:**

This Dissertation studies a structure of thought, the Victorianism, in the context of Modernity. For this purpose, we worked on the confluence between History, Philosophy and Literature.

When investigating the Victorianism, mainly in its English origin, we developed ethics and moral questions, focusing specially something that reaches our XX<sup>th</sup> century: the unfoldings of the so called “moralizing education”.

Fundamentaly, what we aimed to study was a given manifestation of the modern epistemic matrix in its educational intentions - what we did, always, with the important subsidy of the Victorian Literature.

*Dedico esta obra a meu pai Prof. Dr. J.F.  
Regis de Moraes, que me mostrou que a vida  
pode ser vivida poeticamente na academia  
como em toda a vida.*

*Quisera deixar aqui registrado o meu agradecimento ao Prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana, pela orientação sempre muito competente e, acima de tudo, compreensiva e amiga.*

*Também preciso patentear minha gratidão aos Professores Doutores Martha P. Destro e João Carlos Nogueira, cujas contribuições no Exame de Qualificação foram de inestimável valor para mim.*

*Agradeço à minha mãe, Lúcia, e meus irmãos, Luis Sérgio e David, pelo apoio carinhoso que tanto me ajudou ao longo desta trajetória.*

*Faço agradecimentos especiais à amiga Cilza C. Bignotto, sempre se lembrando de minha pesquisa em suas viagens e brindando-me com precioso livro; à amiga Fernanda Cabral Rodrigues, pelo apoio sempre tão fraterno; e também à amiga e terapeuta Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Irma Furlan - aliada constante em momentos delicados desta trajetória.*

*Finalmente, agradeço ao meu querido Marcos G. Romero - o maior torcedor que tive e tenho.*

*“Época longa, (um reinado de 64 anos), mas de mudanças rápidas, de década em década, e de contrastes fortes: individualismo evangélico e dogmatismo anglo-católico, culto do herói (Carlyle) e democracia social fabiana, correção tennysoniana e estética decadente, romantismo e realismo. Época em que a literatura não se confinou numa torre de marfim mas se interessou pelos problemas do momento.”*

Oscar Mendes (*A estética da Literatura Inglesa*)

*“O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, lingüísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo.”*

Antonio Candido (*Literatura e Sociedade*)

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>09</b>
------------------------	-----------

### **CAPÍTULO 1**

<b>O Vitorianismo, seus desdobramentos socioculturais e literários....</b>	<b>15</b>
--	-----------

A) A especificidade inglesa do vitorianismo.....	18
--	----

• O vitorianismo como movimento sócio-religioso e artístico.....	22
--	----

B) Hipóteses explicativas da emergência do movimento vitoriano.....	27
---	----

• Ambiência psíquica e moral.....	27
-----------------------------------	----

C) Caracterização do vitorianismo: o intrigante contraponto entre puritanismo moralizante e hipocrisia.....	30
---	----

• Bipolaridade moral do vitorianismo. - Puritanismo/hipocrisia.....	30
---	----

• Distinção entre ideal e possibilidade de prática (fragilidade humana).....	31
--	----

• Simulacro antropológico - pessoa e personagem.....	33
--	----

D) Consciência vitoriana e expressão literária.....	36
---	----

• Aspectos gerais da literatura vitoriana.....	36
--	----

• Autores mais representativos: seu impacto.....	39
--	----

• A força da literatura num mundo sem meios de comunicação de massas.....	45
---	----

### **CAPÍTULO 2**

<b>A contextualização do Vitorianismo na abrangência da Modernidade.....</b>	<b>46</b>
--	-----------

A) O século XIX como herdeiro da evolução da modernidade:	
o Vitorianismo.....	46
B) Continuidades e rupturas na modernidade do século XIX	
vitoriano.....	50
C) O surgimento das Ciências Humanas.....	57
a) O crescimento urbano - causas.....	58
b) O crescimento urbano - conseqüências.....	59
D) As Ciências Humanas: seu significado na modernidade	
(século XIX).....	60

### **CAPÍTULO 3**

<b>Refletindo sobre a Educação inglesa no século XIX.....</b>	<b>64</b>
A) Alguns apontamentos sobre o século XVIII e a Educação.....	64
B) Historiando a Educação inglesa no século XIX:	
linhas gerais.....	68
a) A Educação Vitoriana: Sistema Monitorial.....	68
b) A Lei Educacional de 1870.....	71
c) O preceptorado.....	73
d) Algumas instituições.....	75
e) A educação feminina.....	79
C) A intencionalidade na maior parte da Literatura Vitoriana.....	83
a) A leitura em família: edificação dos valores morais e	
exaltação das virtudes.....	83
b) Os grandes autores e a sociedade vitoriana.....	89

### **CAPÍTULO 4**

<b>Moral Vitoriana - a Educação em dilema: moralismo ou ética?.....</b>	<b>94</b>
---	-----------

A) Valor, moral e ética.....	95
B) O dilema vitoriano: moralismo ou ética?.....	98
C) Breve incursão sobre o vitoriano Sigmund Freud que ‘pôs abaixo’ as intenções moralizantes do Vitorianismo.....	105
<b>Conclusão.....</b>	<b>112</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>115</b>
<b>Anexo 1.....</b>	<b>122</b>
<b>Anexo 2.....</b>	<b>129</b>
<b>Anexo 3.....</b>	<b>134</b>
<b>Anexo 4.....</b>	<b>137</b>

## INTRODUÇÃO

Ao iniciar estas considerações introdutórias, gostaríamos de, primeiramente, colocar o fato de que alguns autores, notadamente H.C. de Lima Vaz, defendem a idéia segundo a qual os séculos XIX e XX abrangeriam o que denominamos Mundo Contemporâneo. Sem questionarmos a competência dos autores que defendem tal ponto de vista (especialmente o genial H.C. de Lima Vaz), baseados na continuidade visível que faz com que muitas das características do século XIX sejam também realidade no século XX, preferimos adotar a divisão mais corrente e aceita, na qual a Modernidade acaba quando termina o século XIX.

A Literatura mantém, incontestavelmente, com a Filosofia uma relação muito mais que accidental, já que se refere, pela sua própria natureza, a uma dimensão essencial da existência humana, a *dimensão estética*. De outro lado, a Educação mantém vinculação estreita com a Literatura e com a Arte em geral, na medida em que busca desenvolver todo o potencial humano do qual a dimensão estética é parte integrante.

Entendemos que a evolução do pensamento não apenas retrata as épocas como nos permite “enxergar” as estruturas inconscientes dessas épocas. A toda Literatura de qualidade subjaz uma construção filosófica que é elaboração da cultura. Hoje, mais do que nunca, este final de século ensina-nos que toda tentativa de compreensão dos fenômenos

contemporâneos tem que passar pelo rastreamento evolutivo da modernidade. A História dá-nos uma visão seqüencial; a Sociologia pode oferecer-nos interdependências e articulações importantes; a Economia, preciosos informes quanto às condições materiais de produção do saber e das artes; entre estas a Literatura apresenta-se-nos como um tecido que, naturalmente, se subsidia das abordagens anteriores e de outras - de forma mais ou menos direta. No entanto, é o estudo pertinaz da evolução do pensamento filosófico que nos auxilia mais profundamente a “ver” as antes chamadas “estruturas inconscientes das épocas”. Literatura e Filosofia iluminam-se reciprocamente quando o que desejamos é intuir de forma apropriada, o quanto possível, a ambiência humana de uma época.

O século XIX caracterizou-se pelo rápido desenvolvimento das ciências: a Física levou ao apogeu a imagem *mecanicista* (cartesiana) do universo; a Biologia, em seu transcurso evolutivo, propõe problemas importantíssimos para o pensamento filosófico - Charles Darwin (1809-1882), com seu tratado sobre a origem das espécies (*The Origin of Species*), lançou em crise a idéia de homem que vigorava há séculos. Nasce a *genética* com Gregório Mendel (1822-1878): as leis de Mendel da *segregação* e a da *independência* das características hereditárias.

Claude Bernard (1813-1878) contribui decisivamente para o nascimento da medicina experimental - o método experimental como imposição de uma disciplina à fantasia.

A tecnologia faz progressos a passos largos, transformando a rotina mais tranqüila de homens e mulheres que tentam adaptar-se à velocidade das mudanças.

É para este século, com suas características tão marcantes, e é especificamente para o século XIX vitoriano, que voltamos o nosso olhar, maravilhados com sua riqueza e imbuídos de um desejo grande de que, compreendendo melhor suas escolhas, seu desenrolar, possamos compreender melhor as angústias e alegrias de nosso próprio tempo.

Ao longo dessa nossa pesquisa, esbarramos com alguns obstáculos, especialmente de ordem bibliográfica, uma vez que, infelizmente, o acesso a livros que abrangem a temática do Vitorianismo não foi fácil aqui em nosso país. Encontramos, em alguns

capítulos de livros sobre História da Literatura, idéias bastante resumidas e não tão aprofundadas quanto desejávamos. Não logramos êxito ao buscarmos, entre os autores brasileiros, algum que houvesse pesquisado especificamente o Vitorianismo - como época e maneira de pensar e viver.

Foi através de buscas na Internet que encontramos vasto material de pesquisa, em sites como *The Victorian Web* (<http://www.landow.stg.brown.edu/victorian>) e *The City as a Hero - Victorianism* (<http://www.gober.net/victorian>). E foi também através da Internet que encontramos, em livrarias virtuais, vasto material bibliográfico (especialmente nos Estados Unidos e Reino Unido). Como se pode ver, fomos ricamente beneficiados pela informática, através de cujos recursos reunimos livros e artigos muito preciosos para os nossos propósitos.

Não podemos deixar de mencionar os diálogos enriquecedores com amigos pesquisadores e professores da UNICAMP e PUC-Campinas, dos quais surgiram idéias muito positivas para o nosso trabalho.

Precisamos esclarecer que esta nossa pesquisa, desde o início, se propôs a ser essencialmente bibliográfica, sendo que as obras que maior contribuição trouxeram para ela foram: *The Victorian Frame of Mind*, de Walter Houghton<sup>1</sup>; *The de-moralization of society - from victorian virtues to modern values*, de Gertrude Himmelfarb<sup>2</sup>; e a obra de Peter Gay, em quatro volumes, com o título geral de *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*, especialmente seu primeiro volume, *E educação do sentidos*<sup>3</sup>.

Ao iniciarmos o trabalho de pesquisa, e durante ele, tivemos sempre em mente o fato de que não era nossa intenção fecharmos o assunto em blocos conclusivos e

---

<sup>1</sup> Livro obtido pela livraria virtual Amazon dos Estados Unidos da América. HOUGHTON, Walter E. *The Victorian Frame of Mind*. Virginia, USA: Yale University Press, 1985.

<sup>2</sup> Também obtido através da Amazon - EUA. HIMMELFARB, Gertrude. *The de-moralization of society. From Victorian Virtues to Modern Values*. New York: Vintage Books, 1996.

<sup>3</sup> Há tradução em português dos quatro volumes pela Companhia das Letras. GAY, Peter. *Educação dos Sentidos - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.

herméticos, e sim abriremos um horizonte, que consideramos riquíssimo, para o ensejo de posteriores análises e novas pesquisas que objetivamos ainda fazer. Bem como gostaríamos de deixar claro que nos enriquecemos com os subsídios de vários campos do conhecimento sem pretender abarcá-los em sua especificidade. Usamos a História sem pretensão historiográfica; usamos temas sociais, tendo a análise social apenas como subsídio; o mesmo acontecendo com a Literatura que, embora sempre discutida, também está contida no nível do subsídio.

Nossa dissertação em Filosofia da Educação tem uma proposta não tradicional ou metafísica, já que se preocupou essencialmente com a temática da Filosofia Social.

Após esta breve exposição, gostaríamos de apresentar resumidamente o conteúdo de cada capítulo.

O Capítulo 1 tem como título **“O Vitorianismo, seus desdobramentos socioculturais e literários”**; neste, elucidamos, logo no início, que nossa proposta é tomarmos o Vitorianismo como uma consciência de época de forte expressão literária, partindo do referencial teórico-metodológico da história das mentalidades como base interpretativa possível.

Segue-se uma explanação acerca da especificidade inglesa do Vitorianismo, com dados históricos importantes para a compreensão das conseqüências histórico-sociais do período em questão.

O próximo passo foi a análise do Vitorianismo como movimento sócio-religioso e artístico, com sua realidade cheia de contradições e contrastes: desigualdades sociais e hipocrisia, fé e dúvida, otimismo e medo.

Pareceu-nos importante levantarmos algumas hipóteses explicativas da emergência do movimento vitoriano, estando elas inseridas dentro de certa ambiência psíquica e moral habitada pelo medo e a euforia, otimismo e ansiedade - atitudes emocionais, intelectuais e morais. Esta análise nos remeteu ao intrigante contraponto entre puritanismo moralizante e hipocrisia - marca inequívoca que acabou rotulando a Era Vitoriana.

Como se verá no capítulo ora em comentário, o Vitorianismo teve dificuldade de distinguir ideais das possibilidades práticas do ser humano, assim criando - literariamente, sobretudo - personagens muito idealizadas e, por conseqüência, passando a crer em suas próprias “lendas”. Eis porque, ao ser criada a psicanálise pelo grande vitoriano Sigmund Freud, a noção de inconsciente manipulador das ações conscientes, a mentalidade vitoriana entrou em colapso.

Finalmente, no último item do Capítulo 1, buscamos refletir sobre a consciência vitoriana e a expressão literária: os aspectos gerais da Literatura Vitoriana, seus autores mais representativos e seu impacto, bem como a força da Literatura num mundo sem meios de comunicação de massas.

O Capítulo 2, **“A contextualização do Vitorianismo na abrangência da Modernidade”**, procurou recuperar aspectos panorâmicos da Modernidade, mostrando que certo tipo de mentalidade se foi desenvolvendo desde a Idade Média e formando o complexo de heranças que o século XIX vitoriano absorveu de maneira bastante peculiar. Mostramos que a Modernidade do século XIX vitoriano é caracterizada por momentos de continuidades e rupturas, sendo o surgimento das Ciências Humanas um forte e significativo exemplo de ruptura, em importantes aspectos.

**“Refletindo sobre a Educação Inglesa no século XIX”** é o título do Capítulo 3, que apresenta, inicialmente, breve esboço do panorama educacional do século XVIII, para depois focalizar especificamente a Educação Vitoriana, suas principais características, suas instituições e práticas mais importantes. Procuramos abranger a intencionalidade da maior parte da Literatura Vitoriana; as leituras em família, buscando a edificação dos valores morais e a exaltação das virtudes, os textos didáticos, os grandes autores e a sociedade vitoriana.

No quarto e último capítulo, **“Moral Vitoriana: A educação em dilema: moralismo ou ética?”**, objetivamos apresentar reflexões esclarecedoras acerca das noções de valor, moral e ética. Procuramos demonstrar que o Vitorianismo, ainda que tenha partido em busca de uma ética, não logrou ultrapassar o moralismo de conotação religiosa,

desdobrando-se em uma “educação moralizante”. E, para finalizar o texto, fizemos algumas abordagens gerais sobre o vitoriano Sigmund Freud, numa visão de abrangência de pontos de sua doutrina que acabaram por desestabilizar o edifício do Vitorianismo com suas intenções moralizantes.

Em Ângelo Domingos Salvador lemos que a Dissertação de Mestrado “*É um estudo teórico, de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de idéias sobre um determinado tema*” (*Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*, Ed. Sulina, 1980); como encontramos em Délcio Salomon, também sobre a Dissertação, que se trata de “*Trabalho feito nos moldes de tese, com a peculiaridade de ser ainda uma tese inicial ou em miniatura*” (*Como fazer uma monografia*, Interlivros, 1972). Ora, como em autores mais recentes a visão de Dissertação de Mestrado não mudou - apenas sofrendo variações pouco significativas - mantivemo-nos nos limites que nosso trabalho acadêmico deveria ter, reservando maiores pretensões de aprofundamento criativo para eventuais etapas futuras.

Nos limites da proposta de uma pesquisa iniciadora, como a de Mestrado, aqui nos detemos a discorrer sobre um tema com cuidados de documentação e argumentação.

O século XIX e o Vitorianismo sugerem, bem o reconhecemos, muitas abordagens às quais propositadamente aqui não nos dedicamos, de vez que, conforme anotado acima, ainda pretendemos ir bem mais adiante em tais temas. Na medida em que todo escrito necessariamente padece, em alguns aspectos, de incompletude, isto será mais fortemente verdadeiro nos passos de uma Dissertação de Mestrado.

Salvo engano nosso, por ora era o que devíamos e podíamos fazer. E foi uma rica experiência fazê-lo, a despeito de sua simplicidade.

## CAPÍTULO 1

### O VITORIANISMO, SEUS DESDOBRAMENTOS SOCIOCULTURAIS E LITERÁRIOS.

#### Introdução

Quando voltamos os olhos para o passado, este se nos parece um encadear infinito de fatos, e realmente os fatos se impõem, fazendo da história um contínuo marcado por descontinuidades que acabam tipificando uma época dada. A história é uma seqüência de ações e reações; neste encadeamento estão os períodos seqüenciais e os rupturais. A. Koyré, em seu livro *Estudos da História do Pensamento Científico*, diz que

*“Não se deve abusar da continuidade. As mudanças imperceptíveis em curto espaço de tempo engendram, a longo prazo, uma diversidade muito nítida; da semente à árvore não há saltos; e a continuidade do espectro não*

*torna as cores menos diversas*”<sup>1</sup>.

A proposta do presente capítulo é tomar o Vitorianismo inglês como uma consciência de época de forte expressão literária, como um período de grandes rupturas, as quais emergiram de reações diversas, tanto socioculturais quanto político-econômicas. Para tanto, parece-nos importante que estabeleçamos um referencial teórico-metodológico, o qual deverá nortear os rumos da presente proposta.

Entendemos que o século XIX foi essencialmente rico pelas reações aos acontecimentos históricos marcantes; reações estas que moldaram comportamentos, atitudes, representações coletivas inconscientes importantíssimas para a caracterização deste período.

Objetivamos, considerando o Vitorianismo uma consciência de época, tomá-lo como um complexo de ações humanas que são, no entanto, reações a antecedentes históricos bem como às tendências do nascente século XIX.

Dentro desse escopo, muitos eixos interpretativos seriam possíveis; optamos, no entanto, por tomar como uma base interpretativa possível a história das mentalidades, entendendo-a como o estudo das transformações conscienciais resultantes do encontro dos seres humanos com o seu mundo.

Partiremos, outrossim, da fundamentação culturoológica proposta por Bronislaw Malinowski, cuja teoria da cultura é hoje clássica na Antropologia Cultural. Este cientista e pensador concebeu a cultura como uma realidade tri-sistêmica, num aporte que nos parece bastante abrangente e completo. Malinowski aponta três sistemas como formadores do cultural; e são os seguintes, resumidamente: a) *Sistema adaptativo*: diz respeito às adaptações que o ser humano faz da natureza a si mesmo e de si mesmo à natureza. É um princípio de *sobrevivência*. b) *Sistema associativo*: refere-se às interações humanas (pessoais, grupais, institucionais e até internacionais). É um princípio de *convivência*. c)

---

<sup>1</sup> Alexandre KOYRÉ. *Estudos da História do Pensamento Científico*, p 16.

*Sistema ideológico*: para Malinowski é a produção de bens mais refinados de cultura (teologia, arte, filosofia, ciência tecnológica, etc.). É um princípio *criativo*.<sup>2</sup>

Em campo filosófico lançaremos mão do conceito de *episteme* ou, numa linguagem mais explicativa, matrizes epistêmicas, de Michel Foucault, que no texto intitulado *História e Descontinuidade* também contribui para o embasamento daquilo que sustenta a nossa idéia de consciência de época.

*“Sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas do espírito, sob o devir persistente de uma ciência que luta pela existência e pela perfeição desde seu início, procura-se agora detectar a incidência das interrupções (...). Não julgaremos, pela aparência, que algumas das disciplinas históricas foram do contínuo ao descontínuo, enquanto outras - a bem dizer a história propriamente dita - iam do formigueiro das descontinuidades para as grandes unidades ininterruptas. Para a história, sob sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável: aquilo que se oferecia sob a forma de eventos, de instituições, de idéias, ou de práticas dispersas; e aquilo que devia ser, pelo discurso do historiador contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos encadeamentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador tinha ao seu cargo suprimir da história. Ela tornou-se hoje um dos elementos fundamentais da análise histórica”*<sup>3</sup>.

Ainda que concebamos as mentalidades como *“estruturas de crenças e comportamentos que mudam lentamente, tendendo por vezes à inércia e à estagnação”*<sup>4</sup>,

<sup>2</sup> *Apud.* Regis de MORAIS. *Estudos de Filosofia da Cultura*, passim.

<sup>3</sup> Michel Foucault, “História e descontinuidade”, in M. B. SILVA. (org.), *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, s/d, p. 56.

<sup>4</sup> Ciro C. FLAMARION e Ronaldo VAINFAS. *Domínios da História*, p. 134.

segundo o importante conceito de “longa duração”, de Fernand Braudel; o processo de formação e sedimentação de tais comportamentos é instigado por rupturas que vão causando sulcos profundos em antigas convicções, provocando, desta forma, a referida diversidade tipificadora de uma época.

O estudo dos comportamentos que levaram o Vitorianismo a extremos de puritanismo e hipocrisia certamente desvelará estruturas comportamentais mais profundas capazes de abrir as portas para o verdadeiro modo de viver e pensar do século XIX inglês; para uma consciência de época muito mais intrincada do que a rotulação mais superficial possa ter divulgado ao longo do tempo.

#### **A) A ESPECIFICIDADE INGLESA DO VITORIANISMO**

Como já aludimos, todo movimento histórico é uma ação que é reação a algo. O quadro de expectativas da Inglaterra vitoriana foi extremamente influenciado pelos grandes acontecimentos revolucionários do século XVIII; foi especialmente caracterizado por uma reação ao liberalismo marcadamente francês, ao materialismo de tipo voltairiano e ao anti-clericalismo como forma de expressão do livre-pensamento. Até mesmo o aspecto insular da Grã-Bretanha facilitou o desenvolvimento de um sentimento de defesa quanto ao continente, que naquela altura representava o caos que uma nação em franco desenvolvimento industrial e com um conseqüente patriotismo aflorado tanto temia.

O período vitoriano, que tem seu núcleo entre 1837 e 1901 (notadamente durante o reinado da Rainha Vitória), foi de grandes contrastes. De um lado, havia a euforia pelo crescimento industrial, que colocou a Inglaterra (especialmente a cidade de Londres) na vanguarda desse processo, deslocando o estilo de vida inglês, até então baseado na agricultura, para uma economia urbana moderna baseada no comércio e na indústria. De outro lado, o vitorianismo se mostra como expressão de pavor à modernização, à rapidez

jamais vivenciada de mudanças tão radicais.

Numa época de transições intensas, em que a resistência em abandonar o ‘velho’ se chocava de maneira brutal com a imposição do ‘novo’, os contrastes se mostravam tão gritantes que foi possível, num mesmo país, num mesmo século, a existência de diversas formas de materialismo, a par de um movimento religioso quase beirando o fanatismo.

Como já dissemos, o séc. XIX viu crescer, especialmente na cidade de Londres, um imenso centro industrial, o que propiciou, com o desenvolvimento do comércio, a entrada de capital e, de outra parte, as descobertas científicas; tudo isso alimentou um crescente otimismo. Os filósofos racionalistas acrescentavam que, através do controle do meio ambiente, a vida humana seria amplamente beneficiada.

Mesmo Carlyle, *“though hostile to Utilitarianism, thought the age was advancing because ‘knowledge, education are opening the eyes of the humblest; are increasing the number of thinking minds without limit’”*<sup>5</sup> (“embora hostil ao Utilitarismo, acreditava nos avanços de seu tempo, porque ‘o conhecimento e a educação estão aumentando o número de mentes pensantes sem limite’”).

Havia uma crença de que o momento presente, embora de grandes dúvidas e confusão, era o término de uma fase crítica (séc. XVIII e suas revoluções) e, portanto, as portas estavam abertas para o renascimento, para o novo. No entanto, o novo também amedrontava.

A Grande Exibição de 1851, popularmente conhecida como a Exibição do Palácio de Cristal, no Hyde Park de Londres, encabeçada pelo Príncipe Albert, é uma mostra do grau de confiança e orgulho nos progressos jamais vistos. Nessa Exibição foram apresentadas cerca de cem mil mostras do progresso industrial, bem como ingenuidades mecânicas. Sem dúvida uma celebração da prosperidade e progressos materiais da era vitoriana.

---

<sup>5</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 29.

“‘*Within the last half century*’, wrote one Victorian in the year of the *Great Exhibition*, ‘*there have been performed upon our island, unquestionably, the most prodigious feats of human industry and skill witnessed in any age of time or in any nation of the earth*’”<sup>6</sup> (“‘Nesta última metade de século’, escreveu um vitoriano no ano da Grande Exibição, ‘têm-se desenvolvido em nossa ilha, inquestionavelmente, os feitos mais prodigiosos da indústria e habilidade humanas jamais testemunhados por qualquer era ou nação da terra’”).

O passado mercantilista deu lugar a uma sociedade industrial, às máquinas a vapor, ao *laissez-faire* econômico, que emergia do século XVIII.

A velocidade dos acontecimentos provocou certo atordoamento. Se o século XX foi e é palco de mudanças ainda mais rápidas, estas não pegaram tão de surpresa uma sociedade que, de certa forma, já se havia acostumado a tal velocidade de acontecimentos. Já o século XIX experienciou o surgimento das locomotivas a vapor, por exemplo, com um misto de euforia, pavor e nostalgia. Eis uma simbolização forte.

É extremamente ilustrativa a passagem em que Peter Gay, na sua obra *A Educação dos Sentidos*, apresenta-nos a reação do escritor W.M. Thackeray ao advento das locomotivas a vapor.

“*A velocidade irresistível da roda do tempo gerou uma nostalgia pungente e patética dos dias que antecederam o advento da ferrovia. ‘Nós, que vivemos antes da construção das estradas de ferro’, escreveu Thackeray, ‘pertencemos a um mundo diferente’. Quando as pessoas andavam em carruagens, ‘então sim é que o mundo era mundo’. Ele admitia que ‘a pólvora e a imprensa tendiam a modernizar’ a civilização;*

---

<sup>6</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 40.

*entretanto, insistia, é a ferrovia ‘que cria uma nova era’. E comparava aqueles que ‘viviam antes da ferrovia e que sobreviveram ao velho mundo’ a ‘Noé e sua família saídos diretamente de sua Arca. As criancinhas farão uma roda à nossa volta e dirão: ‘Conte-nos, vovô, como era o mundo de antigamente’. E nós murmuraremos as nossas velhas histórias, e um a um nos iremos; e seremos cada vez menos, e os que sobrarem estarão muito velhos e debilitados’. Não havia dúvida. Se aceitarmos as hipérboles e as sutilezas do humor travesso de Thackeray, a pequena cena que ele criou materializa uma sensação de perda bastante real”<sup>7</sup>.*

Os avanços com relação à quebra de obstáculos como o da lentidão de locomoção provocaram um “estreitamento geográfico” - era possível um intercâmbio maior entre diferentes localidades, intercâmbio este que provocou avanços em outras áreas: expansão do conhecimento, aumento do número e distribuição de publicações, por exemplo. A fragmentação do conhecimento tornou-se patente; havia muitas perguntas sendo feitas e muitas respostas sendo propostas, mas havia, sobretudo, grande desconfiança quanto à verdade, quanto à validade de tais respostas.

*“The victorian had to live in the meantime between two worlds, one dead or dying, one struggling but powerless to be born, in an age of doubt.”<sup>8</sup>* (“Os vitorianos tinham que viver, ao mesmo tempo, entre dois mundos, um morto ou morrendo, outro lutando, mas ainda sem força para vencer, numa era de dúvida”).

- **O vitorianismo como movimento sócio-religioso e artístico.**

---

<sup>7</sup> Peter GAY. *A educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 55.

<sup>8</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 09.

O século XIX, por seus contrastes, ensejou certo despistamento que só se explica pela diversidade dos conflitos que fez com que fosse criada uma espécie de cenário ideal; ele tinha uma aparência, mas a realidade era outra. Ou até melhor dito: tinha e era uma realidade dupla, com contradições.

Uma coisa era a realidade veiculada pelos grandes escritores e artistas da época que, embora muitas vezes se mostrassem críticos, elaboravam seus ataques às desigualdades e hipocrisias de seu tempo de uma distância segura, como encontramos em *A Feira das Vaidades*, de W.M. Thackeray, o seguinte trecho ilustrativo:

“(…)

*De algum tempo para cá deixou de ser o Solar do Tédio, desde a chegada de Miss Crawley, com seus cavalos gordos, seus criados gordos, seu cachorro gordo... a excelsa, a rica Miss Crawley, que possui setenta mil libras a cinco por cento, a qual (ou talvez fosse mais exato dizer as quais) os manos adoram. (...)*

*Quando ela nos visita, as portas se abrem de par em par, e durante um mês, pelo menos, poderia imaginar-se que o velho Sir Walpole ressuscitou. Temos jantares, e passeios na carruagem de duas parelhas; os lacaios vestem suas librés mais novas cor de canário; bebemos clarete e champanha diariamente, como se esse fosse o hábito da casa; temos velas de cera na sala de aulas, e lareiras sempre acesas. (...)”<sup>9</sup>.*

Observe-se como a preocupação central da família em foco é com as aparências.

Outra realidade era a da história concreta, com seus sofrimentos muitas vezes tenebrosos, cruéis. Parece-nos interessante transcrevermos um texto de Disraeli (ministro conservador do Império Britânico), em que encontramos uma dramática descrição do trabalho infantil nas minas de carvão da Inglaterra do século XIX:

*“A mina vomita seus prisioneiros e o poço seus escravos: multidões de jovens dos dois sexos, mas que infelizmente nem os vestuários nem a linguagem os diferenciam. As meninas se vestem como homens, e blasfêmias, que fariam estremecer homens, maculam seus lábios, que só deveriam pronunciar palavras de doçura e de amor. E no entanto, aí estão algumas, e outras que já o são, futuras mães inglesas. Mas como nos espantarmos da grosseria horrível de sua linguagem, quando pensamos na rudeza selvagem de suas vidas? Nusas até a cintura, as pernas cobertas com uma calça de estamemha, presas por uma corrente de ferro segura a um cinto de cobre, essas meninas inglesas são condenadas a passar doze e às vezes dezesseis horas por dia a empurrar, puxar, dirigir vagões pesados por caminhos subterrâneos, escuros, lamacentos e fortemente inclinados. Essas circunstâncias parecem ter escapado à atenção da sociedade formada para a abolição da escravidão negra. Seus dignos membros parece também terem ignorado as cruéis torturas de pequenos **trapers** (crianças encarregadas de abrir e fechar porteiros), o que é tanto mais de estranhar quanto alguns desses próprios membros (da sociedade contra a escravidão negra) empregam eles próprios essas infelizes crianças. Vede-as saírem das entranhas da terra. São crianças de 4 a 5 anos (sic), algumas delas meninas bonitinhas, delicadas e tímidas. Funções da maior importância lhes são confiadas e as obrigam a serem os primeiros a entrar e os últimos a sair”<sup>10</sup>.*

Da mesma forma, anota criticamente o escritor George Steiner:

---

<sup>9</sup> W. M. THACKERAY. Trecho do romance *A Feira das Vaidades*, p.108.

<sup>10</sup> Benjamim DISRAELI, texto citado no livro monumental da UNESCO, in Alceu Amoroso LIMA, *Os direitos do homem e o homem sem direitos*, p. 4.

*“Entendemos que a crosta de alta civilidade cobria profundas fissuras de exploração social; que a ética sexual burguesa era um verniz, mascarando vasta extensão de turbulenta hipocrisia; que os critérios de uma instrução genuína eram aplicáveis apenas a uns poucos; que o ódio entre as gerações e as classes era profundo, ainda que muitas vezes silencioso; que a segurança no faubourg e nos parques baseava-se claramente na ameaça, permitida mas mantida em quarentena, dos cortiços. Qualquer um que se dê ao trabalho de verificar compreenderá o que significava trabalhar em uma fábrica vitoriana (...).”<sup>11</sup>*

Num tempo em que emergiram diversas formas de materialismo: o materialismo positivista de Augusto Comte, o evolucionista de H. Spencer, o utilitarista de J. Bentham, o dialético de Marx e Engels, etc.; houve, no entanto, um apego quase dramático a certa religiosidade severa. Entendia-se que, a despeito das negações racionalistas, qualquer colapso da fé popular destruiria o sentido de moralidade, o que, por sua vez, acabaria desintegrando a sociedade.

Era grande a ansiedade por uma nova fé, aquela que pudesse pôr fim, de uma vez por todas, às tensões provocadas pelas dúvidas crescentes. Mas essa busca esbarrou num grande comodismo que fez os vitorianos, de um modo geral, assumirem atitudes descompromissadas. Em sua maioria, preferiam deixar ao encargo dos pensadores - filósofos e literatos - o trabalho de especularem sobre as grandes questões de seu tempo. Eram mais propensos a defenderem as opiniões de seus “elders e betters”, do que questioná-las ou formularem suas próprias.

Essa tendência abriu as portas para intenso dogmatismo.

Nas palavras de J.S. Mill, apresentadas e comentadas por Houghton:

---

<sup>11</sup> George STEINER. *No castelo do Barba Azul*, p. 17.

“... *‘philosophy altogether - speculation of any comprehensive kind, and upon any deep or extensive subject - has been falling more and more into distastefulness and disrepute among the educated classes of England’*. *Except in mathematics and science, there was ‘not a vestige of a reading and thinking public engaged in the investigation of truth as truth’*.<sup>12</sup>(“... ‘toda filosofia - especulação de qualquer tipo compreensível e sobre qualquer assunto, profundo ou extensivo - tem caído cada vez mais em desagrado e má reputação entre as classes educadas da Inglaterra’. Com exceção da matemática e ciência, não há ‘nenhum vestígio de um público pensante engajado na investigação da verdade como verdade’”).

A verdade em que os vitorianos acreditavam era a verdade absoluta, estabelecida dogmaticamente por homens a quem não se devia questionar. Isso fez das mentes vitorianas um complexo de rigidez assumida e dúvida velada. Havia, em quase tudo, uma afirmação implícita de infalibilidade o que, afinal, era praticamente uma necessidade, já que viviam agora sob a pressão de uma vida competitiva. Mas aqui também se observa um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a rigidez vitoriana era amplamente assumida, as mentes mais flexíveis e mais abertas, como as de Matthew Arnold, Stuart Mill, Morley, entre muitos outros, pensadores muitas vezes considerados os profetas a quem seguiam cegamente, eram críticas contumazes dessa mesma rigidez, desse dogmatismo exacerbado.

Ainda assim, na literatura e nas artes imperava o controle, evitava-se qualquer tipo de excesso ou arrojo.

O termo “earnest” foi amplamente aplicado aos escritores do período, o que não significa que a qualidade de “earnestness” implicasse em alto grau de tensão; não intimidou a ironia de um Thackeray ou as críticas de Dickens. A energia do Romantismo persistiu na era vitoriana de modo temperado; foi canalizada para formas de disciplina severas, distando bastante dos excessos belamente selvagens e arrojados deste movimento artístico.

---

<sup>12</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 112.

Os arroubos de puritanismo eram marcantes especialmente na prosa vitoriana, notadamente nas “novels”, geralmente publicadas em fascículos, uma vez que eram lidas em voz alta para toda a família. Assim, os autores eram quase que impelidos a produzirem obras que servissem de exemplos edificantes de disciplina e moralidade.

*“A much more significant kind of pressure on the victorian writers was the desire on the part of readers to be guided and edified”*<sup>13</sup> (“Um tipo de pressão mais significativo sobre os escritores vitorianos foi o desejo por parte dos leitores de serem guiados e edificados”).

No âmbito religioso, o racionalismo quase iluminista dos escritos de Carlyle e o aparecimento dos *Evangelicals* - um ramo da igreja da Inglaterra que advogava o não-conformismo ante os dogmas da *Established Church* - também mostram o grau de efervescência do pensamento da época.

O tratado de Charles Darwin *The Origin of Species* (1859) veio acrescentar um ingrediente explosivo às convicções já pouco firmes do século XIX inglês. Por baixo de uma superfície plácida e próspera, havia conflitos crescentes. Se o homem era identificado com o reino animal, se o conceito bíblico da criação era posto por terra, seríamos todos naturalmente autômatos? Qual a razão de se acreditar em um Deus se a resposta para tudo está na natureza?

*“... nature became a battleground in which individuals and species fought for their lives.*

*(...) If **this** nature was the creation of God, then God ‘is disease, murder and rapine’ (...) Or (...) there is no God and no immortality, but only Nature,*

---

<sup>13</sup> “The victorian age - 1832-1901”, Norton Anthology of English Literature, p. 1905.

*indifferent to all moral values, impelling all things to a life of instinctive cruelty ending in death.*<sup>14</sup> (“... a natureza se transformou num campo de batalha no qual indivíduos e espécies lutavam por suas vidas. (...) Se **esta** natureza era a criação de Deus, então Deus ‘é doença, assassinato e rapina’ (...) Ou (...) não há nenhum Deus e nenhuma imortalidade, mas somente a Natureza, indiferente a todos os valores morais, impelindo todas as coisas para uma vida de crueldade instintiva que termina na morte”).

## **B) HIPÓTESES EXPLICATIVAS DA EMERGÊNCIA DO MOVIMENTO VITORIANO**

- **Ambiência psíquica e moral**

Medo e euforia, otimismo e ansiedade; as atitudes emocionais da era vitoriana, emergidas do contexto em estudo, delinearam as respostas comportamentais que, se analisadas superficialmente, podem levar a equívocos interpretativos.

Os vitorianos eram, ao mesmo tempo, temerosos e confiantes; havia o que podemos chamar de *respostas internas e externas*; internamente temiam as dúvidas que seu tempo fez surgir, e, como resposta defensiva externa, colocavam-se como senhores absolutos de uma época próspera, na qual a infalibilidade de seus líderes, tanto no campo das ciências como das Letras e da Filosofia, assegurava uma posição de privilégio ante as demais nações. Homens e mulheres viviam numa luta constante de autoconvencimento - precisavam acreditar naquilo que ‘pareciam’ ser.

Essa ambiência psíquica foi o trampolim para a construção de uma necessidade quase que desesperada - ante a possibilidade de que o edifício de areia de uma nação feita de orgulho e prosperidade material viesse por terra, era preciso que as virtudes morais fossem erguidas como pilares seguros; único recurso que assegurasse a continuidade de

---

<sup>14</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 68.

uma situação aparentemente satisfatória.

As raízes do que se chamou de “reforma moral” situam-se já meio século antes de que a rainha Vitória fosse coroada. Em 1787, o rei George III proclamou “... the ‘Encouragement of Piety and Virtue, and the Preventing and Punishing of Vice, Profaneness, and Immorality’ (...) ‘the ‘Preservation of Public Morals’, the ‘Suppression of Public Lewdness’”<sup>15</sup>(“... o ‘Encorajamento da Piedade e da Virtude, e a Prevenção e Punição do Vício, Profanação e Imoralidade” (...) “a ‘Preservação das Morais Públicas’, a ‘Supressão da Obscenidade”). O período denominado *vitoriano* é, portanto, desdobramento histórico de preocupações pregressas.

Como atitude intelectual temos certo dogmatismo, certo anti-intelectualismo e a rigidez que, invariavelmente, vieram reforçar posturas superficiais que escondessem as crises no âmbito das questões mais profundas, ligadas às reais necessidades de cada pessoa.

As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral vitoriana como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade - *earnestness*), a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações.

Somente no nosso século, com a relativização e subjetivação da moralidade, é que tais virtudes passaram a ser referidas como “valores”. Depois de John Locke, foi Nietzsche quem, no final do século passado, falou de “valores” nesse sentido - no plural, designando as crenças morais e atitudes de uma sociedade.

*“‘values’ brought with it the assumptions that all moral ideas are subjective*

---

<sup>15</sup> Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from victorian virtues to modern values*, p. 6.

*and relative, that they are mere customs and conventions, that they have a purely instrumental, utilitarian purpose, and that they are peculiar to specific individual and societies.*”<sup>16</sup>(“os valores’ trouxeram consigo as suposições de que todas as idéias morais são subjetivas e relativas, que são meros costumes e convenções, que têm um propósito puramente instrumental e utilitário, e que são peculiares a indivíduos e sociedades específicas”).

### **C) CARACTERIZAÇÃO DO VITORIANISMO: O INTRIGANTE CONTRAPONTO ENTRE PURITANISMO MORALIZANTE E HIPOCRISIA.**

- **Bipolaridade moral do vitorianismo.**

- **Puritanismo / hipocrisia:**

No século XIX inglês, ora a ingenuidade (ou fragilidade crítica), ora a rendição a uma teia de crenças, ora a hipocrisia intencional, foram coisas que serviram para adaptar comportamentos e convicções de forma a torná-los aceitáveis para a sociedade.

*“O historiador inglês J.A. Froude detectou em 1849 ‘um divórcio completo entre o que se pratica e o que se prega, de tal maneira que toda vida*

---

<sup>16</sup> Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from victorian virtues to modern values*, p. 11.

*moderna na Inglaterra se transformou numa imensa mentira''<sup>17</sup>.*

Enquanto estímulo à agressividade, já que concebido como luta moral contra as paixões, o puritanismo inspirou a intolerância à não observação rígida daquilo que era considerado como virtude: disciplina, seriedade, decoro, etc.; intolerância esta baseada na crença da eleição divina daqueles que seguissem os ideais elevados de pureza. Na busca desses ideais o uso do poder, da força, era amplamente justificado.

*“It was in the name of the jealous God of the Old Testament that Carlyle pronounced the famous dogma that might is right. Might was right because in His universe only what was right was given the strength to succeed. True, injustice might have power enough to conquer temporarily, but in the long run the victory of strength was bound to be true, victory of justice.”<sup>18</sup>* (“Foi em nome do Deus ciumento do Velho Testamento que Carlyle proferiu o famoso dogma: a força é correta - o poder é moralmente bom. Isso porque no universo de Deus, somente aos fortes e poderosos é dada a força para vencer. É verdade que a injustiça pode ter poder suficiente para vencer temporariamente, mas a longo prazo a vitória da força é inevitável, a vitória da justiça”).

Os vitorianos, embalados por afirmações deste tipo, escondiam suas reais convicções, gostos e inclinações; de fato, pretendiam ser melhores do que verdadeiramente eram. Afirmavam-se portadores de uma piedade e moral inabaláveis, fechavam seus olhos para tudo o que pudesse ser indigno, feio, sujo, fingindo que tudo isso não existia. Lendo-se os clássicos romances de Jane Austen, vemos com total clareza o descompasso entre o discurso moralista e os comportamentos hipócritas da sociedade vitoriana.

---

<sup>17</sup> Peter GAY. *A educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 292.

Conformismo, pretensão moral, evasão - tudo isso compõe o molde para a ambigüidade moral vitoriana.

- **Distinção entre ideal e possibilidade de prática (fragilidade humana).**

Antes de se ter vivido as contribuições da psicanálise (especialmente com sua idéia de um *inconsciente* manipulador dos atos conscientes), as pessoas confundiam com extrema facilidade o *ideal* com o *possível*, hiperdimensionando a sua capacidade de orientar a própria vida e com dificuldade de se conscientizar quanto à fragilidade da condição humana.

Não é de se estranhar que, de todas as atitudes, nenhuma foi tão atacada pelos vitorianos quanto a hipocrisia; mesmo as pequenas faltas eram severamente criticadas, o que assegurava ao seu crítico ares de isenção, postura essa profundamente incorporada por aqueles que defendiam (como mecanismo de defesa contra seu tempo e contra sua própria fragilidade) virtudes que eles mesmos não possuíam.

*“A Saturday Review (1855), uma revista semanal londrina com muito vigor e feroz agressividade, argumentava que (...) ‘o decoro exterior freqüentemente encobre os mais terríveis abismos de maldade’ (...) ‘publicar longos relatos de crimes e dos criminosos que os cometeram sob a alegação de que é preciso denunciar a hipocrisia da sociedade e expor os pontos fracos de ‘Nossa Civilização’, mas tendo na realidade o objetivo de satisfazer precisamente aquela curiosidade mórbida pela maldade, que constitui um dos mais vis apetites da natureza humana’, é por si só ‘uma mistura sumamente desagradável de imoralidade e hipocrisia’. Os piores hipócritas, em suma, eram aqueles que perseguiram obsessivamente a*

---

<sup>18</sup> Walter E. HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 215.

*hipocrisia a fim de satisfazer necessidades escusas.*”<sup>19</sup>

Como já foi dito, a Literatura, especialmente aquela denominada literatura pedagógica, com fins de aconselhamento, punha, por falta de senso crítico, as virtudes muito mais à mão das pessoas do que realmente estavam; tais textos ditavam normas e regras de comportamento como se fossem vestimentas fáceis de se adquirir e usar, para pessoas verdadeiramente sérias e honradas, para cidadãos de um império que estava acima dos demais. Aparentemente, a vida humana era conduzida apenas pela vontade consciente. Futuramente, estudos psicanalíticos e filosóficos, como os de Freud sobre o inconsciente e a sexualidade, negaram isto e obrigaram os seres humanos à humildade de suas almas (psiques) divididas e problemáticas.

É possível dizer que o verdadeiro hipócrita, aquele que age com essa intenção, era figura rara no século XIX inglês, de vez que os vitorianos viviam sua hipocrisia enganados por um inconsciente manipulador que os fazia acreditar nela plenamente.

- **Simulacro antropológico - pessoa e personagem.**

Considerando-se que a história de vida de uma pessoa é documental, feita de certidões de nascimento e casamento, fatos, recordações e *souvenirs* até ao óbito; e que a imagem construída ao longo da vida, a maneira como cada um quer ser conhecido equivale à lenda pessoal, ao mito próprio criado, à *personagem*, pode-se dizer que a pessoa é uma corrente vital que, ao mesmo tempo, se exprime e se esconde na personagem, e personagens são simulacros antropológicos.

Essas considerações valem para cada pessoa e também para agrupamentos mais ou menos amplos de seres humanos, em dado *espaço* (lugar) e em dado *tempo*. Épocas inteiras constroem personagens ideais e às vezes acreditam de fato em suas lendas. Trata-se de uma mistura de envolvimento sociais, ingenuidades, auto-sugestões, e também

---

<sup>19</sup> Peter GAY. *A educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 292.

comportamentos propriamente hipócritas porque intencionalmente espúrios. Nesta trama simbólica, as pessoas ora se revelam nas personagens, ora se escondem nelas, fazendo o jogo das aparências enganosas.

Como os tipos ideais de outras épocas, os tipos vitorianos são essa síntese entre o espúrio e o autêntico, entre teatralidade e moralidade.

*“The Victorians thought it no small virtue to maintain the appearance, the manners of good conduct even while violating some moral principle, for in their demeanor they affirmed the legitimacy of the principle itself.”*<sup>20</sup> (“Os vitorianos acreditavam não ser desvirtuoso manter as aparências, as maneiras de boa conduta, mesmo violando algum princípio moral, já que através de seu comportamento afirmavam a legitimidade do próprio princípio”).

Esta visão de comportamento ideal, aceitável, levou à separação da vida cotidiana em duas esferas distintas de atuação. Uma, regida pelo homem e o trabalho fora do lar, outra, completamente diferente, em que atuava a mulher com seus deveres de esposa e dona de casa.

A família nunca foi tão reverenciada e sentimentalizada quanto na Era Vitoriana. O lar transformou-se num templo de perfeição, regido por aquela que representava o ideal de fidelidade, maternidade, zelo pelo grupo familiar; era uma espécie de refúgio onde os homens podiam deixar de lado suas *máscaras* de advogados, soldados, etc., para serem apenas homens.

Mas esse culto ao lar, essa divisão em esferas diferentes, implicou necessariamente na inferiorização da mulher, já que à sua personagem era praticamente negado o acesso à vida pública, ao estudo, à participação nos assuntos da comunidade de modo geral.

Associava-se a moralidade à mulher e o intelecto ao homem. Coisa contra a qual a romântica rebelde George Sand se voltou.

É importante lembrar que um dos pensadores mais influentes do século XIX, John Stuart Mill, foi um feminista declarado, abrindo as portas, com seu *The Subjection of Women*, ao movimento feminista que acabou adquirindo elevado valor em termos de ganhos para o estreitamento das mencionadas esferas divididas.

Mas é igualmente importante notar que, mesmo as feministas da era vitoriana, não escaparam das armadilhas de comportamentos e visões de mundo já tão arraigados. Quando da campanha pela concessão do direito ao voto para as mulheres, muitas delas (incluindo grandes escritoras como George Eliot, Charlotte Brontë, Mrs. Gaskell, Elizabeth B. Browning e Christina Rossetti) se colocaram contra por acreditarem na incapacidade e alienação das mulheres vitorianas quanto às questões políticas relevantes, ou por considerarem que havia questões de maior importância às quais devessem endereçar sua atenção.

Beatrice Webb, socialista e intelectual, assinou a petição anti-sufrágio, alegando que não queria colocar em risco as virtudes especiais das mulheres em seu papel de mães e esposas.

*“Surely we need some human beings who will watch and pray, who will observe and inspire, and, above all, who will guard and love all who are weak, unfit or distressed? Is there not a special service of woman, as there is a special service for man?”*<sup>21</sup> (“Certamente precisamos de alguns seres humanos para nos assistir e orar por nós; quem irá observar e inspirar e, acima de tudo, quem irá vigiar e amar a todos os fracos, incapazes ou aflitos? Não haverá deveres especiais para a mulher, assim como há para o homem?”).

---

<sup>20</sup> Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from victorian virtues to modern values*, p. 23.

<sup>21</sup> In Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from victorian virtues to modern values*, p.

Neste clima de inferiorização da mulher, há pelo menos dois aspectos fundamentais que caracterizaram o reinado forte da Rainha Vitória: um, prático, que traduzia a histórica sucessão, na família real, de reis e rainhas; outro, psicológico, pois logo o povo inglês percebeu na Rainha Vitória uma incomum força de personalidade; um lado virilóide, embora sua muito feminina alma apaixonada.

A formação das personagens ideais da Era Vitoriana, tanto no que se refere aos homens quanto às mulheres, passou, portanto, por uma série de fatores que englobam aspectos psicológicos, sociais e econômicos; aspectos esses que se manifestaram de forma tão poderosa a ponto de criar um modelo influenciador que prevaleceu por décadas, avançando para o nosso século XX e fazendo deste parte atuante por longo tempo, mesmo até os dias de hoje.

#### **D) CONSCIÊNCIA VITORIANA E EXPRESSÃO LITERÁRIA.**

- **Aspectos gerais da literatura vitoriana.**

Em seu *Prefácio às Lyrical Ballads*, W. Wordsworth faz suas ponderações a respeito da natureza da poesia e o papel do poeta. Este manifesto revolucionário, que pretendia quebrar os laços com as restrições Neoclassicistas, em que seu autor disse da importância do poeta como “*a man speaking to men*”, abriu as portas para o movimento estético-literário chamado Romantismo. Ora, o início de tal movimento deve situar-se em fatos ocorridos entre 1797 e 1810 e vai até o término da primeira metade do século XIX, abrangendo, portanto, parte da Era Vitoriana. É certo que essa nova atitude literária, obviamente, sofreu influências e foi influenciadora de toda a gama de variantes complexas

que formaram o espírito de época do século XIX inglês.

Em suas características gerais, o Romantismo foi marcado por forte imaginação criadora; “os escritores românticos revelam no artista uma capacidade de criar mundos imaginários e acreditar na realidade dos mesmos”<sup>22</sup>; resumidamente, pelo subjetivismo, “a realidade é revelada através da atitude pessoal do escritor”<sup>23</sup>; pela evasão ou escapismo, pois ante um mundo atordoador, desigual, hostil, é preferível a fuga para um outro idealizado; também pelo reformismo daqueles que, ao invés de se isolarem preferiam propor-se a reformar o mundo; pelo ilogismo, culto à Natureza, retorno ao passado (especialmente à ambientação da Idade Média), pelo exagero, sentimentalismo, etc. Desculpe-se o esquematismo dessas conceituações, que precisam ser rápidas.

Diante desses aspectos principais do Romantismo, há que pensá-lo tendo como cenário a Era Vitoriana, embora os escritores vitorianos, em sua maioria, evitassem os excessos e a falta de controle no que se referia à forma, que eram característicos do Romantismo. Persiste, de todo modo, a mesma energia, embora canalizada para uma preocupação ainda mais exacerbada quanto à disciplina das formas.

Como já dissemos anteriormente, os escritores, literatos do século XIX, eram tidos como profetas, guias de uma sociedade que se tornava cada vez mais levada por certo dogmatismo, fruto do medo das novas tendências, do desnorteio que o novo, de um modo geral, estava criando.

As “*novels*”, estilo literário mais apreciado, eram editadas em fascículo semanais, seguindo, muitas vezes, as tendências e preferências dos leitores. Tais obras deveriam entreter seus leitores e, ao mesmo tempo, oferecer ensinamentos de fundo moral. Eram geralmente lidas em voz alta para o grupo familiar.

Quando uma obra se arriscava a sair um pouco que fosse desses moldes, a resposta vinha imediatamente sob forma de censura e reprimenda por parte do próprio editor.

---

<sup>22</sup> Domicio PROENÇA FILHO. *Estilos de época na literatura, passim*.

*“Em 1894, H.M. Alden, da Harper’s New Monthly Magazine, a respeito de assegurar a Thomas Hardy que ‘se sentia verdadeiramente envergonhado’ por intervir na publicação, julgou-se obrigado a lembrar a Hardy seu ‘compromisso’ de não publicar ‘nada que não pudesse ser lido em voz alta em qualquer círculo familiar’”<sup>24</sup>.*

Vários autores como E. Zola, G. Flaubert, T. Hardy, entre outros, sofreram a censura de seu tempo; houve quem levasse adiante, com protestos veementes, a intenção de publicar seus textos na íntegra; e houve também aqueles que preferiram proteger-se num estilo que, embora fosse crítico e irônico, não ensejasse maior desconforto.

*“Thackeray, como os leitores mais perspicazes não deixaram de notar, sentia-se mais à vontade dentro de um tímido convencionalismo do que lhe seria necessário e, apesar da veemência de suas sátiras, poderia seguramente ter-se permitido mais liberdade, especialmente no tocante à sexualidade”<sup>25</sup>.*

A busca por uma instrução moralizante através da literatura era enorme, o que fez com que uma vastíssima literatura pedagógica, permeada por conselhos legais, teológicos, médicos e morais inundasse o século XIX inglês.

No que se refere a isso, afirma Peter Gay:

*“(...) As conclusões, a argumentação, a própria retórica dessas obras de aconselhamento, publicadas ou inéditas, são notáveis pela simplicidade, ingenuidade e monotonia. Essa literatura tornou-se padrão para a ficção,*

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Peter GAY. *A educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 297.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 295.

*tanto a instrutiva quanto a destinada à diversão, para a poesia e para o teatro*''<sup>26</sup>.

A literatura da Era Vitoriana foi de intensa criatividade e produtividade especialmente na prosa. Os grandes autores sentiam intensamente as exigências da sociedade e, como filhos de seu tempo, o retrataram de forma inspirada, ainda que, por vezes, submetida aos critérios rígidos de um código moral exigente.

- **Autores mais representativos: seu impacto.**

O século XIX inglês, como já foi dito, teve na prosa seu gênero literário mais representativo. Muitos foram os autores e as obras de grande valor que fizeram deste um dos períodos de maior efervescência em criatividade e produtividade literárias, o que torna evidentemente inviável a menção e análise do grau de representatividade de cada um desses literatos.

É quase unânime a constatação de que o autor mais importante da prosa vitoriana foi Charles Dickens. Muito provavelmente por sua infância difícil, de trabalhador numa fábrica de graxa, num lar cuja miséria insistia em não abandonar, e tendo sido, durante toda a sua vida, um perfeito autodidata pela impossibilidade de estudos regulares em escolas; Dickens levou sempre consigo, em suas obras, o propósito de criticar a maioria das instituições públicas da Inglaterra - escolas, prisões, hospitais e albergues para pobres -, imbuído de um intenso espírito de reforma.

Dickens teve o privilégio de ser reconhecido em seu próprio tempo e o impacto de suas obras foi tão grande que os fascículos de seus livros eram avidamente aguardados a cada semana.

Escreveu seu biógrafo, Robert de Pontevice de Heussey, quando das publicações

---

<sup>26</sup> Ibidem, p. 308.

das histórias de Pickwick:

*“Foi uma verdadeira febre. Uma epidemia atacava o público à saída de cada fascículo. Toda a gente falava do Pickwick, todos os comerciantes davam às mercadorias o nome de Pickwick. À porta dos estabelecimentos havia tecidos Pickwick, calças Pickwick, charutos Pickwick, chapéus de aba estreita e levantada à Pickwick, bengalas com castão à Pickwick, sobretudos de tecido verde-escuro, enfeitados com botões de metal ou de osso, à Pickwick, e até as carruagens que rodavam pelas ruas de Londres também eram à Pickwick”<sup>27</sup>.*

A profusão de sua criação era tão grande que, para descansar de um livro, escrevia outro. Tinha o hábito de vagar pelas ruas de Londres, à noite, a fim de colocar em marcha a máquina de sua imaginação. Tornou-se o autor da moda, travando amizade com outros grandes escritores da época, tendo, em sua viagem aos Estados Unidos, oportunidade de um encontro - muito apreciado por ele - com Edgar Allan Poe.

Em suas obras, Dickens criava uma atmosfera de vida e movimento em que habitavam personagens que a fecundidade de sua força criadora ia fazendo surgir. Nisso ele foi absolutamente exímio. Mas, como bem o disse Oscar Mendes: *“Dickens nunca se aprofundou nos conflitos íntimos de seus personagens. Os conflitos existentes em seus livros são conflitos de individualidades com o seu meio social, de indivíduos para com indivíduos. As lutas são exteriores. Não é um psicólogo profundo”<sup>28</sup>*. E talvez nem pudesse ser, pelas próprias características de seu tempo.

Embora criticado por alguns em razão da sensibilidade extremada que, por vezes, fazia com que acentuasse os traços cômicos e dramáticos de seus personagens, o inegável valor de sua obra foi apontado por nomes como Thackeray, Taine, Van Dyke, entre outros,

---

<sup>27</sup> Oscar MENDES. *Estética da Literatura inglesa*, p. 29.

e a duração do reconhecimento geral no âmbito da literatura mundial chega aos nossos dias com grande força.

O fato é que, através de um estilo considerado por alguns adequado demais aos gostos vitorianos, e exatamente por esse motivo, as palavras de Dickens tocaram as mentes de seu tempo, embora não apenas as de seu tempo.

Homem que tinha horror à injustiça e à prepotência, foi fiel ao que verdadeiramente sentia, extravasando seu ímpeto de reformador social numa obra de valor inestimável.

Nas palavras de Van Dyke: “*Nenhum escritor de ficção fez mais bem ao mundo do que Dickens*”<sup>29</sup>.

\*

Na caudalosa produção literária do período vitoriano, vemos que não menos importante foi a contribuição de William Makepeace Thackeray que, com uma ironia refinada, talvez tenha sido quem melhor descreveu e salientou os costumes e defeitos do vitorianismo.

Em seus romances traça com segurança e profundidade cenas, episódios, tipos e acontecimentos, pinçando aqui e ali o que mais incomodava os vitorianos, exatamente o que se esforçavam por esconder: a falta de escrúpulos, a hipocrisia, o calculismo, etc. Um bom exemplo disso é seu personagem protagonista de *Vanity Fair* (A Feira das Vaidades), Rebecca Sharp, mulher sem escrúpulos e de vida irregular; este livro deu novo sabor à ficção inglesa, acostumada ao sentimentalismo de Dickens, e sem dúvida abalou os puritanos da época.

Embora chocados com o estilo de Thackeray, e provavelmente por isso mesmo, o

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>29</sup> In Oscar MENDES. *Estética da Literatura inglesa*, p. 72.

público recebeu com grande interesse as obras desse autor. Quando Thackeray estreou como conferencista, a sala encheu-se dos cidadãos mais seletos de Londres, intelectuais e pessoas da aristocracia - exatamente aqueles que o escritor ironizava caricaturando em seus textos. Era como se quisessem dar uma “trégua” ao constante jogo de espelhos em que viviam, para ouvirem um pouco a respeito de como exatamente a alma humana articulava suas tramas numa era de dissimulações.

A obra de Thackeray traz um novo colorido à literatura inglesa e mundial, tanto no que diz respeito ao seu valor estético como social.

*“Seu estilo foi o grande instrumento de sua arte que soube manejar com admirável mestria. Combinava habilmente eloquência e naturalidade, grandeza e familiaridade, elegância apurada e negligência, maneirismo e precisão. Era um estilo ‘de lentas e macias curvas’, dele disse Chesterton. Seu amor à dissertação, à pregação, levou-o por vezes ao excesso, à prolixidade, tornando-o maçante em certos trechos. Mas os amantes da ironia fina, da agudeza de espírito, do sarcasmo chicoteante, encontrarão nele muito com que repastar o espírito.”<sup>30</sup>*

Aprecie-se bem que são talentos de um mesmo período ou movimento literário, mas com características próprias e diferenciadas.

\*

Thomas Babington Macaulay, com seus ensaios, e Lord Tennyson em sua poesia, expressaram bem o espírito otimista de uma nação tão poderosa quanto se havia tornado a

Grã-Bretanha.

A influência de Tennyson para seu tempo foi enorme; é curioso, entretanto, o fato de que Lord Tennyson, poeta laureado da rainha Vitória, em seus escritos oficiais fosse tão enfático quanto a esse otimismo característico do período, e que, no entanto, os poemas escritos sem tal compromisso trouxessem muito mais a marca de um romântico inquieto e não tão convicto das maravilhas da *época de ouro* em que vivia; sem dúvida a produção expressa em seus versos oficiais são muito menos inspiradas do que aquelas do ‘verdadeiro Tennyson’; que parece ser o segundo.

*“(...) the real Tennyson, a magnificent poet, breaks through in finer works - those of a belated Romantic. This poetry is steeped in longing and regret and dreamy melancholy, often expressed in lines of the most exquisite and haunting beauty. It is not when he is celebrating Victoria as Queen-Empress or offering Britain’s ‘broadening freedom’ as an example to the world that Tennyson is a magical poet.”*<sup>31</sup> (“(...) o Tennyson real, um poeta magnífico, avança em trabalhos mais refinados - aqueles de um Romântico atrasado. Esta poesia está encharcada de saudade, pesar e melancolia sonhadora, sempre expressos em linhas de uma beleza requintada e assombrosa. Não é quando celebra Vitória como Rainha-Imperatriz ou quando oferece a ‘liberdade em expansão’ da Bretanha como exemplo para o mundo, que Tennyson se mostra como um poeta mágico”).

O exemplo de Tennyson é bem ilustrativo do espírito dividido da Era Vitoriana, ao mesmo tempo sustentando um otimismo exterior, cheio de orgulho pelo poder material e suposta superioridade da Inglaterra, e carregando em seu íntimo inquietações e dúvidas existenciais profundas.

---

<sup>30</sup> Oscar MENDES. *Estética da Literatura inglesa*, p. 123.

<sup>31</sup> JB. PRIESTLEY e Josephine SPEAR. *Adventures in English Literature*, p. 255.

Todavia, há outros talentos para considerarmos.

\*

Embora tenha escrito seus livros em anos difíceis que incluíram a Revolução Francesa, os romances de Jane Austen são retratos tranquilos da vida social inglesa, ressaltando a importância da família e dos costumes da Era Vitoriana. Mas a escritora não deixou de, com um estilo cheio de sutilezas, mostrar os preconceitos e a felicidade forjada pelas conveniências.

*“(...) Com um entusiasmo que ia além de seu habitual modo de agir - que, no entanto, sempre havia sido de inteira dedicação a fazer tudo com cuidado e atenção, com a sincera boa vontade de uma mente que se deliciava com as próprias idéias -, Emma fez todas as honras da ceia, serviu e recomendou o frango picado e as ostras cozidas com uma insistência que sabia aceitável naquele horário avançado e à bem-educada hesitação dos convidados”<sup>32</sup>.*

Nomes como os das irmãs Brontë, Robert e Elizabeth Browning, George Eliot, A. Trollope, Thomas Hardy, Byron, Swinburne e muitos outros, são exemplos de um período extremamente fértil e inspirado da literatura inglesa e que, em razão das limitações da presente pesquisa, terão que figurar apenas em linha ilustrativa.

---

<sup>32</sup> Jane AUSTEN, *Emma*, p.25.

- **A força da literatura num mundo sem meios de comunicação de massas.**

Charlotte, Emily e Anne Brontë foram jovens que viveram quase como reclusas em Yorkshire. Escreviam, primeiramente, para entreterem umas às outras; era uma forma de colorir os dias cinzentos e de trabalho árduo em que viviam. Foi dessa maneira que surgiram romances como *Jane Eyre* (de Charlotte, em 1847) e *Wuthering Heights* (“O Morro dos Ventos Uivantes”, de Emily, também em 1847), clássicos da literatura universal.

O século XIX inglês teve na literatura uma forma de lazer, de união familiar, de crescimento cultural muito fortes.

Num tempo ainda não devastado pelos meios de comunicação de massas, os fascículos dos romances de Dickens e Thackeray eram aguardados com ansiedade, pois eram os lenitivos para os dias conturbados. Os modelos para os ingleses eram os personagens de *Pickwick Papers* e *Vanity Fair*. Quando precisavam de conselhos, recorriam à literatura; quando queriam distrair-se, recorriam à literatura; quando queriam até mesmo reforçar seu dogmatismo peculiar, também recorriam à literatura. Não há como pensar a Era Vitoriana sem a associarmos aos seus grandes escritos e escritores, sem vincularmos a este período uma literatura de tão extremado valor estético e social.

## **CAPÍTULO 2**

### **A CONTEXTUALIZAÇÃO DO VITORIANISMO NA ABRANGÊNCIA DA MODERNIDADE.**

A fim de alcançarmos uma compreensão razoável do conjunto de características que compõem o que denominamos Vitorianismo, será preciso recuperarmos panoramicamente a modernidade, entendendo-a como certo tipo de mentalidade que veio se desenvolvendo entre os homens desde o fim da Idade Média e que, século após século, formou o complexo de heranças que o século XIX vitoriano absorveu de maneira bastante peculiar.

#### **A) O SÉCULO XIX COMO HERDEIRO DA EVOLUÇÃO DA MODERNIDADE: O VITORIANISMO.**

Desde o advento das primeiras Cruzadas, o homem descobre o mundo em sua extensão e, com a descoberta de novas terras, vai percebendo que, se Deus o havia criado,

este não estava ainda concluído, cabendo a ele - homem - levar adiante tal tarefa; chegara a hora em que a leitura e interpretação do universo deveria estar a cargo do homem, que procura encontrar o sentido das coisas e do seu próprio existir através de uma nova concepção de si e do seu destino. Apercebe-se de sua relação com esse mundo - relação esta que se inicia permeada por amor e admiração desinteressados, mas “..., como diz Max Scheler, amar e dominar são atitudes complementares e a esse amor desinteressado e panteístico seguiu-se o desejo de dominação, que viria a caracterizar o homem moderno. Desse desejo nasce a ciência positiva, que já não é mero conhecimento contemplativo, mas o instrumento de dominação do universo. Atitude arrogante que termina com a hegemonia teológica, libera a filosofia e confronta a ciência com o livro sagrado”<sup>1</sup>.

A sociedade estática, conservadora e espacial do mundo feudal é substituída por outra, agora dinâmica, liberal e temporal, cuja principal característica é a quantidade - o número, mais propriamente o cálculo exigido pela Revolução Comercial.

A mensuração das distâncias, a invenção do relógio mecânico (o tempo adquire caráter numérico), a introdução da perspectiva na pintura, todos esses fatores compõem o fundamento do mundo moderno - “a substituição do conhecimento sensível, diretamente vinculado ao corpo, pela atitude quantificadora, própria do raciocínio abstrato”<sup>2</sup>.

Após aproximadamente 1.000 anos de Idade Média teocêntrica, o homem volta a situar-se no centro do significado da História. Sua atitude, agora, deixa de ser contemplativa para lançar-se no dinamismo das conquistas da natureza, de seu mundo. Deixa de contemplar passivamente o passado, para depositar no futuro e em si o sonho de um progresso ilimitado, afastando todos os temores e misérias, proporcionando, dessa forma, uma vida feliz, farta e plena de sentidos.

Aquele homem europeu, que se sentia “emparedado” na Europa, no estamento social, nas limitações econômicas, busca novos horizontes. Nasce o que Oswald Spengler chamou de “alma faustiana”, a paixão pelo ilimitado, expressão derivada do drama de Goethe, *Fausto*, que nos proporciona uma imagem metafórica da mentalidade do homem

---

<sup>1</sup> Ernesto SABATO. *Homens e engrenagens*, p. 29.

moderno.

Mas, mesmo dentro de sua arrogância humanística, o sagrado jamais deixou de estar presente. O homem moderno briga quase todo o tempo com Deus e o sagrado, fazendo de toda a Idade Moderna um vasto processo dialético - luta e síntese de forças opostas.

Nessa linha de desenvolvimento histórico é que, com René Descartes no século XVII, encontramos a sistematização dos fundamentos da Filosofia Moderna. De início, com seu método da dúvida sistemática, separa a relação homem/mundo em dois pólos diferentes - o do sujeito que investiga e o do objeto que se deixa investigar, promovendo o distanciamento entre sujeito e objeto e restringindo o saber confiável àquele expresso em números. Como dizia Galileu: *“A natureza está escrita em caracteres matemáticos”*.

Em continuidade, nasce a Filosofia Mecanicista, sistematizada e articulada por Descartes, que compara o universo a uma intrigante máquina. E é em Isaac Newton que vamos encontrar a demonstração, principalmente com a Lei da Gravitação Universal (descoberta sua), de que o universo é uma máquina que funciona com a precisão de um relógio.

Com essas idéias, acrescido a elas o Princípio da Inércia de Galileu, temos que o universo real, de parte de seus atributos “secundários”, fica reduzido à matéria e ao movimento. Mas nem Kepler, nem Galileu, Descartes ou Newton deixaram de crer em que *“essa admirável ordem matemática implicava na existência de um Ser Supremo que a tivesse imposto, de um Sublime Engenheiro que tivesse organizado e posto em marcha a formidável Máquina”*<sup>3</sup>.

Interessa, então, ao homem, saber como funciona o mundo com o intuito de interferir na criação, para extrair disso o maior número de vantagens e benefícios, idéias estas profundamente caracterizadoras do espírito comercial burguês, cuja ambição e vontade de dominação acabaram se transformando em instrumentos poderosos nas mãos dessa classe em processo de ascensão, que reclamava seu lugar na luta contra a aristocracia

---

<sup>2</sup> João Francisco DUARTE JÚNIOR, *Itinerário de uma crise: a Modernidade*, p. 17.

<sup>3</sup> Ernesto SABATO. *Homens e engrenagens*, p. 51.

e o clero poderoso.

Segundo Max Scheler:

*“Não foi a ‘razão pura’ nem o ‘espírito absoluto’ que, na aurora da era moderna, traçaram as grandes linhas do formidável programa de explicação mecanicista universal da natureza e do homem, mas a vontade nova da burguesia ascendente de dominar a natureza e de exercer sobre ela a sua ação”<sup>4</sup>.*

No século XVIII, com o prosseguimento da Revolução Comercial, afirma-se cada vez mais a existência de uma burguesia sem títulos de nobreza nem ligação com o clero, que acaba produzindo um grande número de pensadores geniais como Turgot, Rousseau, Voltaire, Diderot, D’Alembert, Condorcet e outros. Esses pensadores respondem pela Revolução Filosófica burguesa, pelo que se denominou mais tarde Filosofia das Luzes ou Iluminismo, que, no nível intelectual, converteu a ciência e a razão em modelo de verdade única e indiscutível - o que tem sido denominado *mito da razão absoluta*.

A conotação anticlerical que Voltaire bem simboliza, o liberalismo, a crítica às crenças e práticas religiosas, em nome da razão e da liberdade de pensamento, são pontos característicos dos iluministas, aos quais o século XIX vitoriano iria reagir sob forma de intenso puritanismo.

À medida que o homem médio afirmava a ciência como libertadora universal, mais se afastava de sua compreensão. Os conhecimentos estavam nas mãos dos especialistas, dos filósofos e práticos - aqueles considerados os “elders and betters”. *“A ciência se havia convertido em uma nova magia e o homem da rua mais acreditava nela quanto menos a*

---

<sup>4</sup> *Apud*. Hilton JAPIASSU. *As paixões da ciência*, p. 93.

*compreendia*”<sup>5</sup>.

O Vitorianismo surge, como reação a todo esse traçado histórico, a todo esse conjunto de crenças que foram moldando a matriz epistêmica de caráter ântropo-científico da modernidade, e que culminou no chamado “Século dos Materialismos” - o século XIX.

## **B) CONTINUIDADES E RUPTURAS NA MODERNIDADE DO SÉCULO XIX VITORIANO.**

Dentre as muitas características do Vitorianismo, a que me parece mais acentuada é a *contradição*. Disse, em seus textos, o historiador Toynbee que, toda vez que o homem teme o futuro, debruça-se sobre o passado. Isso é aplicável ao século XIX inglês especialmente se nos reportarmos à tendência nostálgica do Romantismo com seu desejo de retorno aos modelos (literários, especialmente) da Idade Média. Se o mundo atual leva ao conflito, pode-se procurar algo diferente no passado; e sobretudo a Idade Média se oferece como época mais propícia, pois tem a seu favor o ambiente misterioso e transcendental que a caracteriza. Veja-se, por exemplo, a obra do português Alexandre Herculano, em especial o seu romance *Eurico, o presbítero* - declarado enamoramento pela religiosidade medieval. Mas o século XIX inglês segue também a continuidade da mentalidade do homem moderno que vê no futuro todas as possibilidades, especialmente as boas - de progresso e felicidade proporcionados pela ciência e a tecnologia.

Em bases gerais, o século XIX vitoriano debruçou-se muito mais sobre as possibilidades do tão sonhado porvir, do que sobre a ambiência de tempos passados, embora também tenha vivido fixações passadistas.

Quando tentamos descrever a mentalidade de uma época, isso nos remete à tentativa de tornar inteligível todo um sistema de relações. A superfície tranquila do século XIX inglês escondia em sua profundidade um temor muito grande de uma reincidência das

---

<sup>5</sup> Ernesto SABATO. *Homens e engrenagens*, p. 52.

revoluções vivenciadas pelo turbulento século XVIII. Era preciso que todos os esforços fossem canalizados para a sustentação de um otimismo e nacionalismo que proporcionassem uma visão global de que tudo estava sendo feito em benefício de um futuro profícuo. Mas se essa atmosfera era absolutamente aceitável para a burguesia e nobreza, certamente era bastante rarefeita para um trabalhador das fábricas vitorianas. De qualquer forma, tanto o nacionalismo quanto o otimismo foram aspectos relevantes do vitorianismo e estiveram fortemente presentes ao longo do século em apreço.

Embora todas as épocas tragam em si aspectos de transição, nunca antes se pensou em seu próprio tempo como uma era de mudanças *do* passado *para* o futuro. Segundo John Stuart Mill:

*“Mankind have outgrown old institutions and old doctrines, and have not yet acquired new ones.”*<sup>6</sup> (“A raça humana superou velhas instituições e velhas doutrinas, mas ainda não adquiriu outras novas”).

A Revolução Industrial, o desenvolvimento do comércio e o *laissez-faire* econômico ensejaram um novo estilo de vida, mais dinâmico, que se converteu em uma intensa pressão do trabalho - luta-se por sucesso e posição social. Nunca antes o homem foi tão reduzido à engrenagem de uma máquina poderosa e lucrativa.

Se o otimismo conduzia a certo sentimento de libertação com relação ao passado, conduzia às grandes expectativas depositadas no futuro, certamente as dúvidas e temores conduziram também a um grande sentimento de ansiedade, conseqüência do temor da revolução, do perigo do ateísmo (herança do anticlericalismo do século XVIII) e, entre outros fatores, do que se chamou *ennui* da “Época de ouro” - certo *tédio* que nunca deixou de estar presente ao longo do século XIX.

A consciência vitoriana, especialmente o subconsciente, era assombrada por medos,

preocupações, culpa e frustrações. A complexidade do imaginário da época era feita de luzes e *sombras*.

*“(...) um certo enuui corrosivo é tanto um elemento da cultura do século XIX quanto o era o otimismo dinâmico do positivista e do whig. (...) Uma espécie de gás dos pântanos composto de tédio e vacuidade tornava-se mais espesso em terminações nervosas cruciais da vida social e intelectual. Para cada texto de confiança benthamiana, de orgulhoso progressismo, podemos encontrar uma declaração contrária de fadiga nervosa”.*<sup>7</sup>

Talvez o que estivesse subjacente a essa ‘fadiga nervosa’ fosse um forte amargor relativo às desigualdades sociais, a uma descrença na tranquilidade plácida e próspera do século XIX vitoriano, apesar do cultivo de aparências opostas.

Havia também o temor de um declínio do cristianismo e conseqüente ateísmo que, segundo se afirmava, poderia destruir as sanções da moralidade o que, por sua vez, destruiria as bases seguras da sociedade.

*“Mill described the age as one in which the opinion that religious belief was necessary for moral and social purposes was universal, and yet real belief was feeble and precarious - a situation well calculated to arouse anxiety.”*<sup>8</sup>  
(“Mill descreve seu tempo como aquele em que a opinião segundo a qual as crenças religiosas eram necessárias para os propósitos morais e sociais era universal e, contudo, a crença real era fraca e precária - situação bem calculada para provocar ansiedade”).

---

<sup>6</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 1.

<sup>7</sup> George STEINER, *No Castelo do Barba Azul*, p. 21.

<sup>8</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 58.

Esse temor cresce como resposta ao anticlericalismo e livre-pensamento característicos da filosofia iluminista; muito provavelmente como mecanismo de defesa, meio de exorcizar os medos impostos pelo Regime de Terror da Revolução Francesa e suas conseqüências - de levar para o mais longe possível qualquer indício de desestabilização de um país em franco desenvolvimento e crescente liderança no cenário mundial.

Embora muitos vitorianos estivessem mergulhados num sentimento de alívio por terem se desvencilhado da teologia puritana, tornando-se francamente materialistas, a maior parte da sociedade permaneceu sob as pressões psicológicas impostas pelos dogmas do Puritanismo. Aspectos da biografia da poetisa Emily Dickinson e da romancista Jane Austen o comprovam.

O sentimento de culpa era inculcado desde cedo, fazendo da infância um período também de terror e medo. Nas palavras de Alton Locke:

*“Believing, in obedience to my mother’s assurances, and the solemn prayer of the ministers about me, that I was a child of hell, and a lost and miserable sinner, I used to have accesses of terror, and fancy that I should surely wake next morning in everlasting flames.”*<sup>9</sup> (“Acreditava, em obediência às afirmações de minha mãe e às preces solenes do pastor sobre mim, que era uma criança do inferno, um pecador miserável e perdido. Costumava ter acessos de terror, imaginando que certamente acordaria na manhã seguinte queimando nas chamas eternas”).

Pais ansiosos vigiavam o comportamento de seus filhos e se acreditavam vigiados por Deus e pela sociedade, devendo, aparentemente que fosse, sustentar uma conduta irrepreensível, o que muitas vezes ensejava desvios ocultos que somente faziam crescer o

sentimento de culpa e ansiedade.

Nesse estado de espírito, os cidadãos do império britânico tornaram-se presas fáceis de um forte dogmatismo, do culto quase fanático ao trabalho, ao lar e à retidão moral, às vezes - em sua fragilidade humana - sendo vitimados por desvios pouco morais ou religiosos de comportamento.

Em razão disto, as dúvidas cresciam. A visão cristã do universo estava sendo questionada pela visão científica de um vasto mecanismo de causa e efeito, agindo através de leis físicas que governavam inclusive o próprio homem. Enquanto os racionalistas concebiam esta última visão com crescente otimismo utópico, a maior parte dos vitorianos sentiam-se horripelmente chocados.

*“The combined effect of a dissolving tradition of thought and the new scientific conception of man and nature was to drive sensitive minds into the mood of ennui and frustration.”*<sup>10</sup> (“O efeito combinado da tradição de pensamento sendo dissolvida e da nova concepção científica de homem e natureza acabou conduzindo as mentes sensíveis a um certo **ennui** e frustração”).

Segundo a nova teoria liberal, todos os homens são livres política e economicamente, formando uma sociedade individualista, governada por interesses particulares, o que reforçou certo sentimento de solidão e isolamento<sup>11</sup>. Viviam, os vitorianos, assombrados pela idéia de perderem a companhia divina e humana, de perderem de vista o tão sonhado mundo unificado pela crença e pela fé. Sob a intensa pressão de uma vida competitiva, canalizavam toda sua energia e atenção ao trabalho que, com exceção da palavra “Deus”, era o vocábulo mais popular no século XIX vitoriano.

---

<sup>9</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 63.

<sup>10</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 71.

<sup>11</sup> Interessante atentar-se para Max WEBER, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, passim.

Nessa sociedade comercial, o sucesso, a respeitabilidade e a riqueza compunham a ambição central de cada cidadão. O trabalho árduo era visto como grande virtude, portanto o ócio e a preguiça representavam os piores vícios. Mas aí também está presente um forte apelo de conotação religiosa como forma de ‘justificar’ tal ambição. O reverendo Newman inicia um de seus sermões com a questão: “*Why were we sent into the world?*”, e o conduz dizendo que “(...) *every one who breathes, high and low, educated and ignorant, young and old, man and woman, has a mission, has a work.*”<sup>12</sup> (“Por que fomos enviados ao mundo?” - “(...) cada um que respira, alto e baixo, instruído e ignorante, jovem e velho, homem e mulher, tem uma missão, tem um trabalho”). A palavra missão está, desta forma, amplamente conectada com o trabalho, sob o ponto de vista religioso de que este significava uma missão espiritual; todos receberam um chamado para servirem a Deus num labor constante contra o mal - neste contexto representado por tudo o que se enfileirava no rol dos vícios, das não-virtudes.

Durante os longos “serões de família”, eram feitas leituras de textos escolhidos para edificação moral e religiosa; muitos deles versavam sobre a criação do homem tomando a parábola do Gênesis em sentido praticamente literal. É nesse contexto que Charles Darwin publica *The Origin of Species*, inaugurando seu pensamento evolucionista, o que provocou mais conflitos e tensões íntimas - a letra da Escritura Sagrada dizia uma coisa e a autoridade científica dizia outra.

Ao mesmo tempo identificou-se a luta econômica pela existência com o curso da natureza; o mais forte sobrepondo-se ao mais fraco - eis aí mais especificamente do que uma ordem cósmica, um processo natural pelo qual a nação poderia conjecturar de se desincumbir de suas responsabilidades. Herbert Spencer, em meados de 1850, afirma que o “*processo de purificação*”, em que os animais deixavam de lado os fracos, doentes, deficientes e velhos, também era observável na sociedade humana.

Todas essas idéias fizeram emergir intenso sentimento de desamparo e insegurança.

---

<sup>12</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 244.

“‘Life’, one says sardonically, ‘is simply a conflict of wills in which strength alone has any value, in which only the strongest survive; and might is right because there isn’t any **moral** right at all.’”<sup>13</sup> (“‘A vida’, alguém disse sardonicamente, ‘é simplesmente um conflito de vontades no qual a força sozinha não tem nenhum valor, no qual somente os mais fortes sobrevivem, e o poder está certo porque não há, afinal, nenhuma **moral** certa’”).

Se por um lado as novas idéias a respeito da criação e do sentido do existir ensejaram dúvidas e conflitos, por outro lado foram responsáveis por um outro tipo de reação: uma batalha fervorosa pela manutenção ou reconquista da fé perdida que levou a extremos de puritanismo, beirando o fanatismo religioso. O medo de que a perda dos valores morais culminasse no caos individual e coletivo assombrava as mentes do século XIX vitoriano. Temia-se que o fracasso da fé fizesse emergir as emoções mais violentas, notadamente aquelas vivenciadas num passado não distante, durante a Revolução Francesa e o Regime do Terror.

Era preciso, portanto, direcionar as preocupações para o trabalho, para o cultivo da ordem, da seriedade e retidão moral. Cultuou-se, desta forma, o trabalho, o lar (que se converteu em templo quase que divino), o papel da mulher, entre outros aspectos da vida que pudessem assegurar a paz e o sucesso, ainda que aparentemente.

Embora em sumário delineamento, vai-se vendo a carga nada pequena de conflitos da modernidade e em especial do século XIX. Encontramos, então, na minuciosidade analítica de Peter Gay - o qual investigou diários de senhoras, correspondências e até receitas culinárias - forte denúncia de um vitorianismo que foi mobilizado por medos, quis ser puritano, mas na verdade viveu mais de aparências que recobriam uma estonteante hipocrisia social<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Walter HOUGHTON, *The Victorian Frame of Mind*, p. 216.

<sup>14</sup> Peter GAY, *A educação dos sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, vol 1, *passim*.

### C) O SURGIMENTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS.

Ciência e fé são os principais pontos de convergência das preocupações do século XIX. O advento do experimentalismo científico, se analisado de maneira ampla, quebra a continuidade do discurso religioso e propõe novas formas de concepção do universo e do homem.

*“ Se a Antigüidade Clássica teve como figura maior, no que respeita às produções culturais, o **filósofo**; se a Idade Média, por suas características, teve como figura de proa o **teólogo**, as idades Moderna e Contemporânea tiveram e vêm tendo como figuras-símbolo o **cientista** e o **tecnólogo** ”<sup>15</sup>.*

A autoridade da igreja precisa abrir espaço para a autoridade científica que se impõe com força cada vez maior.

As grandes invenções provocam mudanças numa velocidade fantástica para o ritmo de vida do século XIX, e o fascínio pelas inovações, pelo poder que estas proporcionariam é crescentemente visível.

O surgimento das Ciências Humanas, esboçado no século XVII de forma bastante incipiente e concretizado no século passado, se mostra como ponto de ruptura dentro da *continuidade linear* com que era concebido o progresso científico até então.

O início do século XIX marca bruscas acelerações da urbanização - as cidades tomam proporções gigantescas com um número de habitantes cada vez maior. O contingente de trabalhadores das fábricas é crescente e o estabelecimento de uma infraestrutura em termos de habitação, saneamento, higiene, alimentação, etc., não consegue,

---

<sup>15</sup> Regis de MORAIS, *Evoluções e Revoluções da Ciência atual*, p. 148.

como é de se prever, acompanhar o mesmo passo.

*“Em 1801, em todo o continente (europeu), não havia mais de 23 cidades com mais de 100.000 habitantes, agrupando menos de 2% da população da Europa. Em meados do século seu número já se elevava para 42; em 1900, eram 135 e, em 1913, 15% dos europeus moravam em cidades”<sup>16</sup>.*

A passagem de René Rémond mostra bem a velocidade da urbanização num século que ainda não lograra alcançar estrutura social e econômica que propiciassem um desenvolvimento urbano dessa magnitude.

#### **a) O crescimento urbano - causas.**

A complexidade desse fenômeno se dá por uma série de fatores. Sem querermos simplificar demasiadamente, mas apenas como forma de esboçarmos esquematicamente os mais decisivos, podemos citar, em primeiro lugar, o caso do que se chamou mais tarde de *êxodo rural* - grande número de camponeses praticamente expulsos do meio rural, em razão das péssimas condições de vida e pouca perspectiva de melhorias, que ao se estabelecerem nas cidades, provocam a inflação da população urbana.

*“Ao mesmo tempo em que o êxodo encaminhava para as cidades essas multidões de expatriados, as cidades estavam às voltas com a necessidade crescente de mão-de-obra; por uma simultaneidade de fatos, o êxodo correspondia a um apelo; o primeiro exemplo disso foi-nos dado pela Grã-Bretanha, que constitui um caso particularmente surpreendente de causalidade recíproca: o crescimento das cidades constituía uma aspiração*

*de ar e o afluxo de uma massa disponível tornou possível esse mesmo crescimento*”<sup>17</sup>.

Outro fator determinante foi, portanto, a revolução técnica - substituição do trabalho muscular pelas novas formas de energia descobertas -, que fomentou a concentração de mão-de-obra nas fábricas, novos centros de produção. Adicionam-se a esse fator o desenvolvimento acentuado do comércio, certo aperfeiçoamento dos transportes, e outros, que certamente compõem uma lista grande e bastante complexa. Mas há também um fator psicológico importante: a cidade representava a esperança de progresso, de um futuro promissor, com trabalho para todos, algo seguro e distante das irregularidades do trabalho no campo.

#### **b) O crescimento urbano - conseqüências.**

Aqui também encontramos-nos diante de intrincada e complexa lista de fatores. Dentre os já mencionados, os que se mostram mais evidentes foram aqueles relacionados ao abastecimento e saneamento - o crescimento desenfreado e caótico provocou uma intensa crise no abastecimento de água e alimentos, exigindo um forte racionamento.

Outra ameaça era a dos incêndios, que aconteciam onde a população se aglomerava para o comércio ou divertimento.

Há o problema habitacional com o aparecimento das favelas e cortiços; o desemprego, a miséria, a criminalidade e a prostituição.

Estes centros urbanos se transformaram em “*verdadeiros laboratórios para estudar-se a problemática sociocultural*”<sup>18</sup>. O homem torna-se a um só tempo sujeito e objeto da investigação dos problemas sociais em que vive. O estudo do fenômeno da

---

<sup>16</sup> René RÉMOND, *O século XIX*, p. 137.

<sup>17</sup> René RÉMOND, *O século XIX*, p. 139.

<sup>18</sup> Regis de MORAIS, *Evoluções e Revoluções da Ciência atual*, p. 155.

urbanização, dada a sua diversidade em termos de causas e conseqüências, passou a interessar ao historiador, ao geógrafo, ao economista, ao sociólogo, ao psicólogo social, etc. - áreas do conhecimento que se foram corporificando a partir das necessidades de compreensão e busca de soluções para os problemas que afetavam tanto os indivíduos como as coletividades. O século XIX foi, portanto, o momento apropriado e necessário para o surgimento e solidificação social das Ciências Humanas.

#### **D) AS CIÊNCIAS HUMANAS: SUA ORIGEM E SIGNIFICADO NA MODERNIDADE (SÉCULO XIX).**

O primeiro impulso das Ciências Humanas em seus albores (século XVII) se dá copiando o modelo mecanicista proposto por Gassendi e Descartes e, posteriormente, aperfeiçoado por Newton, em aspecto teórico-metodológico aplicado à problemática humana.

*“Até o século XVI, o discurso científico foi regido pelo esquema astrobológico: representação global que submete o domínio terrestre, considerado inferior em dignidade, à influência transcendente dos astros-deuses, cujo determinismo regia a totalidade dos fenômenos terrenos. As disciplinas fundamentais de toda inteligibilidade são a astrologia e a alquimia. Todo o domínio humano e natural encontra-se submetido aos pressupostos astrológicos. A cosmovisão grega é cosmológica e cosmocêntrica. A medieval é cosmológica e teocêntrica. Foi com Galileu que a cosmovisão se tornou antropológica e, com o tempo, antropocêntrica. O homem passa a ser o centro de um conjunto de disciplinas utilizando um*

*esquema de racionalidade positiva*”<sup>19</sup>.

O mecanicismo inspira a concepção epistemológica do animal-máquina, para a compreensão do qual foi necessária a assimilação da idéia de lei rigorosa, “*a passagem do reino da opinião (doxa) ao domínio do conhecimento científico (episteme)*”<sup>20</sup> que, para tanto, exigia a adoção de uma inteligibilidade racional. A Física surge como o modelo por excelência de cientificidade.

Propriamente no século XIX, busca-se recuperar a especificidade nitidamente humana que a visão físico-matemática havia colocado *entre parênteses*. Contra esse tipo de alienação, a Biologia, com a afirmação da *irreducibilidade da vida*, aparece e se fortalece com os estudos sobre o tema da evolução de Charles Darwin.

*“O gênio de Darwin fornece um esquema de interpretação aplicável tanto à história natural, à psicologia, quanto à moral e à religião. Os conceitos-chave de natureza, organismo e evolução passam a ser aplicados a todos os aspectos da realidade humana. Com seus êxitos inegáveis, o evolucionismo tenta impor suas evidências a torto e a direito. Os povos nascem e morrem como os indivíduos. Lutam pela vida. As línguas evoluem. Também evoluem as sociedades, as instituições, as morais e as religiões. Ao opor-se ao mecanicismo, o organicismo impõe ao domínio humano a idéia de uma regulação interna, ou seja, de uma finalidade irreduzível aos determinismos de superfície.”*<sup>21</sup>.

Ao mesmo tempo, os temas da cultura, de uma história da cultura sem nenhum comprometimento com os modelos explicativos das ciências naturais, também reivindicam

---

<sup>19</sup> Hilton JAPIASSU, *Nascimento e morte das Ciências Humanas*, p. 96.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 97.

sua importância. O século XIX vê-se dominado pelo naturalismo e pelo historicismo.

As Ciências Humanas surgem já em meio a uma espécie de caos metodológico ao terem que lidar com essa tripla possibilidade: a de utilizarem o modelo da ciência rigorosa; a de utilizarem os modelos biológicos de interpretação, e finalmente, a de poderem reduzir suas perspectivas à investigação e análise históricas.

Muitas foram as manifestações de resistência ao cientificismo, dentre elas, certo conservadorismo vitoriano. Do mesmo modo que a tecnologia provocou euforia nas mentes ansiosas por um progresso sem limites, para muitos os avanços da ciência eram motivo de temor - a tecnologia também assusta o homem moderno fomentando reações contrárias a ela (é interessante lembrarmos que ocorreram vários apedrejamentos de locomotivas, por exemplo; forte símbolo da *velocidade* desenfreada do ritmo das mudanças que a tecnologia imprimiu à vida do século XIX).

Vê-se, portanto, que uma das *principais marcas* do século XIX foi, não por acidente histórico, mas pela situação criada primeiramente pela Revolução Industrial, a consolidação das Ciências Humanas.

Observamos que, quando a modernidade se traduziu em avanços científico-tecnológicos, muitas reações culturais se deram. Temos como exemplo os movimentos religiosos fundamentalistas que, no catolicismo se expressam através do anti-modernismo oficializado pelo Concílio Vaticano I (na década de 1870); no protestantismo, temos os movimentos pietistas no metodismo, no presbiterianismo e em outras denominações reagindo também aos avanços modernos; em linha dita espiritualista, o esoterismo, a teosofia e propriamente o espiritismo de Allan Kardec (que teve como fonte inspiradora Emmanuel Swedenborg - séc. XVIII). E temos o Vitorianismo que, em sentido moral e religioso, também reage aos avanços tecno-científicos.

Dentro de um traçado histórico abrangente, o Renascimento retoma Protágoras de Abdera com sua afirmação de que “*O homem é a medida de todas as coisas*”; a Revolução Científica Moderna faz desse humanismo uma arrogância racionalista, às vezes

---

<sup>21</sup> Hilton JAPIASSU, *Nascimento e morte das Ciências Humanas*, p. 100.

contestadora da fé e da moral cristã. Segue-se a isto a Revolução Francesa com sua irreligiosidade anticlericalista e livre-pensadora e a Revolução Industrial que afronta, com sua lógica, a moral cristã com a impiedosa exploração da força de trabalho dos que não detêm a propriedade dos meios de produção (homens, mulheres, adolescentes e crianças). Vemos que o cientificismo é também arrogantemente materialista e auto-suficiente, e é a tudo isto que o Vitorianismo, de uma forma ou de outra, se apresenta como reação.

Nenhum movimento histórico é gratuito; sempre tem suas explicações. As Ciências Humanas deviam ser consideradas em nosso trabalho como um dos elementos principais aos quais o Vitorianismo, notadamente em sua fase mais avançada, reage. Isto constatamos em construções teóricas, em farta bibliografia moralizante e, sobretudo, na riquíssima literatura estética de origem vitoriana, sendo que este forte espírito de época marcou também as demais expressões de arte do século XIX.

## **CAPÍTULO 3**

### **REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO INGLESA**

#### **NO SÉCULO XIX.**

##### **Introdução**

A proposta do presente capítulo é de, primeiramente, apresentar um breve esboço do panorama educacional do século XVIII para, em seguida, focalizar especificamente a Educação Vitoriana.

Faremos uma incursão pelo vitorianismo do século XIX, buscando historiar a Educação não somente em seu aspecto institucional, mas também procurando abranger a Educação que se fez veicular através da literatura de forte apelo moral.

##### **A) ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE O SÉCULO XVIII E A EDUCAÇÃO.**

O século do Iluminismo, com seu pensamento racionalista, sua fé inabalável na ciência e na razão humana, se vê ante um panorama educacional que não agrada à maior

parte dos seus expoentes. O século XVII, não tendo logrado alcançar muitos progressos nessa área, não conseguiu formular conseqüentemente um plano global para o processo educativo, o que ensejou - no XVIII - o desejo de reformas que pudessem introduzir um programa de estudos mais rico em conteúdo, com técnicas que fossem baseadas numa melhor compreensão dos processos psicológicos e, como era de esperar-se, a introdução de matérias científicas e estudos sociais.

A influência forte do empirismo científico de John Locke e a visão mecanicista do universo proposta por Newton, em campo científico, reforçaram a idéia de que o homem é capaz de alcançar todas as formas de conhecimento através da utilização tão-somente de suas faculdades naturais. Sendo a mente uma *tabula rasa*, o método empírico-indutivo deveria ser seguido no processo educativo, o qual também deveria ser permeado de forte disciplina. Mas a qualidade das escolas era péssima, as instituições eram ainda bastante conservadoras e temerosas de abandonar suas práticas já muito ineficazes, o que fez com que se recomendasse a instrução em casa por um tutor.

Neste cenário surgem grandes pensadores, entre os quais devemos ressaltar a importante figura de Jean-Jacques Rousseau, um dos grandes críticos dessas instituições conservadoras. Para ele o processo educativo não só faz parte integral de uma reforma social, como é condição anterior e necessária para essa reforma. Rousseau propõe que toda educação seja pública. O processo educativo deve ser contínuo e natural, sendo seu principal objetivo e caminho para a autonomia moral, a formação de uma pessoa plena.

As idéias de Rousseau, tanto aquelas apresentadas em seu *Contrato Social*, que serviram de pano de fundo ideológico para os movimentos populares que culminaram na Revolução de 1789, como aquelas apresentadas principalmente em *O Emílio*, que mostraram seu ponto de vista sobre o papel decisivo da Educação, foram grandes influenciadoras dos pensadores da Educação no século XVIII, atravessando o século XIX e chegando até os nossos dias.

J.B. Basedow abre uma escola em 1774 segundo o modelo de Rousseau e obtém êxito - até mesmo as reações contrárias serviram para difundir suas idéias.

Pestalozzi, na segunda metade do século XVIII, também tomou as idéias básicas de Rousseau dedicando-se à reforma e restauração da escola. Conseguiu formular uma pedagogia-modelo para a escola elementar, insistindo na primazia da experiência sobre as idéias filosóficas e na natureza essencialmente boa de cada pessoa.

Em seu modelo há três aspectos fundamentais: o desenvolvimento intelectual, o crescimento moral (objetivo de todo o processo educativo) e o relacionamento mestre-aluno.

J.F. Herbart, outro grande nome na transição do século XVIII para o XIX, busca o que, para ele, faltava a Pestalozzi: as bases psicológicas para os avanços da Pedagogia, a precisão científica. Também ele considerava que a única e total obra da educação poderia se resumir ao amadurecimento “moral”. Por moral, Herbart entendia o desenvolvimento integral do caráter e da mente através do processo educativo que também deveria formar o aluno para ser socialmente útil.

Não poderíamos deixar de mencionar o matemático M.J.A Nicolas de Caritat Condorcet que, juntamente com Rousseau, Turgot, Voltaire, D’Alembert e outros, formaram a base do pensamento iluminista. Condorcet produziu trabalhos fundamentais em filosofia da matemática e probabilidade, mas sua grande importância está no fato de ter ocupado cargos administrativos no governo de seu país o que, após a Revolução Francesa de 1789, culminou em sua eleição para representante de Paris na Assembléia Legislativa. Estes cargos administrativos e o contato íntimo com as necessidades de seu povo fez com que Condorcet apresentasse planos para o desenvolvimento de um sistema estadual de educação que foi, de fato, adotado. Suas idéias com relação à educação e à política foram de extrema importância, ainda que o tenham conduzido a uma morte sombria numa cela de prisão.

*“Wholly a man of the Enlightenment, an advocate of economic freedom, religious toleration, legal and educational reform, and the abolition of slavery, Condorcet sought to extend the empire of reason to social affairs.*

*Rather than elucidate human behaviour, as had been done thus far, by recourse to either the moral or physical sciences, he sought to explain it by a merger of the two sciences that eventually transmuted into the discipline of sociology*<sup>1</sup>. (“Um homem totalmente do Iluminismo, advogado da liberdade econômica, da tolerância religiosa, da reforma legal, educacional e da abolição da escravatura, Condorcet buscou estender o império da razão para as questões sociais. Mais do que elucidar o comportamento humano, como tem sido feito, através do recurso tanto da moral como das ciências físicas, ele procurou explicá-lo através da fusão das duas ciências que eventualmente se transmutaram na disciplina de sociologia”).

Esses e outros pensadores da Educação não perderam de vista a idéia central de Rousseau, segundo a qual é impossível realizar uma verdadeira revolução no processo educativo sem haver também uma revolução no sistema político-sócio-econômico.

Inicia-se o século XIX, vindo da recente Revolução Francesa e entrando na Revolução Industrial, com sua acelerada urbanização, sem ter-se alcançado o objetivo da edificação de um sistema educacional satisfatório.

Em agosto de 1819, conseguidas algumas conquistas e avanços em educação, acontece uma insurreição no centro industrial da Inglaterra, em Manchester e, como reação quase punitiva, o governo acaba abolindo as poucas liberdades civis, provocando grandes reflexos na educação com a restrição da educação formal para as massas e um retrocesso nos programas de estudo.

O ideal formador de indivíduos bons e socialmente úteis esbarra sempre no descompasso da marcha do desenvolvimento político-econômico e seus interesses. O século XIX é o fruto desse descompasso e, como tal, apresenta exemplos de forte idealismo na prática educacional, num contexto social extremamente complicado em quase todos os

---

<sup>1</sup> H.A. ACTON. in *Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat Condorcet*. [http://www-groups.dcs.st-ac.uk/history/Mathematicians/Condorcet/html](http://www-groups.dcs.st.ac.uk/history/Mathematicians/Condorcet/html).

aspectos.

## **B) HISTORIANDO A EDUCAÇÃO INGLESA NO SÉCULO XIX: LINHAS GERAIS.**

### **a) A Educação Vitoriana: Sistema Monitorial.**

*“A master teacher stands at the head of a large, open classroom presenting a lesson on some intricacy of grammar (...) to dozens of advanced students who, despite their own youthful appearance, their own anxieties, and, in some cases, even their own lack of understanding of the lesson at hand, will soon be called on to teach other students only slightly younger than themselves”*<sup>2</sup> (“Um professor se posiciona de pé à frente de uma sala de aula grande e aberta apresentando algum ponto intrincado de gramática (...) para dúzias de alunos avançados que, apesar da aparência jovem, de suas próprias ansiedades e, em alguns casos, apesar mesmo da má compreensão da própria lição, irão em breve ser chamados para ensinar outros alunos somente um pouco mais jovens que eles mesmos”).

Esta é uma cena típica das escolas nas quais vigorava o Sistema Monitorial de ensino, desenvolvido por Andrew Bell e Joseph Lancaster no início do século XIX. Andrew Bell criou o que ele denominou *instrução mútua* a partir da experiência vivida quando se tornou capelão da Igreja Anglicana no exército da Índia, no *Madras Male Orphan Asylum*, uma instituição fundada pela Companhia do Leste da Índia para atender

---

<sup>2</sup> Myron TUMAN, “Student Tutoring and Economic Production: Ninetenth Century British Parallels of Current American Practice”, in *Culture and Education in Victorian England*, p. 174.

aos filhos dos soldados.

Os professores desta instituição eram extremamente limitados e mal pagos, de modo que Bell teve a idéia de selecionar os alunos mais inteligentes para ensinar os mais novos. Após obter sucesso com seu novo método de ensino, Bell retornou à Inglaterra e publicou *An Experiment in Education* com o propósito de divulgar o êxito de sua experiência. Nesta época, Joseph Lancaster, educador e religioso *quaker*, entra em contato com o texto de Andrew Bell. Lancaster tinha como objetivo proporcionar educação gratuita aos pobres; abriu uma escola em frente a qual podia-se ler em um grande letreiro: “*All who will may send their children and have them educated freely, and those who do not wish to have education for nothing may pay for it if they please*” (“Todos os que desejarem devem enviar suas crianças e as terão instruídas gratuitamente, e aqueles que não desejarem tal gratuidade poderão pagar pela instrução se desejarem”). Como a maior parte das crianças que o procuravam não tinha condições de contribuir com qualquer tipo de pagamento, apesar da grande popularidade de sua escola, Lancaster encontrou grande dificuldade em empregar professores. Deste modo, a proposta de Bell pareceu-lhe absolutamente oportuna, e veio a ser implantada em sua escola com algumas adaptações e levando o nome de *Monitorial System*.

Ambos os educadores eram religiosos; Andrew Bell fazia parte da Igreja Anglicana e Joseph Lancaster integrava o grupo dos dissidentes desta, chamado *Nonconformists*. O papel da igreja, no que se refere à educação inglesa do século XIX, é fundamental; praticamente todas as instituições de ensino eram conduzidas pela igreja, seja a oficial *Established Church*, seja a protestante, *Nonconformist*.

O principal objetivo do Sistema Monitorial era, ou parecia ser, bastante claro: com o aumento do número de trabalhadores nas cidades industrializadas, aumentou também o número de crianças a comporem o quadro discente das escolas locais; portanto, era preciso oferecer uma educação que fosse barata, ainda que limitada, a esse contingente de filhos de trabalhadores que haviam deixado a obscura pobreza do meio rural por outra, mais visível, das grandes cidades.

O sistema consistia em agrupar-se os alunos por níveis de habilidade. Não havia

instrução direta do professor que, geralmente, ministrava suas aulas somente àquelas crianças que faziam parte do grupo mais avançado. Esse professor qualificado selecionava alguns alunos desse grupo destacado para monitorar os demais grupos. Tais monitores eram responsáveis pela instrução de seus colegas mais jovens ou em posição menos adiantada, ficando o professor num posto de supervisor, avaliador e mantenedor da disciplina. Andrew Bell costumava dizer: “*Give me twenty-four pupils today and I will give you twenty-four teachers tomorrow*” (“Dê-me vinte e quatro alunos hoje e eu devolverei vinte e quatro professores amanhã”); acreditava que seu sistema, além de proporcionar educação a baixo custo, ajudava também a *treinar* as crianças das classes trabalhadoras para serem responsáveis em seus empregos futuros.

Era, de fato, um tipo de educação extremamente barato, já que se podia agrupar até 500 alunos sob o controle de um único professor qualificado. O trabalho era subdividido e aprendido principalmente por repetição. Tão logo um grupo havia aprendido uma dessas subdivisões de informação, o professor aplicava uma avaliação e, mediante o resultado desta, tal grupo lograria ou não a promoção para a próxima seção.

O sistema de promoção e punição era bastante complexo exatamente pela existência de diferentes grupos; de qualquer maneira, havia pequenas recompensas para os sucessos alcançados, como voltas de honra ao redor da escola pelos promovidos ou pequenas somas em dinheiro; sendo que, para aqueles que não obtivessem sucesso, a resposta vinha sob forma de humilhação: eram obrigados a usar chapéus com orelhas de burro ou pequenos cartazes pendurados ao redor do pescoço, ridicularizando seus fracassos.

No que se refere à disciplina, o rigor da punição era ainda mais severo. Faltas como: mentir, chegar atrasado, ir à escola sujo, ausência aos cultos da igreja, desobediência, etc., incluíam como punição confinamento em armários, mãos atadas nas costas, serem lavados em frente à escola, ou mesmo expulsão.

O Sistema Monitorial, desenvolvido na Inglaterra, foi uma resposta à Revolução Industrial e podemos ver claramente que, subjacente às suas características mais visíveis, estava nada menos que o modelo mecanicista da produção industrial, que permitia o máximo aproveitamento de um recurso que, àquela época, era escasso: o professor.

Esse mesmo sistema, da maneira como foi incorporado pelas instituições da época, nos traz um exemplo forte da auto-regulação da sociedade; afinal as escolas representavam a expressão completa das forças sociais, econômicas e ideológicas. Segundo escreveu o sociólogo Emile Durkheim: “*The better we understand society, the better shall we be able to account for all that happens in that social microcosm that the school is.*”<sup>3</sup> (“Quanto melhor entendermos a sociedade, mais seremos capazes de explicar tudo o que acontece neste microcosmo social que é a escola”).

#### **b) A Lei Educacional de 1870 - “1870 Education Act”.**

De 1780 até 1870 as escolas provedoras de educação elementar eram mantidas por esforços privados, por indivíduos, grupos religiosos ou organizações de caridade, não havendo praticamente nenhuma intervenção do governo. Após a Lei de Reforma de 1867, políticos como Robert Lowe consideraram haver chegado a hora em que o país deveria preocupar-se com a educação, nas palavras de Lowe: “*now we have to educate our masters*” (“Agora temos que educar nossos mestres”). Em 1870, passa no governo a Lei Educacional, redigida por William Forster, com as seguintes linhas gerais:

- a) o país será dividido em aproximadamente 2500 escolas distritais;
- b) os Conselhos Escolares (*School Boards*) deverão ser eleitos pelos contribuintes de cada distrito;
- c) os Conselhos Escolares deverão avaliar as condições do ensino elementar em seus distritos, providos então pelas Sociedades Voluntárias e, não havendo vagas suficientes, poderão construir e manter outras escolas;
- d) os Conselhos Escolares poderão fazer suas próprias leis internas que os permitirão cobrar ou não taxas, conforme queiram.

---

<sup>3</sup> Myron TUMAN, “Student Tutoring and Economic Production: Ninetenth Century British Parallels of Current American Practice”, in *Culture and Education in Victorian England*, p. 180.

Não há dúvidas de que o estabelecimento desta Lei Educacional de 1870 trouxe resultados importantes ao quadro geral da educação no século XIX; educadores, que até então trabalhavam com os poucos recursos que conseguiam obter através de esforços individuais ou o auxílio das paróquias, tinham agora o apoio do governo o que, aos olhos da sociedade, trabalhou como um elemento incentivador, um chamado de atenção para a necessidade de organização e ampliação do sistema educacional.

Em sua autobiografia, Philip Snowden apresenta um relato bastante ilustrativo do significado, em termos de mudanças reais, desta Lei Educacional:

*“After the passing of Mr. Forster’s Education Act, a few progressive persons in the village started an agitation for the adoption of the Act. The Act was adopted, and the school I attended was taken over by the newly formed School Board. Steps were taken at once to build new school premises. A trained master was appointed, and a new era in child education in the village was opened up. I was between ten and eleven years old when this took place. It brought me into a new world of learning. We were taught in a new schoolroom, which by comparison with the dingy old place we left seemed like a palace to us. The walls were covered with maps and pictures. Our curriculum was extended to include grammar, geography, history, elementary mathematics, and the simple sciences. (...)”*<sup>4</sup> (“Depois da aprovação da Lei Educacional de Mr. Forster, algumas pessoas progressistas no povoado começaram uma agitação pela adoção da Lei. Esta foi adotada e a escola que freqüentava foi empossada por um novo Conselho Escolar. Algumas providências foram tomadas para a construção de uma nova escola. Um novo mestre foi nomeado e uma nova era se abriu para a educação infantil no povoado. Eu tinha entre dez e onze anos quando isso aconteceu; o que me levou a um novo mundo de aprendizado. Éramos ensinados em uma nova sala de aula, que, em comparação com o antigo e lúgubre lugar

---

<sup>4</sup> Philip SNOWDEN, *An Autobiography*. <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk>.

que ocupávamos, pareceu-nos um palácio. As paredes eram cobertas por mapas e ilustrações. Nosso currículo foi estendido para incluir gramática, geografia, história, matemática elementar e ciências simples (...”).

Mas, apesar do sucesso em determinados quadros escolares, A Lei Educacional de 1870, que tornou o ensino para crianças até 12 anos compulsório, não logrou de seu governo esforços menos negligentes para seu cumprimento e, no que se referia às crianças pobres, estas foram bem pouco atendidas pela Lei, havendo localidades em que se desconhecia por completo a existência desta.

Mais uma vez temos um quadro de opostos desenhando a vida vitoriana. Se havia pessoas com ideais elevados, tentando construir oportunidades para todos, havia também o descaso de muitos quanto à crueldade das condições de vida daqueles que, de fato, mantinham a prosperidade da nação: o grande exército de trabalhadores, homens, mulheres e crianças que conheciam apenas seus deveres, nunca seus direitos.

### **c) O preceptorado.**

*“O carro velho me deixou à porta da residência londrina dos Crawley, onde, depois de ter sido tratada com extrema insolência por John, o pajem (ah! é tão fácil insultar a pobreza e o infortúnio!), fiquei entregue aos cuidados de Sir Pitt. Passei a noite numa cama fúnebre, ao lado de uma megera horrenda, que toma conta da casa. Não preguei olho um só instante.*

(...)

*“Meia hora depois da nossa chegada, o grande sino repicou para o jantar, e eu descii com as minhas discípulas (duas garotas de dez e oito anos de idade, muito magrinhas e insignificantes). Vesti para o jantar o querido*

*vestido de musselina branca, presente seu (que tanta inveja causou à odiosa Mrs. Pinner), pois se estabeleceu que serei tratada como pessoa da família, exceto quando houver visitas; nesses dias comerei em cima com as meninas*”<sup>5</sup>.

A passagem do clássico *A feira das vaidades* de Thackeray não poderia trazer uma pintura mais fiel da realidade das jovens que, por circunstância de vida, eram empregadas como preceptoras ou governantas nas casas de famílias inglesas das classes média e alta.

Tais jovens eram de origem humilde, porém haviam alcançado um grau de instrução bastante razoável. Como Becky Sharp, muitas vinham de pais e mães trabalhadores ou famílias arruinadas que, por questões de gratidão ou influências, conseguiam instalar suas filhas em estabelecimentos de ensino para moças.

As governantas cuidavam da educação das crianças até que estivessem com idade suficiente para ingressarem em um colégio ou até que pudessem ter um tutor. Muitas utilizavam métodos de repetição mecânica, porém havia aquelas que, de fato, haviam tido uma boa instrução e tornavam-se boas educadoras. Dizia Miss Pinkerton, em *A Feira das Vaidades*, de Thackeray, que em seu colégio as moças eram bem instruídas em grego, latim, rudimentos de hebreu; em matemática e história; em espanhol, francês, italiano; geografia, música (vocal e instrumental); em dança; elementos de ciência natural, bem como eram treinadas nos afazeres domésticos, costura, bordados, etiqueta, etc.

A vida de uma governanta era bastante solitária, já que sua posição de intimidade com a família provocava um sentimento de inveja e ciúme nos outros empregados. Ao mesmo tempo, essa intimidade era apenas parcial ou aparente, pois, embora tivesse educação e modos de uma *lady*, era tratada como criada, especialmente diante de visitas. De qualquer forma, esta era praticamente a única opção para moças solteiras da classe baixa e média que precisavam ganhar seu próprio sustento.

---

<sup>5</sup> Carta de Rebecca Sharp à amiga Amélia Sedley, W. M. THACKERAY, *A feira das vaidades*, p. 80 e 83.

A posição dessas moças era, algumas vezes, bastante vulnerável, deixando-as sem proteção diante dos caprichos (ou mesmo perversidades) de seus patrões, levando à fundação, em 1843, da Instituição Benevolente para Governantas que tinha como função proteger essas moças e encontrar colocação para elas. Esta mesma Instituição abriu o *Queens College* em Londres, para garotas acima de 12 anos, tendo como sua maior realização seu currículo, no qual se podia escolher entre palestras e aulas sobre línguas modernas, mecânica, geografia, geologia, gramática inglesa, literatura inglesa, latim, botânica, química, filosofia e política econômica.

#### **d) Algumas Instituições:**

*Workhouse Schools* - Em 1834 é aprovada a Lei para os Pobres (*the Poor Law Amendment Act*), esboçada por benthamianos que acentuavam a importância da educação como solução para a eliminação da pobreza.

São criadas as *Workhouse Schools*, escolas para pobres, que funcionavam em péssimas condições sob os cuidados das paróquias. Segundo as palavras do historiador G.C.T. Bartley: “... *the only sort of information which the [workhouse] young had to interest them, was a rehearsal of the exciting deeds of the poacher and the smuggler; or the... adventures of abandoned female*”<sup>6</sup> (“...o único tipo de informação que os jovens tinham para interessá-los era um ensaio dos feitos excitantes dos caçadores e contrabandistas; ou as... aventuras de mulheres abandonadas”).

As salas de aula eram locais lúgubres e insalubres; os professores eram, eles mesmos, pessoas miseráveis e não qualificadas, sendo muitos semi-alfabetizados, desprovidos das habilidades mais básicas ou até analfabetos.

Até 1859 apenas 6 dessas escolas haviam sido fundadas, pois os contribuintes das

---

<sup>6</sup> Apud Patrick BRANTLINGER, “How Oliver Twist learned to read, and what he read”, in *Culture and Education in Victorian England*, p. 59.

paróquias relutavam em ajudar na manutenção de tais estabelecimentos, acreditando que já dispensavam esforços suficientes provendo abrigo e alimentação para tais pessoas. O compromisso com a população carente obedecia também às regras das aparências, não indo além daquilo que supostamente constava do rol das obrigações morais.

***Charity Schools*** - Esse tipo de escola estava diretamente vinculado ao firme propósito da igreja de habilitar seus fiéis pobres a lerem a Bíblia de modo a compreenderem o lugar deles, sua posição social. Foi o fruto de uma campanha organizada pela *Society for Promoting Christian Knowledge (SPCK)*, ainda no século XVIII, e mostra o grau de racionalismo descomprometedor assumido por seus elaboradores. Era absolutamente confortável atribuir à causalidade divina os males sociais e, principalmente, convencer tais pessoas de que isso era perfeitamente necessário.

Algumas destas instituições eram exemplares se comparadas com as demais escolas para pobres, sendo os seus professores pagos razoavelmente e o ensino se fixando em leitura e repetição inicialmente, para mais tarde incluir habilidades manuais. Porém, muitas delas eram locais terríveis, com professores mal pagos e mal qualificados (escolhidos entre os fracassados da sociedade), e o rigor da disciplina era assegurado por punições severas.

Havia *Charity Schools* que eram subsidiadas pelos comerciantes e tinham firme propósito de orientação vocacional. Eram separadas por sexo, tendo, a escola para garotas, a função principal de treinar essas crianças nos afazeres domésticos, religião, moral e disciplina. Na verdade o que preparavam eram criados habilidosos, obedientes e baratos para os próprios comerciantes.

***Ragged Schools*** - Idéia desenvolvida por um sapateiro de nome John Pounds que começou a ensinar crianças pobres sem cobrar nenhum tipo de pagamento; seu objetivo era levar a elas a “virtude do conhecimento”. Mas foi Thomas Guthrie que ajudou a promover esta idéia iniciando um trabalho em Edinburgo, o que forneceu as bases para que, em 1844,

Lord Shaftesbury formasse a *Ragged School Union*, com o propósito de levantar fundos para essas escolas, bem como procurar professores voluntários.

A idéia de uma escola para crianças muito pobres foi bem aceita porque a má aparência delas (suas vestimentas sujas e maltrapilhas) acabava as excluindo das escolas existentes. Tais instituições acolhiam crianças vadias e proporcionavam a elas alguma instrução elementar, ajudando inclusive na busca de empregos e mesmo imigração. Na verdade, o principal objetivo dessas instituições era levar os ensinamentos cristãos e algum cuidado elementar a essas crianças miseráveis.

As *Ragged Schools* contavam com o apoio de pessoas que trabalhavam caritativamente e contavam também com alguma assistência material vinda de pessoas ricas como foi o caso de Angela Burdett-Coutts, provedora de somas bastante importantes para a *Ragged School Union*. Mas, ainda assim, eram lugares pouco cuidados na maior parte das vezes. Charles Dickens, como grande crítico social que era, as via como nada além de um substituto do que verdadeiramente deveriam ser: *“at best, a slight and ineffectual palliative of an enormous evil. And what they can do is so little, relatively to the gigantic proportions of the monster with which they have to grapple, that if their existence were to be accepted as a sufficient cause for leaving ill alone, we should hold it far better that they had never been”*<sup>7</sup> (“quando muito, um sutil e ineficaz paliativo para um enorme mal. E o que elas podem fazer é tão pouco, relativamente às gigantescas proporções do monstro com o qual têm estado às voltas, que se suas existências devessem ser aceitas como causa suficiente para deixarem o mal sozinho, melhor seria se nunca houvessem existido”).

**Public Schools** - Originalmente aberta para todos, as Public Schools eram instituições sem fins lucrativos que funcionavam principalmente por meio das doações de seus fundadores, pessoas ricas que se preocupavam em fornecer estudo de qualidade para suas crianças e jovens. Na prática essas escolas se dirigiam aos filhos da classe média e alta, pois que, embora fossem chamadas de “Public Schools”, eram o que hoje conhecemos como escolas

---

<sup>7</sup> *Apud* <http://www.gober.net/victorian/reports/schools.html>. Philip COLLINS. *Dickens and Education*.

particulares.

Havia nove principais *Public Schools*: Eton, Winchester, Harrow, Westminster, Charterhouse, Rugby, Shrewsbury, St. Paul's e Merchant and Taylor. Tais escolas utilizavam métodos mecânicos como repetição ou chamadas orais nas quais os alunos deveriam reproduzir exatamente aquilo que lhes havia sido transmitido pelo professor; o ensino fundamental se constituía das gramáticas latina e grega, sendo que, somente com a publicação do tratado de Darwin, *Origin of Species*, a ciência aparece de forma mais proeminente nos currículos dessas escolas. O tipo de ensino fornecido era bastante ligado ao mundo dos negócios, incluindo aulas de contabilidade, e uma característica importante e excludente era o fato de que tais instituições acolhiam somente crianças que pertencessem à comunidade religiosa da *Established Church*, sendo vetada a entrada dos filhos dos *Nonconformists*, que formaram o que se tornou conhecido como as *Dissenting Academies*.

#### **e) A educação feminina.**

Em 1848, Harriet Martineau publicou um volume sobre Educação intitulado *Household Education*; neste seu trabalho, Martineau se preocupou em argumentar contra o que concluiu como sendo as três afirmações mais comuns do pensamento britânico do século XIX relativo à educação feminina:

- a) Ao buscar o conhecimento, as mulheres conseqüentemente negligenciam seus deveres e afazeres femininos.
- b) Por mais avançado que seja seu alcance em termos de conhecimento, jamais deixará de estar em grande desvantagem com relação ao dos homens.
- c) A natureza feminina é em essência feita para devaneios e qualquer esforço por modificá-la iria fazê-las (as mulheres) se esquecerem de seu estado de subordinação assegurado pela lei, natural e divina.

Harriet Martineau acreditava que, sendo bem educadas, as mulheres poderiam ser companheiras dos homens de forma mais plena, ao invés de desempenharem papéis meramente decorativos.

Num século em que se acreditava na inferioridade natural das mulheres, em que cientistas realizavam estudos de antropometria e craniometria para demonstrarem cientificamente essa condição de inferioridade intelectual, às mulheres cabia um tipo de instrução que reforçasse o seu caráter frágil, de bordadeiras e organizadoras das tarefas do lar.

A separação das esferas de atuação (feminina e masculina) na vida vitoriana foi sempre reforçada pelo que era tido como o elevado e sublime papel das mulheres – o de serem mães exemplares e esposas fiéis. O exercício do saber somente atrapalharia essa sua vocação natural e, pior, havia certo temor de que, ao adquirirem um maior grau de conhecimento, elas sobressaíssem de tal modo a superarem seus maridos.

A passagem do texto de Peter Gay, *A Educação dos Sentidos*, que analisa o diário de Carey Thomas, uma jovem determinada a lutar pelo seu ingresso num curso superior, é extremamente ilustrativa. Na ocasião de um jantar em sua casa com amigos convidados, Carey Thomas faz algumas considerações sobre um inglês de nome Joseph Beck e os demais convidados:

*“ ‘Ele não acreditava na Educação das Mulheres’ (...) ‘Disseram que não viam nada de bom numa mulher aprender latim ou grego, isso não as tornava mais agradáveis para seus maridos. (...) O matrimônio, para todos os presentes (...) – era ‘aquela condição insuperável de felicidade terrena’ na qual a mulher podia cumprir seu ‘dever de divertir o marido e não aprender nada; jamais exercitar os poderes de sua mente, de modo que seu marido possa sentir o prazer requintado de saber mais do que sua esposa’. (...) [Carey Thomas] se recusava a aceitar o que chamava de ‘a cantilena costumeira’ de que a mulher ‘é demasiado elevada, demasiadamente sublime para fazer qualquer coisa além de ficar sentada em sua*

*total ignorância de mãos postas para que os homens possam adorá-la em seu altar''''<sup>8</sup>*

Em 1869, John Stuart Mill publica *The Subjection of Women*, declarando-se abertamente um feminista - o primeiro pensador eminente e de respeito a escrever sobre o assunto. Seu texto tornou-se um clássico, tomando como argumento fundamental o princípio de liberdade e igualdade que deveriam ser aplicados tanto aos homens quanto às mulheres.

No que diz respeito ao caso da educação, muita controvérsia se estabeleceu entre os educadores que se dividiam, agrupando-se, em maioria, entre aqueles que defendiam a posição *moralmente superior* das mulheres que deveriam permanecer em casa para que a paz e prosperidade da sociedade vitoriana fossem mantidas.

Feministas como Mary Woolstonecraft atacavam a restrição educacional para mulheres, pois esta as aprisionava como eternas dependentes dos pais e maridos; defendia a idéia de que as garotas deveriam ter as mesmas oportunidades.

Mas a realidade era uma só - havia poucas escolas para meninas e a educação oferecida era muito pobre, fazendo com que a maior parte delas fosse educada em casa por suas mães ou por governantas; uma educação que não ultrapassava o necessário para torná-las boas esposas. As escolas para meninas, fundadas por idealistas como Louisa Martindale, sofriam forte oposição, o que em muitos casos culminava no fechamento das mesmas ou abandono dos projetos em andamento.

Louisa Garrett Anderson apresenta um interessante relato sobre as atitudes em relação à educação feminina no século XIX:

*“(...) parents thought the serious education of their daughters superfluous:*

---

<sup>8</sup> Peter GAY, *A Educação dos sentidos*, p. 140.

*deportment, music and a little French would see them through. 'To learn arithmetic will not help my daughter to find a husband' was a common point of view. A governess at home, for a short period, was the usual fate of the girls. Their brothers might go to public schools and university but home was considered the right place for their sisters. Some parents sent their daughters to a finishing school, but good schools for girls did not exist. Their teachers were untrained and ill-educated. No public examinations accepted female candidates*<sup>9</sup> (“(...) os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era supérfluo: comportamento, música e um pouco de francês eram suficientes. ‘Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido’, era um ponto de vista comum. Uma governanta em casa, por um curto período, era o destino usual das garotas. Seus irmãos deveriam ser enviados às escolas públicas e universidade, mas o lar era considerado o lugar certo para as meninas. Alguns pais enviavam suas filhas para escola, mas escolas boas para meninas não existiam. Seus professores eram mal-treinados e pouco instruídos. Não havia exames públicos que aceitassem candidatas mulheres”).

A situação foi progressivamente melhorando conforme o sucesso e a perseverança de algumas escolas, bem como a luta incessante das feministas. Mas não podemos esquecer que as feministas vitorianas não eram rebeldes, eram reformadoras e como reformadoras, vitorianas não estavam isentas das influências dos valores tão profundamente estabelecidos pelo seu próprio contexto. Em 1870, Emily Davies e Barbara Bodichon ajudaram a que Girton College se tornasse a primeira escola universitária para mulheres, embora não fosse reconhecida pelas autoridades, e, somente em 1880, o Newnham College foi incorporado à Cambridge University, sendo que até 1910 havia pouco mais de 1000 mulheres ocupando as carteiras universitárias em Oxford e Cambridge, não lhes sendo, contudo, permitida a atribuição de nenhum título.

---

<sup>9</sup> *Girls and Schooling*, <http://www.spartacus.shcoolnet.co.uk>

A luta pela educação feminina no século vitoriano esbarrou nas convicções morais de que a sociedade haveria de manter a ordem reservando às mulheres um papel pré-definido. As bases reguladoras incluíam interpretações equivocadas das escrituras bíblicas e o medo de uma provável superioridade (fosse intelectual ou financeira), fazendo com que tomasse lugar um jogo de dissimulações bastante hipócrita, ainda que inconsciente, que elevava a figura feminina à condição de *santidade*, para assegurar a sua conformidade com relação às próprias restrições.

### **C) A INTENCIONALIDADE NA MAIOR PARTE DA LITERATURA VITORIANA.**

#### **a) A leitura em família: edificação dos valores morais e exaltação das virtudes.**

Após termos apresentado, resumidamente, algumas instituições de ensino com suas características principais, o que nos fica bem claro é o fato de que, na Inglaterra do século XIX, acreditava-se muito no papel da educação recebida no lar através dos exemplos vindos das figuras paterna e materna, que procuravam, sempre com grande rigidez e disciplina, conduzir suas crianças pelo difícil caminho que leva à aquisição do que consideravam *as grandes virtudes*. Lembre-se de que, na época em foco, educar era fazer com que a criança parecesse um adulto.

Durante o século em apreço, um dos hábitos tidos como mais salutar era o cultivo dos serões de longa duração, em que as famílias se reuniam para as suas leituras. Esse hábito era um misto de entretenimento e busca da edificação dos valores morais, de vez que os textos escolhidos eram comumente carregados de aconselhamentos, visando a este propósito. Muitos deles traziam exemplos que objetivavam ensinar as crianças sobre as conseqüências das más ações, já que, acreditava-se, para se esculpir as virtudes era preciso

deixar clara a importância e a inevitabilidade de dois sentimentos opostos: a aprovação e a culpa.

O universo infantil era povoado por estes dois conceitos que, ao final, eram regidos por um único: o medo. Medo da punição - uma das poucas certezas que aquele mundo apresentava.

Com o aumento do número de instituições de ensino ao longo do século, aumentou conseqüentemente a quantidade do público leitor e das publicações. Um número grande de livros escritos especialmente para instruírem pais e filhos tornou-se disponível. Nestes, muitas vezes, figurava, sob forma de contos, romances e mesmo manuais práticos, um rol de exemplos bem dramatizados versando sobre as falhas de conduta, o mal comportamento e suas implicações. As personagens protagonistas destes textos eram sempre punidas de acordo com seus desvios. As religiões impunham fortemente a idéia de que somente aquele que teme a Deus e vê na figura de Cristo o único caminho para a salvação, poderia afastar-se das *conseqüências da depravação humana*. Essa afirmação a respeito da natural condição de pecadores aplicava-se às crianças, levando-as, desde cedo, a acreditarem-se impuras. Para certas mentes, Rousseau era um autor equivocados.

As leituras de fim moral, presentes nestes serões familiares, apresentavam-se sob as mais variadas formas e estilos. Um exemplo bastante interessante é o de Mrs. Gatty, uma das educadoras mais populares do período, que publicou, em 1855, a primeira de cinco séries das *Parables from Nature*. Neste seu texto, Mrs. Gatty utiliza-se do arcabouço da história natural para desenvolver suas lições de moral.

*“Each parable was designed to help the juvenile audience learn how to become a part of society. ‘The Law of Authority and Obedience’ uses a community of bees to demonstrate that social order requires hierarchical structures where some guide and some labor. A group of bees, discontent because they do not see the justice of one bee being queen when they were created equal, sets out to found a republic where all are working bees. But*

*they cannot agree on rudiments of social life and finally must return to the order of the hive*"<sup>10</sup>. (“Cada parábola era construída para auxiliar o público jovem a como se tornar parte da sociedade. ‘A Lei da Autoridade e Obediência’ usa uma comunidade de abelhas para demonstrar que a ordem social requer estruturas hierárquicas nas quais alguns guiam e outros trabalham. Um grupo de abelhas descontentes porque não viam justiça no fato de uma abelha se tornar rainha quando todas haviam sido criadas iguais, partem para encontrarem uma república onde todas fossem abelhas trabalhadoras. Mas estas abelhas não conseguem chegar a um consenso sobre os rudimentos da vida social e finalmente acabam retornando às ordens da colméia”).

Esta passagem sobre o texto de Mrs. Gatty mostra a necessidade de manter a ordem social, tarefa que somente o enraizamento dos valores morais poderia concluir, segundo o que acreditavam. Havia a intenção de se ensinar que a submissão é algo natural e bom.

*“‘Animals under man - servants under masters - children under parents - wives under husbands - men under authorities - nations under rules - all under God, - it is the same with all: - in obedience of will is the only true peace’”*<sup>11</sup> (“Os animais se submetendo aos homens - os servos a seus mestres - as crianças a seus pais - as esposas a seus maridos - os homens às autoridades - as nações às suas regras - todos a Deus, - é igual para todos: - a obediência a tal arbítrio é a única paz verdadeira”).

Muitos são os autores e vasta é a gama de textos literários, alguns bons e

---

<sup>10</sup> John R. REED. “Learning to Punish: Victorian Children’s Literature” in *Culture and Education in Victorian England*, p.103.

<sup>11</sup> John R. REED. “Learning to Punish: Victorian Children’s Literature” in *Culture and Education in*

engenhosos, outros péssimos e extremamente ingênuos. Mas um dos mais importantes textos de literatura juvenil é o de Charles Kingsley, *Water-babies*. Neste seu livro, Kingsley conta a história de um menino limpador de chaminés chamado Tom. O texto é uma alegoria em que a alma do menino, após deixar sua ‘casca’, vai purificar-se num lago onde habitam fadas que o protegem e o ensinam sobre os caminhos e a sabedoria da natureza. Mas o interessante é que, ao encontrar com Mrs. Bedonebyasyoudid, essa personagem explica a Tom o porquê de seus sofrimentos (sua morte e o confinamento no lago): ele havia sido punido por haver atormentado as criaturas aquáticas, mesmo sem ter se apercebido disso.

Encontramos no texto de Kingsley uma forte simbologia religiosa, com o tema da morte sendo tratado de forma menos amedrontadora do que comumente acontecia: “*In Kingsley’s account, the river of death has nothing frightening about it*”<sup>12</sup>. E o processo de purgação de Tom, através da sua experiência como uma espécie de anfíbio vivendo num lago, é também bastante simbólica (“*When thou passest through the waters, I will be with thee*” - *Isaiah - Old Testament*). “*An extraordinary blend of fundamental Christian tenets with current evolutionary thought, and fantasy, enables Charles Kingsley to conceive of the dissolution of the self in quite a different way (...)*”<sup>13</sup> (“Quando passares pelas águas, Estarei contigo” - Isaías - Velho Testamento). (“Uma mistura extraordinária dos princípios cristãos com o pensamento evolucionário atual e a fantasia, habilita Charles Kingsley a conceber a dissolução do *self* de um modo bastante diferente (...)”).

Há ainda um outro lado interessante a explorarmos, no que diz respeito à importância da leitura para os vitorianos.

Durante os séculos XVIII e XIX na Inglaterra, dos gêneros literários pouco desenvolvidos foi o teatro. As características comportamentais da época não viam com bons olhos esta modalidade de arte na qual a expressão corporal é algo de grande importância. Mas o ser humano é corpo e alma e, sendo assim, sua natureza estaria - ao longo da Era Vitoriana - em conflito quando da repressão de um desses dois pólos do seu

---

*Victorian England*, p.104.

<sup>12</sup> Jacqueline BANERJEE. “Charles Kingsley’s *Water Babies*. <http://www.stg.brown.edu/projects/victorian>.

existir. Em razão disso, aconteceu uma espécie de interesse velado pelas produções teatrais, uma fascinação, mesclada por um profundo incômodo, por uma arte que, ao final, tinha como mediador o corpo.

A leitura em voz alta (em família ou mesmo em locais públicos) veio a ser uma espécie de substituto do teatro, uma domesticação do teatro Vitoriano. Charles Dickens, num período difícil de sua vida, logo após o drama conjugal da separação, viu-se numa posição em que precisava mais do que nunca aumentar seus rendimentos, pois, além da pensão à ex-esposa, precisava manter sua própria casa e a nova companheira Ellen Ternan. Procurou, então, colocar em prática um antigo plano: realizar leituras de seus livros em público, com entrada paga; estas leituras Dickens já as havia praticado para amigos e familiares, e mesmo para festivais de caridade, com bom êxito, de modo que, uma vez feita a divulgação de seu intento, colocou-o em prática e obteve como resultado salas repletas e uma multidão de ouvintes que vibravam com a dramatização de suas leituras. O público ria, chorava, sofria à medida que Dickens revelava seu inesperado dom teatral.

*“Uma noite, os soluços de um velho que perdera a filha, encheram o teatro onde Dickens lia justamente a descrição da morte da pequena Dorrit. Noutra, as mulheres presentes correram para o estrado onde, ilustrando certa cena, despetalara ele um gerânio, a fim de recolherem as pétalas como recordação. A cena da morte de Nancy, assassinada por Sikes, tirada do romance **Oliver Twist**, cena que exigia dele um enorme esforço de ação e que sempre preparava com o maior cuidado, provocava cenas de terror e de histerismo nas platéias repletas”<sup>14</sup>.*

Também Thackeray destacou-se, como conferencista, enchendo auditórios com um público grandemente interessado em ouvir aquele autor tão intrigante que escolhera como

---

<sup>13</sup> Ibidem.

<sup>14</sup> Oscar MENDES. *Estética Literária Inglesa*, p. 52.

tema de suas primeiras conferências “Os humoristas ingleses do século XVIII”. Havia um público que precisava estar em contato com a arte, com aqueles que produziam as emoções que vivenciavam através das leituras.

*“With its dual function of instructing and diverting, reading aloud represents the essence of what Victorian culture required from its pastimes, and of what Victorian fiction attempted to provide. (...) reading aloud owed much of its popularity to its origins in the schoolroom and the home. Although readings became increasingly theatrical in the course of the nineteenth century, the Victorians continued to consider them - or conveniently pretended to consider them - educational as well as entertaining. Victorian antitheatricalism actually reenforced the enthusiasm for ‘dramatic readings’. The scholastic and domestic connotations generated by the very idea of reading aloud rendered acceptable the titillation of the entertainment”*<sup>15</sup> (“Com a função dupla de instruir e divertir, a leitura em voz alta representa a essência do que a cultura vitoriana requeria para o seu passatempo, bem como aquilo que a ficção vitoriana se esforçava por proporcionar. (...) a leitura em voz alta deve muito de sua popularidade à sua origem nas salas de aula e nos lares. Embora esse tipo de leitura tenha se tornado crescentemente teatral no transcurso do século XIX, os vitorianos continuaram a considerá-la - ou convenientemente fingiam considerá-la - educacional e de entretenimento. O antiteatralismo vitoriano na verdade reforçou o entusiasmo por ‘leituras dramáticas’. As conotações domésticas e escolares geradas pela leitura em voz alta acabaram tornando aceitável o aspecto estimulante do entretenimento”).

Surge, deste modo, um novo tipo de profissão: os *professional performers* - leitores

---

<sup>15</sup> Alison BYERLY, “From Schoolroom to Stage: Reading Aloud and the Domestication of Victorian

com um dom especial para a dramatização dos textos, recitadores de poemas, ficção e drama, que se apresentavam como *lecturers* (conferencistas), nunca como atores, embora utilizassem, quase sempre, o palco de um teatro e todos os atributos das artes cênicas para a finalidade a que se propunham. E no palco das representações vitorianas, mais uma vez a necessidade de expressão deixa escapar sentimentos reprimidos pelas rígidas normas de comportamento, encontrando um caminho alternativo para sua articulação: se a vida já se mostrava por demais teatral, o próprio teatro estaria condenado, mas um outro modelo, mais doméstico, mais ‘adequado’ entrava em cena para permitir o extravasamento das emoções.

#### **b) Os grandes autores e a sociedade vitoriana.**

O sociólogo Émile Durkheim, ao analisar as sociedades pré-industriais, conclui que estas, possuidoras de uma tecnologia simples e fortes tradições, operavam através de um intenso sistema moral, o qual pedia certo grau de conformidade. O senso de coletividade era muito mais arraigado; viviam no que Durkheim denominou *solidariedade mecânica*.

Já com a sociedade moderna e seu aumento no volume e na velocidade sociais, os progressos tecnológicos e industriais e a escassez de recursos, começou a buscar-se alternativas de vida, dentre as quais a especialização na produção de certos tipos de serviços e produtos entrou em cena na luta pela sobrevivência em tal contexto. Perde-se de vista aquele tipo de visão comunitária para adotar-se uma outra muito mais individualista; um sapateiro, por exemplo, era reconhecido muito mais pela sua habilidade do que pela sua posição na comunidade. Desta forma, para Durkheim, a sociedade passou para um tipo de *solidariedade orgânica*, ou seja, as pessoas passaram a ser mais autônomas e menos condicionadas pelos valores morais; mas tanto um tipo quanto outro de solidariedade funcionavam para a manutenção da operacionalidade da sociedade e, numa situação em que os valores morais estão abalados em seus alicerces (ainda que inconscientemente), ocorre o risco da vigência do que Durkheim denominou *anomia* - condição em que a sociedade se

guia pelo individualismo com pouco ou equivocado apego às normas ou valores morais; uma forte confusão de normas pela deficiência perceptual que impede de ver a importância destas para a vida individual e social.

Este risco - o de perder as rédidas da sociedade, bem como o de não alcançar a tão visada *salvação religiosa* através da moral - amedrontou de tal maneira a Era Vitoriana que fez com que sua ideologia fosse tão fortemente enraizada na regulação moral. Tudo isso, obviamente, teve seus reflexos na produção literária, na educação, e na própria resposta social às produções literárias do seu tempo.

As novas características da sociedade industrial, especialmente o aumento do público leitor, a ascensão da burguesia, agora com uma participação política maior e as novas oportunidades que o mundo tecnológico e industrial apresentava, fizeram nascer um desejo de *ser educado e culto*, coisa que a maior parte dos pertencentes à classe média não possuía - bom nível cultural e educação refinada. Como consequência, os autores eram tidos como profetas, modelos. Outro fator que incrementou esse tipo de (culto ou) confiança nos literatos e pensadores era o fato de que, com as especializações práticas, os negócios com o comércio, havia pouco tempo para o cultivo de leituras aprofundadas e estudos mais teóricos e vastos.

Os autores vitorianos eram tidos como exemplos, profetas e guias e, como tais, abraçaram, de uma forma ou de outra, a missão de transmitir à sociedade os valores morais tão almejados e, sob certos aspectos, deixados em estado nebuloso, mal interpretados ou mesmo negligenciados.

Analisando a temática desenvolvida por alguns autores, W.E. Houghton nos dá uma mostra da importância da obra literária, a exemplo de Dickens, num momento de crise e dúvida quanto ao sentido da vida e da morte, bem como quanto aos propósitos da fé religiosa.

*“(...) Dickens’ pathos had a social purpose. The heart that is purified by*

*pity for the dead may be readier to feel pity for the living. It also had a religious purpose. The death scenes which fill the Victorian novels are clearly connected with the religious crisis. They are intended to help the reader sustain his faith by dissolving religious doubt in a solution of warm sentiment. When the heart is so strongly moved, the skeptical intellect is silenced; and when feelings of profound love and pity are centered on a beautiful soul who is gone forever, the least religious affirmation, the slightest reference to heaven or angels, or to reunion with those who have gone forever (and no decent deathbed in any novel was without them) was sufficient to invoke a powerful sense of reassurance*<sup>16</sup> (“O pathos de Dickens tinha um propósito social. O coração purificado pela piedade aos mortos deve estar apto a sentir piedade pelos vivos. Isso também trazia um propósito religioso. As cenas de morte que preenchiam as novelas vitorianas estão claramente conectadas com a crise religiosa. Elas têm o objetivo de ajudar o leitor a sustentar sua fé com a dissolução das dúvidas religiosas através dos sentimentos ternos. Quando o coração é tocado tão fortemente, o intelecto cético é silenciado; e quando os sentimentos de amor profundo e piedade são centralizados numa bela alma que se foi para sempre, a menor afirmação religiosa, a mais sutil referência ao céu e aos anjos, ou o reencontro com aqueles que se foram (e nenhuma cena passada em um leito de morte nas novelas vitorianas estava sem estas características) eram suficientes para invocar um senso poderoso de garantia”).

Este tipo de aconselhamento, ainda que indireto, servia como meio de aliviar as dúvidas e instabilidades do período e servia também para aprofundar ainda mais o sentimento de confiança nos pensadores que sabiam tão bem expressar o que não se conseguia por conta própria. Não se poderá negar que esta era uma atitude medíocre e de menor esforço, por parte do público.

---

<sup>16</sup> W. E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, p. 277.

A educação moral valeu-se grandemente da importância e credibilidade dos escritores. A função dos professores e dos autores de aconselhamento, que escreviam tanto para adultos como para crianças e jovens, era a de apresentar à imaginação cenas, objetos e personagens que provocassem um forte apelo aos sentimentos nobres. Segundo John Ruskin, o primeiro e mais básico objetivo da educação deve ser formar meninos e meninas “*practically serviceable to other creatures*” (“praticamente aproveitáveis para outras criaturas”), um tipo de solidariedade já não tão vivenciada àquele tempo.

Houve também o que podemos chamar de *culto ao heroísmo*, que serviu como compensação do sentimento de imperfeição, de dúvida e medo. Os vitorianos queriam pensar em heróis, ler uma literatura em que houvesse heróis e heroínas, para satisfazer um sentimento puramente emocional, tão forte e imperante quanto aquela necessidade de inspiração didática. Nisso havia também um profundo apelo religioso, de vez que a tipologia dos grandes heróis e as suas histórias incluíam forte simbologia religiosa. Um exemplo disso está em *Jane Eyre* de Charlotte Brönte. Ao descobrir a existência da esposa insana de Rochester (seu grande amor), Jane Eyre descreve a si mesma, na terceira pessoa, reconhecendo-se punida por não obedecer aos preceitos de Deus.

*“In comparing her love to the dead first-born of the Egyptians who had perished in the tenth plague, Jane places that love within an existing spiritual context. She recognizes that she is being punished for not obeying the precepts of the true God, and also realizes that she is guilty of the sin of the Egyptians - of believing both that God’s powers are limited and that they could evade his law”*<sup>17</sup> (“Comparando seu amor com a morte dos primogênitos egípcios que haviam perecido com a décima praga, Jane situa seu amor dentro de um existente contexto espiritual. Ela reconhece que está sendo punida por não obedecer aos preceitos do verdadeiro Deus, e também percebe-se culpada pelo pecado dos egípcios - acreditando que os poderes

---

<sup>17</sup> George P. LANDOW, “Typology and Characterization: Moral Placement in Jane Eyre”, <http://www.stg.brown.edu/projctcs/hypertext/landow/victorian>.

de Deus são limitados e que poderiam escapar de Sua lei”).

Havia também, para reforçar o *culto ao heroísmo*, o pesadelo da concepção evolucionista do homem como um autômato.

*“No one can read Victorian literature without recognizing the painful, indeed agonizing, sense of being caught in a vast mechanism of scientific law. (...) In such a state of apprehension the hero embodies everything one longs to hold on to: the self-reliance, the moral character freely choosing the nobler course of action, the dynamic power of the human will”*<sup>18</sup> (“Não se pode ler a literatura vitoriana sem reconhecer o doloroso, agonizante, senso de se estar preso em um vasto mecanismo da lei científica. (...) Em tal estado de apreensão, o herói incorpora tudo aquilo que as pessoas gostariam de possuir: a autoconfiança, o caráter moral de se escolher livremente o mais nobre curso das ações, o dinâmico poder da vontade humana”).

Mais uma vez, a riqueza de contrastes da Era Vitoriana mostra-se como elemento principal na gênese das preocupações de seus autores, bem como na necessidade das mentes daquele tempo de encontrarem alento e orientação para as angústias que o ‘culto das aparências’ não deixava mostrar mas que, de fato, existiam e atuavam sobretudo ao nível inconsciente.

---

<sup>18</sup> W. E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, p. 337.

## **CAPÍTULO 4**

### **MORAL VITORIANA - A EDUCAÇÃO EM DILEMA: MORALISMO OU ÉTICA?**

O capítulo que ora iniciamos tem como objetivo, em seu primeiro item, buscar reflexões esclarecedoras acerca das noções de valor, moral e ética, tão amplamente utilizados neste nosso trabalho e que compõem os elementos centrais da problemática escolhida como tema da pesquisa. Em seguida procuraremos demonstrar que o Vitorianismo, embora tendo partido em busca de uma ética, não logrou ultrapassar o moralismo de conotação religiosa, desdobrando-se em uma “educação moralizante”; finalizando o último capítulo de nossa pesquisa com uma breve incursão sobre o vitoriano Sigmund Freud, numa visão de abrangência de pontos de sua doutrina que acabaram por “implodir” as intenções moralizantes do Vitorianismo.

## A) VALOR, MORAL E ÉTICA.

Estes termos, embora muitas vezes empregados indistintamente, têm significações bem particulares. Há problemas morais, bem como há problemas éticos, ambos envolvendo escolhas que, por sua vez, partem da valoração que cada um faz com respeito a situações, a normas de conduta, etc. Há valores morais negativos, ou desvalores, assim como há valores morais positivos, variando de acordo com a visão de mundo de determinada sociedade em determinada época (ou tempo).

*“Quando falamos de ética quase sempre associamos o termo a outro que é a sua tradução latina, o termo **moral**, que sugere a idéia de uma disciplina normativa, de código a reunir em si séries de prescrições e proibições explícitas: faze isto, evita aquilo, e assim por diante. Todavia, as regras, prescrições, interdições, que fazem parte dos códigos vigentes nas sociedades humanas, não são fins em si mesmas, mas meios em vista do grande objetivo que imaniza a existência: a realização profunda do nosso desejo de ser”<sup>1</sup>.*

Ora, seguindo a linha do pensamento de J.C. Nogueira, quando nos colocamos diante de um impasse de fundo moral, do tipo: “Devo dizer sempre a verdade, ou há situações em que seria mais acertado mentir?” ou “Os crimes cometidos durante as inúmeras guerras que a história presenciou tornaram culpados aqueles que os cometeram ou não, de vez que seguiam ordens militares?”; deparamo-nos com problemas de fundo prático-moral. Decidir e agir conforme a decisão tomada, numa situação concreta, é um problema prático-moral, ao passo que não cabe à moral definir o que é bom, sendo este um problema geral de caráter teórico de competência da ética.

Assim sendo, o campo da ética caracteriza-se pela generalidade; sua função é explicar, investigar, esclarecer uma realidade dada, elaborando conceitos correspondentes a ela. A ética é uma explicação, e não uma simples descrição, a respeito do modo como a responsabilidade moral se estabelece com relação aos atos particulares ou coletivos.

*“A ética não cria a moral. Conquanto seja certo que toda moral supõe determinados princípios, normas ou regras de comportamento, não é a ética que os estabelece numa determinada comunidade. A ética depara com uma experiência histórico-social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e, partindo delas, procura determinar a essência da moral, sua origem, as condições objetivas e subjetivas do ato moral, as fontes da avaliação moral, a natureza e a função dos juízos morais, os critérios e justificação destes juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão de diferentes sistemas.*

***A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade.”<sup>2</sup>***

O trecho de Adolfo S. Vazquez traz uma definição bastante clara da ética, colocando-a como *ciência do comportamento moral dos homens em sociedade*. Segundo o filósofo H. C. Lima Vaz, *ethos* escrito com a letra grega *eta*, significa “a morada do homem”. Bem, esta é uma metáfora para mencionar os costumes desenvolvidos pelo ser humano; assim que a ética é a reflexão racional sobre a “morada do homem”, o que nos remete ao caráter histórico da moral que, assim como as próprias sociedades, se sucedem e substituem umas às outras. As *moradas* se transformam transformando o modo como o ser humano valoriza o mundo e se coloca diante dele fazendo suas escolhas e agindo conforme elas. Valorar é um ato psicológico pelo qual, em dado tempo e em dado espaço, considera-

---

<sup>1</sup> João Carlos NOGUEIRA. “Ética e responsabilidade pessoal”, in Regis de MORAIS (org.). *Filosofia, Educação e Sociedade*, p. 15.

se como valor aquilo que realmente satisfaz uma necessidade. O valor resulta da comunhão homem - mundo.

Ao longo da Era Vitoriana falou-se muito em *virtudes* para determinar-se condutas de comportamento moralmente positivas. Para os vitorianos eram virtudes: a limpeza, o trabalho árduo, a retidão e seriedade, a fidelidade conjugal, a religiosidade, o puritanismo, etc. Mas as virtudes vitorianas foram concebidas e vividas de acordo com seu tempo; eram valores peculiares àquela época, já que o termo *valor* traz em si a concepção de que grande maior parte das idéias morais são subjetivas e relativas - costumes e convenções muitas vezes com fins utilitários. Sabemos que até mesmo (ou principalmente) mudanças na economia foram capazes de mudar os códigos morais tornando aceitável, por exemplo, a exposição de milhares de pessoas às terríveis condições de trabalho quando da expansão industrial e comercial - o trabalho era uma virtude afinal (lembramos que trabalhar em terríveis condições não é moral e nem ético; mas, o enunciar-se *o trabalho* como virtude e fascinar-se uma época com isto adiou a necessária discussão sobre as condições verdadeiramente morais de trabalho). Chegamos, então, a um ponto particularmente intrigante: os *valores vitorianos* não podem ser vistos de forma genérica, ou seja, eram valores especificamente gerados pela classe média e por esta difundidos, de vez que o proletariado, a classe trabalhadora, era relegada ao afastamento da obediência alienada; dela esperavam-se apenas os resultados de sua força trabalhadora. A pouca educação destinada a essas pessoas, as terríveis condições de vida, com famílias amontoando-se em cortiços imundos e pestilentos, serviam a um tipo de *controle social* bastante útil aos propósitos dos emergentes da burguesia.

As boas maneiras, a etiqueta, o que Thomas Hobbes chamou de *small morals* eram também formas de expressão do “controle social”:

*“The ritual order of etiquette, by sternly guarding against slips in bodily and emotional control, assured the individual’s deferential participation in the*

---

<sup>2</sup> Adolfo Sanchez VAZQUEZ. *Ética*, p. 12.

*dominant social order. Instead of allowing any outward relaxation, bourgeois etiquette drove the tensions back within the individual self, providing ritual support for the psychological defense mechanisms of repression, displacement, and denial necessary to cope with the anxieties of the urban capitalist order*<sup>3</sup> (“A ordem ritual da etiqueta, que com sobriedade vigiava os deslizos do controle corporal e emocional, assegurava a participação respeitosa na ordem social dominante. Ao invés de permitir qualquer relaxamento externo, a etiqueta burguesa dirigia sua atenção para dentro do *self* individual, fornecendo um suporte ritual para os mecanismos de defesa psicológicos da repressão, deslocamento e negação necessária em arcar com as ansiedades da ordem capitalista urbana”).

A idéia de respeitabilidade era reforçada pela idéia do *gentleman*, aquele cidadão ao qual se atribuía elevado *status* social. Tecnicamente não figurava entre a nobreza, colocando-se abaixo dos cavaleiros; mas socialmente destacava-se pela independência e por não ter que ocupar seu tempo com algo tão sórdido quanto ganhar a vida à maneira do proletariado.

## **B) O DILEMA VITORIANO: MORALISMO OU ÉTICA?**

Os séculos XVIII e XIX foram ao mesmo tempo os séculos da audácia e do medo. Desejava-se avançar e progredir, mas a cada avanço percebia-se o seu ônus e isto impunha medo.

O anticlericalismo iluminista transforma-se, no século XIX, em materialismo brutal, surgindo neste contexto as escolas literárias posteriores ao Romantismo: Realismo e

---

<sup>3</sup> John F. Kasson, *Rudementss and Civility*, in Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of Society - from Victorian virtues to modern values*, p.29.

Naturalismo, (estas últimas praticamente nascidas sob a influência da obra *Medicina Experimental*, de Claude Bernard) que desnudaram um mundo desesperado e sofrido - como, por exemplo, no romance *Germinal* de Émile Zola, sobre as condições de vida das minas de carvão, na França.

Os ideais vitorianos de moral inabalável, bem como os medos eclesiásticos, rejeitaram as obras desse gênero e prosseguiram na defesa das virtudes. Numa reação amedrontada, buscou-se sensibilizar os educandos (e toda a sociedade) com a força moralizante da educação que significou uma última tentativa de crer na força da vontade sensibilizada na construção e na prática das virtudes.

Nas palavras de Walter E. Houghton:

*“If we hope to discover the inward thoughts of a generation’, as Whitehead once remarked, ‘it is to literature that we must look’. But literature in the broad sense that includes letters and diaries, history, sermons, and social criticism, as well as poetry and fiction”. (...) “The intimate connection between literature and life is a significant feature of the Victorian age and one of its chief glories”<sup>4</sup> (“Se esperamos descobrir os pensamentos internos de uma geração’, como Whitehead certa vez anotou, ‘é para a literatura que devemos olhar’. Mas a literatura num sentido amplo que inclui cartas e diários, história, sermões e criticismo social, bem como poesia e ficção”. (...) “As conexões mais íntimas entre literatura e vida são uma característica importante da Era Vitoriana e uma de suas principais glórias”).*

A Literatura Vitoriana serviu, muitas vezes, de veículo a uma educação moralizante; e quando isso não acontecia, as expressões literárias eram extremamente criticadas e mesmo sensuradas.

---

<sup>4</sup> Walter E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, Prefácio, p. xv e xvii.

Peter Gay, em seu livro *A Educação dos Sentidos - a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, traz-nos uma extensa pesquisa em diários, textos jornalísticos e mesmo receitas culinárias da época, exatamente para mostrar o quanto e de quão variadas formas os ideais vitorianos eram infiltrados nos lares e mentes das pessoas de modo a efetivar a educação moralizante à qual nos referimos, bem como estes exemplos trazem em muitos de seus textos, especialmente nos diários, as apreensões e dúvidas decorrentes das rápidas mudanças que o século XIX presenciou.

Permitir-nos-emos, como ilustração, transcrever alguns trechos da mencionada obra de Peter Gay, porque isto nos parece de todo relevante.

- Sobre a ansiedade e nostalgia provocadas pela velocidade imprimida pelos avanços tecnológicos e a alta competitividade característicos da época:

*“Nos primórdios da década de 1860, lady Knightley (...) capturou com muita sensibilidade essa incerteza do mundo moderno em seu diário (...) ‘me dá calafrios. Nos dias de hoje não existe descanso nem repouso para ninguém; todos estão sempre em movimento, seja no lazer ou no trabalho. Será isto preferível à estagnação dos dias passados? Não sei; é muito difícil, quase impossível, chegar a uma conclusão’”*<sup>5</sup>.

- Sobre a literatura para a educação sexual - exemplos das preocupações moralizantes:

*“A literatura de esclarecimento sexual floresceu em fins do século XIX como jamais havia acontecido antes. E embora possa ter aliviado os sofrimentos de milhares de leitores, forneceu mais esclarecimentos a respeito da cultura em que estava inserida do que a respeito da sexualidade,*

---

<sup>5</sup> Peter GAY. *A Educação dos Sentidos - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 53.

*lançando mais luz sobre a vitalidade das repressões burguesas, que agora se encontravam sob fogo esparso, e sobre preocupações que pouco tinham a ver diretamente com o sexo. Esse gênero literário abrange dois tipos de publicações aparentemente bem diversas: os tratados filosóficos, sociológicos e médicos dirigidos a profissionais e especialistas, e as obras didáticas populares, dirigidas aos pais de crianças e adolescentes.”<sup>6</sup>*

E também, sobre a abrangência da difusão destas preocupações propriamente vitorianas:

*“Havia nos Estados uma Sociedade para Profilaxia Sanitária e Moral; na Grã-Bretanha, uma Sociedade da Cruz Branca, fundada para advogar a causa da pureza sexual; na Alemanha, uma Sociedade para o Combate das Doenças Venéreas; e, na França, o senador René Bérenger, conhecido no anedotário da época pelo apelido de ‘Père la Pudeur’ [Pai pudor], fundou uma Liga Contra a Licenciosidade nas Ruas. Eram dezenas de associações com nomes semelhantes, liderando cruzadas semelhantes, todas elas seriamente engajadas no combate à ignorância em nome da decência. Era como se homens e mulheres capazes, profissionais honestos e competentes, quisessem consertar numa década a negligência cometido ao longo de milênios. A fuga da ignorância transformou-se numa fuga para o conhecimento.”<sup>7</sup>*

Há muitos outros exemplos, dada a riqueza do texto de Peter Gay; acreditamos que os aqui selecionados ilustram suficientemente o grau de preocupação com a moral e seus desdobramentos que ensejaram o que chamamos de educação moralizante.

---

<sup>6</sup> Id., *ibid.*, p. 231.

<sup>7</sup> Peter GAY. *A Educação dos Sentidos - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 232.

Nas escolas que eram, em sua quase totalidade, dirigidas por religiosos alarmados e temerosos pelo declínio do Cristianismo e pela perspectiva do ateísmo com todas as suas implicações sociais (resultado das diferentes linhas de pensamento materialistas), a exaltação de uma fé sem limites e das virtudes era transmitida como objetivo principal, sendo os saberes colocados em segundo plano.

As publicações com fins didáticos eram verdadeiros manuais de comportamento, de regras de conduta, procurando ensinar crianças e jovens a serem virtuosos e moralmente inflexíveis. O medo de que os maiores pilares que se acreditava sustentarem a sociedade inglesa do século passado - fé e moral - fossem abalados, era muito grande.

*“(...) For ‘everyone’ agreed that any discarding of the Christian sanctions of duty, obedience, patience under suffering, and brotherly love was obviously ‘fraught with grievous danger to property and the State’”<sup>8</sup> (“Pois ‘todos’ concordavam em que qualquer descarte das sanções cristãs relativas ao dever, obediência, paciência diante do sofrimento, e amor fraterno estariam obviamente “repletos de perigos graves à propriedade e ao Estado””).*

Os valores familiares carregavam as marcas de uma moralidade que, por sua vez, eram impressas pelos pais em seus descendentes através de uma educação que abrangia, em primeiro lugar, a formação de um caráter sério e zeloso quanto às obrigações da fé e do trabalho. A respeitabilidade não era somente um valor, era uma realidade, embora humanamente oscilante.

*“The home was both a place of worship and an object of worship. The custom, among the middle classes especially, of assembling the family*

*(including the servants) for prayers and Bible-reading was intended as much for purposes of moral edification as for religious observance*”<sup>9</sup> (“O lar era tanto o lugar de culto quanto objeto de culto. O costume, entre as classes médias especialmente, de reunirem a família (incluindo os serviçais) para as orações e leituras da Bíblia tinham um firme propósito de edificação moral e observância religiosa”).

Em uma passagem do livro *A Educação dos Sentidos*, Peter Gay comenta o fato de que as crianças e jovens vitorianos pareciam muito mais velhos do que verdadeiramente eram, por incorporarem, desde cedo, os temores das sanções e punições conseqüentes de uma não observação de todos os preceitos e deveres a eles transmitidos com extremo rigor. Nas palavras de Frederic Harrison:

*“(...) Home is the primeval and eternal school where we learn to practise the balance of our instincts, to restrain appetite, to cultivate affection, to pass out of our lower selves (...)”*<sup>10</sup> (“(...) O lar é a primeira e eterna escola onde aprendemos a praticar o equilíbrio de nossos instintos, a restringir o apetite, a cultivar a afeição, a sublimar nossos eus inferiores(...)”).

Os modelos recebidos em casa eram de um pai austero, trabalhador, e uma mãe zelosa e fiel, ambos figuras quase beirando a perfeição ou encenando-a da melhor maneira. Diante disso, inicia-se um conflito, já que nem sempre as crianças e jovens se sentiam seguros quanto a alcançarem tais ideais de perfeição. Como ser tão seguro e forte ante um mundo (exterior e interior) que proporciona tantas dúvidas? As ambiguidades habitavam as vidas como fantasmas inquietantes.

---

<sup>8</sup> Walter E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, p. 59.

<sup>9</sup> Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from Victorian virtues to modern values*, p. 56.

Peter Gay, ao narrar e analisar a vida da vitoriana Mabel Loomis Todd, pesquisada principalmente a partir de seus diários, reserva uma parte de seu texto à filha única do casal Millicent Todd, que se refere ao pai, David Todd, da seguinte forma:

*“Quando se refere ao pai, suas palavras assumem sempre um tom religioso: o pai ‘leva uma vida sagrada’; ela tem remorsos por não contar ao seu ‘abençoado pai’ tudo acerca de um flerte de adolescente; quando ele completa 56 anos, precisamente o dobro de sua idade, ela é levada a pensar em seu ‘abençoado, santo, poético pai’”<sup>11</sup>.*

quando, na verdade, não passava de uma mitificação, já que David Todd fora complacente com as aventuras da esposa.

Embora internamente esse conflito fosse constante, de modo abrangente, ensinava-se a viver dentro de um moralismo despistador dos grandes temores e ansiedades.

A educação moralizante serviu para fazer da Era Vitoriana um enorme palco em que figuras mascaradas representavam seus atos com certo grau de realismo. Era uma educação que, como vimos antes, visando a alcançar uma ética, conseguiu distorcer suas próprias conclusões ao ponto de efetivar tão-somente um moralismo de caráter religioso, resultado de todas as implicações sociais, intelectuais e emocionais já expostas.

### **C) BREVE INCURSÃO SOBRE O VITORIANO SIGMUND FREUD QUE ‘PÔS ABAIXO’ AS INTENÇÕES MORALIZANTES DO VITORIANISMO.**

---

<sup>10</sup> Frederic HARRISON. in Gertrude HIMMELFARB. *The de-moralization of society - from Victorian virtues to modern values*, p. 58.

<sup>11</sup> Peter GAY. *A Educação dos Sentidos - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*, p. 80.

No século XVIII, o Iluminismo chegou ao ápice do mito da razão absoluta, e para o pensamento iluminista a razão significava trabalho do intelecto que teria como instrumentos a intuitividade e a experimentação. Através da razão alcançar-se-iam as mudanças capazes de proporcionar progressos e riquezas. O ser humano via-se dotado de uma racionalidade que era existencializada como quase onipotente. Lembremos, como ilustração, que no século XVIII, os revolucionários da Revolução Francesa, entronizaram, num altar vazio na Catedral de Notre Dame, a ‘deusa Razão’. Esta fora esculpida como nova divindade a ser cultuada.

Tal divinização da razão levou os contemporâneos do século XVIII, e também os homens e mulheres do século XIX, a terem de suas vidas uma concepção inteiramente voltada para a *consciência*. O mundo humano é todo regido pelo consciente, e as pessoas decidem livremente sua maneira de ser e de viver.

Nisto acreditou, acima de tudo o mais, o vitorianismo, como o indicavam suas inúmeras obras religiosas de caráter pedagógico, sua literatura e seu teatro moralizantes, bem como a prática dos serões de leitura em família e nas escolas.

A fé no poder da razão ensejou, paradoxalmente, um intenso dogmatismo; as pessoas se viram encorajadas a considerar aquilo que julgavam razoável ou não como absolutamente certo ou errado.

Numa era de transição, em que as velhas crenças estavam sendo questionadas, alguns - os mais modestos - se afligiam com dúvidas crescentes, e os mais presunçosos lançavam afirmações categoricamente, com pouco ou nenhum estofo de argumentação, certos de uma sonhada infalibilidade da ação racional.

*“..., what a magnificent opportunity for the ego to assert itself when nothing is settled and everyone is arguing and no one else seems smart enough to come up with the answers - except me”.*<sup>12</sup> (“..., que magnífica oportunidade

---

<sup>12</sup> Walter E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, p. 138.

para o ego de se afirmar quando nada está estabelecido, todos estão argumentando e ninguém parece esperto o suficiente para apresentar as respostas - exceto eu”).

*“We should also remember that ‘half-instructed’ people were more common than ever before in a period when self-education had become a popular ideal in the middle classes”.*<sup>13</sup> (“Devemos também lembrar que estas pessoas ‘pobremente instruídas’ eram mais comuns do que nunca, num período em que a auto-instrução tinha se tornado um ideal popular nas classes médias”).

Os vitorianos acreditavam que a verdade era não somente absoluta, mas perfeitamente alcançável - não pelo homem comum, mas especialmente por aqueles tidos como “profetas” - as autoridades da época, os grandes pensadores, intelectuais, cientistas e literatos; homens que, muitas vezes, tratavam das questões mais controversas sem meias palavras ou modéstia.

*“... the Victorian mind in general was committed to the concept of absolute law. Politics, morals, history, economics, art, education - all were governed, it was thought, by universal laws or principles true for all times and places; and therefore to be stated by anyone who knew what they were with serene authority”.*<sup>14</sup> (“..., a mente vitoriana de um modo geral engajou-se ao conceito de lei absoluta. Política, moral, história, economia, arte, educação - todos estavam governados, acreditava-se, por leis universais ou princípios verdadeiros para todos os tempos e lugares; e portanto que poderiam ser afirmados por qualquer um que os conhecesse com serena autoridade”).

---

<sup>13</sup> Id., Ibid., p. 139.

<sup>14</sup> Id., Ibid., p. 145.

Enquanto para uns as verdades eternas estavam ligadas à Providência Divina, para outros o conceito de verdade absoluta derivava principalmente da atitude científica moderna.

*“Not only all material bodies but all social facts were ‘linked together in the bonds of inevitable laws, which individuals and Governments would obey if they were once made known to them’. The task of the social scientist was therefore to discover these laws and proclaim them”.*<sup>15</sup> (“Não somente todos os indivíduos, mas todos os fatos sociais estavam ‘ligados pelos laços das leis inevitáveis, que as pessoas e os governos deveriam obedecer uma vez que as conhecessem’. O objetivo dos cientistas sociais era, portanto, descobrir estas leis e proclamá-las”).

Essa capacidade do homem de equacionar racionalmente seus problemas ou solucioná-los, muitas vezes, de acordo com um código de moral estabelecido - e raramente questionado -, culminou numa forte característica dos vitorianos: a rigidez; bem como motivou a crença na infalibilidade das decisões conscientes, dotadas de uma poderosa força - a razão - capaz de intervir na natureza, transformá-la em nome do progresso, como jamais havia acontecido antes.

Neste contexto, e ainda no século XIX, Nicolau Hartmann iniciou a escrever sobre o lado inconsciente da personalidade humana, em linha filosófica. Começava-se a questionar a onipotência da consciência, aquele homem capaz de controlar todos os seus atos e direcioná-los com segurança absoluta.

De forma científica, o Dr. Sigmund Freud e, anos mais tarde, o Dr. Carl Gustav Jung estabeleceram que o inconsciente não só existe, mas age sobre o cotidiano das ações

do ser humano. Há ainda os que não consideram tais idéias científicas, mas isto em nome de estreitos positivismos ainda mais racionalistas.

Freud desenvolveu uma noção quase que territorial do inconsciente; este era um estrato de nossa personalidade. Em linhas gerais, no esquema de funcionamento psíquico, a consciência é apenas uma superfície que oculta o enorme e profundo inconsciente. A vida humana é regida pelo *Princípio de desprazer-prazer*, em que se busca a satisfação *absoluta* de um sentimento de desconforto, de tensão, vindo de uma excitação interna, que pode ser uma idéia, uma imagem, um representante ideativo carregado de energia, ou o que também se chamou de representante das pulsões; é importante lembrar que o aparelho psíquico permanece constantemente excitado.

Esse hipotético *prazer absoluto* é algo, segundo Freud, inatingível; desprazer e tensão permanecem para sempre como sinônimos de vida.

Temos aí a gênese do conflito humano: de um lado o *inconsciente* emitindo impulsos que buscam de imediato o prazer, e de outro uma barreira que se opõe a esta “loucura”, lembrando que é preciso que estejamos atentos às exigências da realidade. Esta barreira, que Freud denominou *recalcamento*, tenta deter os impulsos do inconsciente, mas estes, invariavelmente, conseguem escoar uma parte de seu conteúdo que permanece incompreensível para o sujeito que o vivencia freqüentemente sob angústia.

*“O objetivo do recalcamento é evitar o risco extremo que eu correria ao satisfazer inteiramente e diretamente a exigência pulsional. Com efeito, a satisfação imediata e total da pressão pulsional destruiria, por seu descomedimento, o equilíbrio do aparelho psíquico”.*<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> Walter E. HOUGHTON. *The Victorian Frame of Mind*, p. 148.

<sup>16</sup> Juan-David NASIO. *O prazer de ler Freud*, p. 29.

Juan-David Nasio faz um resumo esquemático bastante esclarecedor dessa movimentação psíquica:

*“**Primeiro tempo:** excitação contínua da fonte e movimentação da energia à procura de uma descarga completa, nunca atingida → **Segundo tempo:** a barreira do recalçamento opõe-se ao movimento da energia → **Terceiro tempo:** a parcela de energia que não transpõe a barreira fica confinada no inconsciente e reativa a fonte de excitação → **Quarto tempo:** a parcela de energia que transpõe a barreira do recalçamento exterioriza-se sob a forma do prazer parcial inerente às formações do inconsciente.”<sup>17</sup>*

Como se pode depreender da 2ª e 3ª lições da obra *Cinco Lições de Psicanálise*, o vitoriano por excelência Sigmund Freud, levado por suas observações científicas e guiado por sua extraordinária intuitividade, ao propor que nossa vida é influenciada, e às vezes até manipulada, pelo inconsciente, por assim dizer ‘pôs abaixo’ a principal viga de sustentação do edifício vitoriano: a consciência racional livre e todo-poderosa.

*“... chegamos à convicção, pelo exame dos doentes histéricos e outros neuróticos, de que a repressão das idéias, a que o desejo insuportável está apenso, **malogrou**. Expeliram-nas da consciência e da lembrança; com isso os pacientes se livraram aparentemente de grande soma de dissabores. Mas o **impulso desejoso continua a existir no inconsciente** à espreita de oportunidade para se revelar, concebe a formação de um **substituto** do reprimido, disfarçado e irreconhecível, para lançar à consciência,*

---

<sup>17</sup> Juan-David NASIO. *O prazer de ler Freud*, p. 30.

*substituto ao qual logo se liga a mesma sensação de desprazer que se julgava evitada pela repressão”<sup>18</sup>*

Ora, pelo exposto, vemos que o conceito de inconsciente já aparece ligado à idéia de repressão, de defesa. Do ponto de vista de Freud, ao longo da vida de um indivíduo, tudo é originalmente inconsciente e, sob a forte e contínua influência do mundo externo, parte desse conteúdo psíquico se torna pré-consciente e, se as circunstâncias permitirem, conscientes. E mesmo assim, por vezes, vem à tona de forma distorcida.

É o que, por exemplo, encontramos na obra de Richard Wolheim, *As idéias de Freud*, em seu capítulo intitulado “O inconsciente e o ego”<sup>19</sup>. Ou na obra de Philip Rieff, *Freud: pensamento e humanismo*, nos capítulos: “O Eu escondido” e “A autoridade do passado”<sup>20</sup>. Coisa que também encontramos argumentada com amplitude e raro brilho por Peter Gay, em sua extraordinária tetralogia que está sob o título geral *A experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud*.

Como se vê, Freud não desmontou o vitorianismo por ser seu adversário, mas por ter chegado à conclusão de um inconsciente dinâmico e ver esta concepção cientificamente trabalhada também por Jung. Aliás, Bruno Betelheim em seu livro *A Viena de Freud e outros ensaios* (Ed. Campus, 1991), comenta o quanto a residência de Freud em Viena e todo o seu estilo de vida eram propriamente vitorianos - tanto no positivo quanto no negativo disto.

O vitorianismo, como fenômeno inglês que se acabou espalhando por boa parte do mundo, cultivou o poder das decisões racionais (conscientes) e o valor das aparências, até que Freud - no dizer do pensador chinês Lin Yutang - lavou na pia as maquiagens de um século e obrigou os seres humanos a enxergarem a realidade de seus próprios rostos<sup>21</sup>.

<sup>18</sup> Sigmund FREUD. *Cinco lições de psicanálise*, p. 27.

<sup>19</sup> Richard WOLLHEIM. *As idéias de Freud*, pp. 162-181, *passim*.

<sup>20</sup> Philip RIEFF. *Freud: pensamento e humanismo*, pp. 85-118; 197-226.

<sup>21</sup> Lin YUTANG. *De pagão a cristão*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

Naturalmente, os efeitos disto sobre a educação tardaram, mas acabaram pondo inteiramente em questão a “educação moralizante”, praticamente criada pelos vitorianos embora tenhamos exemplos do desdobramento da educação moralizante até o século XX, que em suas primeiras décadas conheceu uma profusão de obras pedagógicas e literárias moralizantes, na linha de consonância do ressurgimento de alguns fundamentalismos religiosos e morais, tal como o exemplifica o Movimento de Rearmamento Moral das primeiras décadas deste século XX, nos Estados Unidos da América.

A Literatura, primeiro veículo do chamado vitorianismo inglês, penetra o presente século fazendo-o questionar, estimulado principalmente pela psicanálise, o *mundo de decisões conscientes* que encantou boa parte do século XIX.

É preciso que deixemos claro que nem de longe esta abordagem pretende ser um estudo acerca do pensamento freudiano; aqui apenas buscamos lembrar o núcleo de pensamento psicanalítico que inviabilizou a permanência do ‘espírito vitoriano’.

## CONCLUSÃO

Ao concluir esta nossa pesquisa, percebemos com grande satisfação que pudemos, por meio dela, explorar e conhecer mais aprofundadamente este período tão ricamente adornado por uma Literatura de beleza inconfundível e uma profundidade filosófica e histórica extremamente importantes. Que é apenas um começo, não se discute. Ainda falta muito. Mas o que fizemos nos enriqueceu, sem dúvida.

Ao longo deste trabalho, muitas vezes a direção de nossas propostas foi mudada de acordo com as demandas e escolhas que ela própria ensejou. Diante do texto pronto e de posse dos conhecimentos que este nos proporcionou, fica-nos claro que logramos abrir uma via de acesso para investigações posteriores, que podem vir a realizar-se de diversas maneiras, dada a riqueza do tema.

Como já dissemos, o século XIX representa a chave para a melhor compreensão de nossa época, pelos desdobramentos que estendeu pelo século XX. Buscamos encontrar, através das conexões entre Literatura e vida, os primeiros moldes para a compreensão deste nosso século XX, que foram sendo gerados pela força criadora da Era Vitoriana. Permita-se-nos citar mais uma vez o pensamento de Whitehead: *“Se esperamos descobrir os pensamentos internos de uma geração, é para a Literatura que devemos olhar”*.

A educação moralizante, veiculada sobretudo pela Literatura, permitiu-nos entender melhor nossa Educação do século XX que absorveu, especialmente nas primeiras décadas deste, muitas de suas características.

Ao finalizar esta etapa, concluímos que, de um modo geral, logramos alcançar alguns dos objetivos (considerando sempre os limites de nossas possibilidades) que nos propusemo ao iniciá-la. O percurso da trajetória nem sempre foi fácil; encontramos, como já mencionamos anteriormente, alguns obstáculos quanto ao acesso a um bom material de pesquisa, os quais, felizmente, pudemos transpor graças à ajuda da informática e ao auxílio inestimável de pessoas amigas que contribuíram de uma forma ou de outra. Tivemos sempre claro que todo caminho exige daqueles que se propõem a percorrê-lo a consciência das possíveis dificuldades, bem como das possibilidades de seus êxitos. Não nos faltaram tanto uns quanto outros. Muitas vezes nos vimos sufocados pela falta de incentivo e condições mais favoráveis ao pesquisador neste nosso país que, embora possuidor de vasta riqueza de potencialidades, pouco tem sabido, ao longo de sua história difícil, explorá-las. Vivenciamos dificuldades de vária ordem, já que isso faz parte da vida, mas gostaríamos de deixar registrado, mais enfaticamente, a relevância deste tema, especialmente no que se refere aos valores e à importância decisiva da educação como veículo direto ou indireto destes, que sempre foi.

Um século de notáveis feitos científicos, tecnológicos e filosóficos. Mas também uma época na qual as pessoas se deixaram aprisionar por equívocos existenciais sérios, no sempre arriscado *culto das aparências*.

Um século que nasce, especialmente na Europa, obscurecido pela névoa dos acontecimentos revolucionários dos quais o seu antecessor foi palco, e que trouxe o medo de suas conseqüências sangrentas. O medo e a ansiedade parecem reger as preocupações mais íntimas, mas a capacidade criativa e empreendedora do ser humano, de par com sua extrema fragilidade como ser de contradição, fizeram deste um século cuja riqueza não pode, de forma alguma, ser negligenciada.

Encerramos com uma passagem de George Steiner:

*“Não é o passado literal que nos governa, a não ser, possivelmente, em um sentido biológico. São as imagens do passado. Estas são,*

*com freqüência, tão altamente estruturadas e seletivas quanto os mitos. As imagens e sínteses mentais do passado são impressas, quase à maneira da informação genética, em nossa sensibilidade. Cada nova era histórica se espelha na imagem e na mitologia ativa de seu passado ou de um passado emprestado de outras culturas. Ela põe à prova, em contraste com esse passado, seu sentido de identidade, de regresso ou de novas realizações. Os ecos pelos quais uma sociedade procura determinar o alcance, a lógica e a autoridade de sua própria voz vêm da retaguarda”<sup>1</sup>.*

As imagens deixadas pelo século XIX marcaram tão fortemente que este chegou ao nosso tempo trazendo ainda a *aparência* de uma época dourada. Olhamos para o passado século com ares nostálgicos, impregnados pela idéia do “jardim imaginado da cultura liberal”, mas é preciso realçar também as suas verdades tristes e sofridas, pois é exatamente no conjunto de suas características que podemos vislumbrar o drama de uma época de precioso valor humano.

---

<sup>1</sup> George STEINER. *No castelo do Barba Azul - algumas notas para redefinição da cultura*, p. 13-14.

## BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, Ciro Flamarion. e BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

CARDOSO, Ciro Flamarion. e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CARVALHO, Adalberto D. *Epistemologia das Ciências da Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

CASSIRER, Ernst. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

COREY, M. & OCHOA, G. *The Encyclopedia of the Victorian World*. New York: Henry Holt Books, 1996.

Diversos Autores, *Northon Anthology of English Literature*, 1990.

Diversos Autores, *The English Tradition: Poetry, Literary Heritage Series*, Macmillan, 1974.

DUARTE Jr., J. F., *Itinerário de uma crise: a modernidade*, Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

- ESTRELA, Albano. *Pedagogia: ciência da Educação?* Porto: Porto Editora, 1992.
- FALCON, F.J. C., *Iluminismo*, São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- FLAMARION, C.C. e VAINFAS. *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Ed. Cammpus, 1997.
- FOUCAULT, Michel. “História e descontinuidade” in SILVA, M.B. (Org.) *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade. I A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982.
- FOWLER, Alastair., *História da Literatura Inglesa*, Publicações Europa-América, Biblioteca Universitária, Portugal, 1987.
- FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise* - Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud, volume XI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.
- FRONDISI, Ranieri., *Que son los valores*, Mexico, Fondo de Cultura Económica de Mexico, 1969.
- FULLAT, Octavi., *Filosofias da Educação*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994.
- GAY, Peter. *Educação dos Sentidos - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A paixão terna - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O cultivo do ódio - A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São

- Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1989.
- GILES, Thomas Ransom., *História da Educação*, E.P.U., São Paulo, 1987.
- GUARDINI, Romano., *O fim dos tempos modernos*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1964.
- HIMMELFARB, Gertrude. *The de-moralization of society. From Victorian Virtues to Modern Values*. New York: Vintage Books, 1996.
- HOUGHTON, Walter E. *The Victorian Frame of Mind*. Virginia, USA: Yale University Press, 1985.
- JAPIASSU, Hilton. *As paixões da Ciência*. São Paulo: Letras & Letras, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Nascimento e morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 2ª ed., 1982.
- KOYRÉ, Alexandre. *Estudos de História do Pensamento Científico*, Rio de Janeiro: Edições Forense, 1991.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Os direitos do homem e o homem sem direitos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1974.
- MENDES, Oscar., *Estética da Literatura Inglesa*, Ed. Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1983.
- MEZAN, Renato., *Freud: pensador da cultura*, S. Paulo, Bralisiense/CNPq, 1982.
- MIALLARET, Gaston. *As ciências da Educação*. Lisboa: Ed. Moraes, 1969.
- MORAIS, Regis de. *Estudos de Filosofia da Cultura*. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_ (org.). *Filosofia, Educação e Sociedade*. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. *Evoluções e Revoluções da Ciência atual*, no prelo - acesso aos originais.

MUHLSTEIN, Anka. *Vitória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NASIO, Juan-David. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

PRIESTLEY, J.B. & SPEAR, J. *Adventures in English Literature*. Harcourt Brace Jovanovich, 1963.

PRIESTLEY, J.B., *A Literatura e o Homem ocidental*, Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1968.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Linceu, 1969.

RANDALL JR., John. *La formación del pensamiento moderno*. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954.

REALE, Miguel. *A Filosofia na obra de Machado de Assis & Antologia filosófica de Machado de Assis*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1982.

REBOUL, Olivier., *A Doutrinação*, S. Paulo, Comp. Edit. Nacional, 1980.

RÉMOND, René. *O século XIX*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

RIEF, Philip. *Freud - Pensamento & Humanismo*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

ROAZEN, Paul., *Freud: pensamento político e social*, S. Paulo, Brasiliense, 1973.

SABATO, Ernesto., *Homens e engrenagens*. Campinas: Editora Papirus, 1990.

SILVA, M.B. (org.), *Teoria da História*. São Paulo: Cultrix, s/d.

SCOTT, P. e FLETCHER, P. *Culture and Education in Victorian England*. London: Associated University Presses, 1990.

STEINER, George. *No castelo do Barba Azul. Algumas notas para redefinição da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Textos obtidos pela Internet.

THORNLEY, G.C., ROBERTS, G., *An Outline of English Literature*, Longman, 1984.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Ética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1976.

WELLEK, R., WARREN, A., *Teoria da Literatura*, Publicações Europa-América, Portugal, 1976.

WOLLHEIM, Richard. *As idéias de Freud*. São Paulo: Cultrix, 1974.

YUTANG, Lin. *De pagão a cristão*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1960.

### **Obras Literárias da Estética Vitoriana**

AUSTEN, Jane. *Emma*. São Paulo: Editora Best Seller, 1997.

\_\_\_\_\_. *Razão e Sentimento*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1982.

BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*.

\_\_\_\_\_. *O professor*. São Paulo: Editora Global, 1983.

BRONTË, Emily. *O morro dos ventos uivantes*.

DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

\_\_\_\_\_. *Um conto de duas cidades*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *Contos*. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

DOYLE, Sir Arthur Conan. *The Lost World and Other Stories*. Hertfordshire: Wordsworth Classics, 1995.

KINGSLEY, Charles. *The Water-Babies*. London: Macmillan and Co., 1900.

THACKERAY, W.M. *A Feira das Vaidades*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1963.

\_\_\_\_\_. *Barry Lyndon*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

**ANEXO 1**

**RESUMO DO LIVRO:**

MUHLSTEIN, Anka. *Vitória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

**RESUMO DO LIVRO:**

MUHLSTEIN, Anka. *Vitória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Nosso objetivo ao anexarmos o resumo do presente livro a esta pesquisa é fornecer dados biográficos da Rainha que deu, sobretudo na Inglaterra, nome a um século e a um estilo de vida, bem como, através destes dados, ilustrar nosso trabalho com aspectos históricos de seu reinado e principalmente aspectos de sua personalidade ora convergentes, ora divergentes ao que se espera de uma figura simbolizadora da Era Vitoriana.

\* \*

Não há dúvida de que a longevidade da rainha Vitória deu unidade (pelo menos nominal) a um século extremamente complexo.

Vitória possuía características bem menos vitorianas do que se podia esperar, já que era vigorosa, a favor da liberdade de expressão, com atitudes que ora mostravam grande bom senso, ora falta de lógica e uma displicência pouco velada quanto aos cuidados e afeto destinados a seus filhos, embora, de qualquer forma, ao lado de seu esposo – o Príncipe Consorte Albert -, formassem um modelo exemplar de família, algo muito importante para a época.

Teve uma infância infeliz; seu pai morreu alguns meses depois de seu nascimento e não encontrou na mãe os carinhos que uma criança espera. Viveu sem amigos ou parentes afetuosos, encontrando no tio Leopold como que um substituto do pai, numa amizade fiel de muitas décadas.

Leopold a aconselhava em longas e periódicas cartas com o fito de preparar-lhe o futuro. Foi este tio quem teve a idéia de apresentar Albert à Vitória, antevendo um casamento satisfatório.

O que começou como um arranjo que serviria aos interesses da coroa britânica (ao menos no entendimento do rei dos belgas e tio da rainha, Leopold I), culminou numa união feliz, de amor e cuidados mútuos.

A rainha se encantou com a beleza de Albert, já que era excessivamente sensível à beleza e à aparência exterior das pessoas, especialmente aos encantos masculinos. É este o maior influenciador de seu julgamento e, muito provavelmente, o que, num primeiro momento, a fez pedi-lo em casamento (de acordo com o protocolo, a iniciativa deveria partir dela).

*“ ‘A beleza de Albert é extremamente impressionante (...). Ele é muito fascinante’, escreve ela imediatamente a seu tio, e essas palavras são a chave de sua reviravolta, pois a mudança de Vitória é espetacular. Albert só precisou aparecer para ganhar a batalha. E por quê? Simplesmente porque é bonito e sua frívola prima<sup>1</sup> não põe nada acima da beleza masculina.”<sup>2</sup>*

Logo após o casamento, as dúvidas quanto à posição de Albert são levantadas, mas Vitória encarrega-se de deixar claro que sua autoridade deve prevalecer.

Albert curva-se às vontades da rainha, que se mostrava uma esposa amorosa e terna, embora o mantivesse sempre fora das atividades públicas.

---

<sup>1</sup> Albert era filho do irmão mais velho de Leopold, portanto, primo irmão de Vitória.

<sup>2</sup> p. 32.

Logo, considerados os valores intelectuais e mesmo o carisma do Príncipe, que conquistou muitos, Leopold, o barão Stockmar (amigo de Leopold), Anson (secretário nomeado de Albert) e o Lord Melbourne (conselheiro e amigo da rainha), formarão uma conspiração para valorizar o Príncipe; iniciativa que, aos poucos, teria resultados positivos.

Vitória teve nove filhos em dezessete anos, dos quais – fato incomum à época – nenhum morreu com pouca idade. Mas as crianças não seriam o centro de sua atenção.

*“Dizer que não os amava [os filhos] seria um pouco excessivo, mas em vão se procuraria nela o gesto maternal instintivo. Nenhum traço de sentimentalismo ou de enternecimento nesse domínio. Não deu mostra disso em sua juventude e igualmente não o fará na idade madura. Desde seu primeiro bebê, ela é categórica: não é um divertimento.”<sup>3</sup>*

Já o Príncipe é sempre amoroso e dedicado aos filhos. Suas ocupações aumentam e, por volta de 1844, inicia grandes reformas em Buckingham e em Windsor. Sua sensibilidade com relação à arte e capacidade de organização transformaram radicalmente os palácios. Mas, seu maior feito foi, sem dúvida, a Grande Exposição de 1851, no Palácio de Cristal. Nela foram apresentadas ao público, pela primeira vez, as invenções que transformariam o mundo. O sucesso da Exposição foi enorme; mais de seis milhões de visitantes compareceram em seis meses.

A admiração e o amor que Vitória dedicava ao marido só cresciam em intensidade. Seus sentimentos eram inteiramente canalizados para ele, restando pouco para oferecer aos filhos – “aqueles importunos que a impediam de estar a sós com Albert”.

No plano político, Vitória desenvolve uma amizade com Napoleão III que a fez, juntamente com Albert e os filhos mais velhos, Vicky e Bertie, visitar a França em

---

<sup>3</sup> p. 41.

agosto de 1855. Nenhum soberano inglês pusera os pés em Paris desde 1431. O sucesso dessa visita é extraordinário e traz momentos de muita alegria à Vitória.

Quando Napoleão III é feito prisioneiro pelos prussianos, durante a guerra de 1870, sua filha Vicky tenta influenciá-la, numa crítica bastante moralizadora e bem vitoriana:

*“ ‘Quanto mal a corte de Napoleão, e mais ainda essa Paris tão atraente, não fizeram à sociedade inglesa, ao teatro, à literatura! Que má influência sobre a aristocracia jovem e brilhante de Londres! Seria uma boa coisa se esses jovens tivessem tempo de refletir sobre as conseqüências de uma frivolidade e de um luxo imoderados: a depravação, a ruína e finalmente a desgraça do país. Nossa pobreza, nossas cidades sem brilho, nossa vida de esforços, de trabalho duro e sério, nos tornaram fortes e determinados’ ”*<sup>4</sup>.

Mas, o acontecimento que viria a marcar a vida da rainha para sempre foi a morte prematura de seu amado Albert, aos 42 anos, em 1861, iniciando um luto obsessivo.

*“O dia da morte de Albert tornou-se sagrado, assim como o de seu nascimento, de seu noivado, de seu casamento. Ela ia tristemente de Windsor a Osborne, de Osborne a Balmoral. Em cada uma de suas moradas, o quarto de Albert era conservado intacto: a cama feita, os trajes do dia prontos a serem vestidos, as escovas e as navalhas dispostas como de hábito. Trinta anos depois, Gladstone queixava-se de que um criado, trazendo a água quente para o fantasma de Albert,*

---

<sup>4</sup> p. 79.

*interrompesse regularmente as conversações do fim do dia com a rainha.*”<sup>5</sup>

Vitória entregou-se a este luto que a fez, durante anos, ficar apática e tristonha, dedicando pouco interesse à família e à coroa. O que mais surpreendia era a sua rigidez, a sua intensa concentração em si mesma.

Outro grande abalo em sua vida foi a morte do tio Leopold, fazendo com que se tornasse ainda mais restrito o grupo de pessoas intimamente ligado a ela. Duas pessoas: Henry Ponsonby, seu secretário privado, e John Brown, seu *factótum* escocês, conseguiram ganhar o afeto da rainha, embora este último tenha colaborado muito para a sua solidão e, involuntariamente, para a sua neurose.

Em 1868, por ordem de Vitória, é publicada a obra *Folhas de nosso Diário, nossa vida nas Highlands*, com uma tiragem inicial de 20 mil exemplares, que esgotou-se rapidamente, ao que seguiu-se uma série de reedições. Nesta publicação havia ilustrações feitas pela própria rainha que atribuiu o sucesso não à curiosidade do público, mas seria uma prova da sensibilidade deste à simplicidade de seu estilo, à harmonia de sua família e às boas relações com os seus servidores escoceses.

Quinze anos depois é publicado o livro *Outras folhas...*, que o público recebe com o mesmo interesse.

Quando estava com quase 70 anos, Vitória se encanta com um jovem muçulmano, Abdul Karim, que viria a ser seu fiel servidor, ministrando-lhe, inclusive, aulas de urdu e hindustani, já que a rainha queria dirigir-se às tropas indianas em sua língua.

Vitória procura manter-se sempre muito bem informada; tinha suas próprias e seguras fontes de informação.

A popularidade da rainha cresce imensamente no fim de sua vida, sendo que em seus jubileus, comove-se com as mostras de confiança e respeito a ela dirigidas pelo seu

---

<sup>5</sup> p. 94.

povo. Foram comemorados 50 e depois 60 anos do reinado mais longo e mais pacífico da história da Inglaterra, ao longo dos quais, Vitória conseguiu manter e impor a força moral e dignidade da corte – o povo admirava essa vida passada na austeridade e não nos prazeres.

“The Great White Queen” (a grande rainha branca), como foi chamada, fazia questão de não ser assimilada às classes aristocráticas. Assim escreve ela à sua filha:

*“e particularmente a aristocracia (evidentemente com algumas exceções honrosas) são tão frívolas, tão apegadas aos seus prazeres, tão pouco compassivas, tão egoístas, imorais e folgazãs que evocam [...] os dias que precederam a Revolução francesa. Os jovens são tão mimados, as mulheres jovens tão emancipadas, tão frívolas, tão imprudentes que o perigo é realmente muito grande. É preciso adverti-los. As classes inferiores estão se tornando tão bem informadas, tão inteligentes e ganham seu pão e suas riquezas tão honestamente que não podem e não devem ser mantidas atrás para o prazer de tristes indivíduos ignorantes e bem-nascidos, que vivem apenas para matar o tempo. (...)”*<sup>6</sup>

Vitória acreditava que a divisão de classes era algo contrário à lei da natureza, sentindo extrema simpatia pelas classes mais pobres, embora não houvesse tomado nenhuma atitude mais precisa ou radical com relação às terríveis condições em que viviam os trabalhadores do reino (Albert houvera sido o único a inquietar-se pessoalmente com a sorte dessas pessoas).

A rainha Vitória lutou com um fervor ilógico contra as idéias feministas de seu tempo, embora sua própria figura (afinal era uma mulher ocupando o trono) ensejasse uma tomada de consciência feminista. Ainda assim, seu grande senso do poder e da dignidade foram importantes para satisfazer a necessidade imperialista da nação.

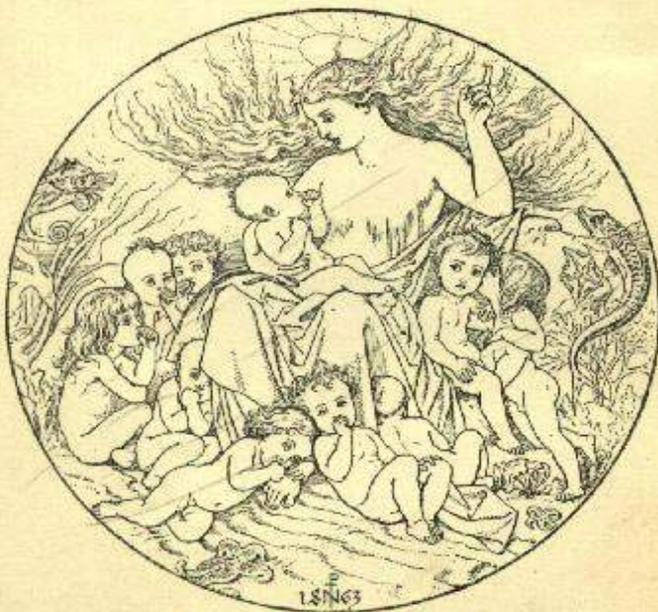
---

<sup>6</sup> p. 139.

*“Quando mais a fé em um misterioso e extraordinário destino para a Inglaterra crescia, mais a necessidade de um símbolo se fazia sentir. Vitória o compreendeu instintivamente e desempenhou seu papel à perfeição. Assim, no final de seu reinado, o poder político e efetivo do soberano havia praticamente desaparecido, mas o prestígio da coroa aumentara muito”.*<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> p. 153.



THE  
WATER-BABIES

A Fairy Tale for a Land-Baby

BY  
CHARLES KINGSLEY

London  
MACMILLAN AND CO., LIMITED  
NEW YORK: THE MACMILLAN COMPANY

1900

*All rights reserved.*

science, and can plan railroads, and steam-engines, and electric telegraphs, and rifled guns, and so forth; and knows everything about everything, except why a hen's egg don't turn into a crocodile, and two or three other little things which no one will know till the coming of the Cocqsigrués. And all this from what he learnt when he was a water-baby, underneath the sea.

'And of course Tom married Ellie?'

My dear child, what a silly notion! Don't you know that no one ever marries in a fairy tale, under the rank of a prince or a princess?

'And Tom's dog?'

Oh, you may see him any clear night in July; for the old dog-star was so worn out by the last three hot summers that there have been no dog-days since; so that they had to take him down and put Tom's dog up in his place. Therefore, as new brooms sweep clean, we may hope for some warm weather this year. And that is the end of my story.

## MORAL

*And now, my dear little man, what should we learn from this parable?*

*We should learn thirty-seven or thirty-nine things. I am not exactly sure which: but one thing, at least, we may learn, and that is this—when we see efts in the pond, never to throw stones at them, or catch them with crooked pins, or put them into vivariums with sticklebacks, that the sticklebacks may prick them in their poor little stomachs, and make them jump out of the glass into somebody's work-box, and so come to a bad end. For these efts are nothing else but the water-babies who are stupid and dirty, and will not learn their lessons and keep themselves clean; and, therefore (as comparative anatomists will tell you fifty years hence, though they are not learned enough to tell you now), their skulls grow flat, their jaws grow out, and their brains grow small, and their tails grow long, and they lose all their ribs (which I am sure you would not like to do), and their skins grow dirty and spotted, and they never get into the clear rivers, much less into the great wide sea, but hang about in dirty ponds, and live in the mud, and eat worms, as they deserve to do.*

*But that is no reason why you should ill-use them: but only why you should pity them, and be kind to them, and hope that some day they will wake up, and be ashamed of their nasty, dirty, lazy, stupid life, and try to amend, and become something better once more. For, perhaps, if they do so, then after 379.423 years, nine months, thirtoen days, two hours, and twenty-one minutes (for aught that appears to the contrary), if they work very hard and wash very hard all that time, their brains may grow bigger, and their jaws grow smaller, and their ribs come back, and their tails wither off, and they will turn into water-babies again, and perhaps after that into land-babies; and after that perhaps into grown men.*

*You know they won't? Very well, I darsay you know best. But, you see, some folks have a great liking for those poor little efts. They never did anybody any harm, or could if they tried; and their only fault is, that they do no good—any more than some thousands of their betters. But what with ducks, and*

what with pike, and what with sticklebacks, and what with water-beetles, and what with naughty boys, they are 'sae sair hadden down,' as the Scotsmen say, that it is a wonder how they live; and some folks can't help hoping, with good Bishop Butler, that they may have another chance, to make things fair and even, somewhere, somewhen, somehow.

Meanwhile, do you learn your lessons, and thank God that you have plenty of cold water to wash in; and wash in it too, like a true Englishman. And then, if my story is not true, something better is; and if I am not quite right, still you will be, as long as you stick to hard work and cold water.

But remember always, as I told you at first, that this is all a fairy tale, and only fun and pretence: and, therefore, you are not to believe a word of it, even if it is true.

THE END

## THE WORKS OF CHARLES KINGSLEY.

THE-THREE-AND-SIXPENNY EDITION.

- Westward Ho! With Portrait.  
 Hypatia. X | Yeast. ✓ | Alton Locke. ✓  
 Two Years Ago. X | Hereward. ✓ | Poems. X  
 The Heroes. With Illustrations.  
 The Water-Babies. With Illustrations by LINLEY ✓  
 SAMBOURNE.  
 Madam How and Lady Why. X With Illustrations.  
 At Last. With Illustrations. X  
 Prose Idylls. ✓  
 Plays and Puritans: and other Historical Essays. ✓  
 The Roman and the Teuton. ✓  
 Sanitary and Social Lectures and Essays. X  
 Historical Lectures and Essays. X  
 Scientific Lectures and Essays. X  
 Literary and General Lectures. X  
 The Hermits. With Illustrations. X  
 Glaucus; or, The Wonders of the Sea-shore. With  
 Coloured Illustrations. ✓  
 Village and Town and Country Sermons. X  
 The Water of Life: and other Sermons. X  
 The Good News of God. X  
 Sermons for the Times. X  
 Sermons on National Subjects. X  
 The Pentateuch: and David. X  
 Westminster Sermons. X  
 Discipline: and other Sermons. X  
 All Saints' Day: and other Sermons. X

MACMILLAN AND CO., LTD., LONDON.

## **ANEXO 2**

### **EXEMPLO DE LITERATURA MORALIZANTE**

KINGSLEY, Charles. *Water Babies*. London: Macmillan and Co., 1900.

## MORAL

E agora, meu querido homenzinho, o que deveríamos aprender a partir desta parábola?

Deveríamos aprender trinta e sete ou trinta e nove coisas, aproximadamente, mas uma coisa, pelo menos, devemos aprender, qual seja: quando vemos duendes num lago, jamais devemos atirar pedras neles, ou capturá-los com alfinetes tortos, ou colocá-los em viveiros com peixes espinhentos, porque estes peixes podem perfurá-los em seus pobres e pequenos estômagos, e fazê-los pular para dentro da caixa de trabalho de alguém, o que terminaria mal. Pois, estes duendes são ninguém mais do que os *bebês da água* que são estúpidos e sujos, que não aprenderão suas lições e não se manterão limpos; e, portanto (como os anatomistas comparativos dirão daqui a cinquenta anos, já que não aprenderam o suficiente para dizê-lo agora), seus crânios ficarão planos, suas mandíbulas crescerão para fora, seus cérebros ficarão pequenos, seus rabos crescerão, perderão todas as costelas (o que estou certo de que você não gostará de fazer), suas peles ficarão sujas e cheia de bolinhas, e nunca serão capazes de alcançar as águas claras dos rios, muito menos o grande mar, mas ficarão vadiando em lagos imundos, vivendo na lama, comendo vermes, assim como merecem.

Mas isso não é motivo para que façamos mal a eles: é sim motivo para que tenhamos pena e os tratemos com amabilidade, esperando que algum dia eles acordem, envergonhados de uma vida desagradável, suja, preguiçosa e estúpida, e tentem emendar, tornando-se cada vez melhores. Porque talvez, se assim o façam, então, depois de 379.423

anos, nove meses, treze dias, duas horas e vinte e um minutos (ainda que pareça o contrário), se trabalharem com muito afínco e lavarem bastante por todo aquele tempo, seus cérebros aumentarão de tamanho, suas mandíbulas diminuirão, suas costelas voltarão, os rabos encolherão, e eles se transformarão em *bebês da água* novamente, para talvez depois tornarem-se *bebês da terra*; só depois disso, talvez, possam vir a ser homens crescidos.

Você acha que eles não conseguirão? Muito bem, eu ousaria dizer que você sabe o que é melhor. Mas, veja, algumas pessoas têm uma grande apreciação por esses pobres duendes. Eles nunca fizeram nenhum mal a alguém, e poderiam se tentassem; o único defeito é o fato de também não fazerem nenhum bem. Assim como os patos, como os peixes, os peixes espinhentos, os besouros aquáticos, os meninos maus, eles são e agem conforme vivem; e não adianta esperar, como o bom Bispo Butler, que eles possam ter uma nova chance de fazer as coisas justas de algum modo, algum dia, em alguma parte.

Enquanto isso aprenda suas lições, e agradeça a Deus o fato de ter muita água fria para lavar e se lavar nela, como um verdadeiro cidadão inglês. E então, se minha história não for verdadeira, algo melhor é; e se eu não estiver certo, mesmo assim você estará, tanto quanto trabalhar duro em águas frias.

Mas lembre-se sempre, como lhe disse no início, que este é apenas um conto de fadas, somente diversão e pretensão: e, portanto, você não precisa acreditar numa só palavra, ainda que seja verdade.

\*\*\*\*\*

### **ANEXO 3**

#### **EXEMPLO DE LITERATURA MORALIZANTE**

Machado de ASSIS, “Um Apólogo”, *in* Miguel REALE, *A Filosofia na obra de Machado de Assis e Antologia Filosófica de Machado de Assis*, p. 133-134.

Para exemplificar a vasta influência de princípios e hábitos vitorianos, aqui tomo um escritor conhecido por suas geniais obras, plenas de sagacidade e ironia, para neste demonstrar o intuito da educação moralizante. Trata-se do nosso Machado de Assis, mais propriamente do seu texto *Um Apólogo*.

### *Um Apólogo<sup>1</sup>*

*Machado de Assis*

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

-- Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

-- Deixe-me, senhora.

-- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

-- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

---

<sup>1</sup> Machado de ASSIS, “Um Apólogo”, in Miguel REALE, *A Filosofia na obra de Machado de Assis e Antologia Filosófica de Machado de Assis*, p. 133-134.

-- Mas você é orgulhosa.

-- Decerto que sou.

-- Mas por quê?

-- É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

-- Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

-- Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

-- Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

-- Também os batedores vão adiante do imperador.

-- Você imperador?

-- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana -- para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

-- Então senhora linda, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic-plic-plic* da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

-- Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: - Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: -- Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

## **ANEXO 4**

### **EXEMPLO DE LITERATURA MORALIZANTE**

AMICIS, Edmundo de. *Coração*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.  
AMICIS, Edmundo de. *Cuore*. Milano: Fratelli Treves Editori, 1918.

*Odilla Garcia  
Campinas*

*Odilla Garcia  
10 x 86*

EDMUNDO DE AMICIS

# CORAÇÃO

Tradução brasileira autorizada, feita da 101ª edição italiana  
por JOÃO RIBEIRO

**30ª EDIÇÃO**

Cuidadosamente corrigida



LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO

129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

1919

Direitos de tradução da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

« Amigo ! não tornará a ver mais tua mãe neste mundo. É esta a tremenda verdade. Não vou ter contigo, porque a tua dor é d'aquellas dores solennes e santas que é necessario soffrer e vencer por si só. Comprehendes o que quero dizer com estas palavras : É necessario vencer a dor ? Vencer o que a dor tem de menos santo e de menos purificador, o que em vez de melhorar a alma, a enfraquece e a abaixa. Mas a outra parte da dor, a parte nobre, aquella que engrandece e eleva a alma, essa deve ficar contigo e não te deve deixar mais nunca. Nada neste mundo substitue um mãe. Ou nas dores, ou nas consolações que a vida te pôde dar ainda, nunca a esquecerás. Deves, porém, recordal-a, amal-a e sentir a sua morte de um modo digno d'ella. Amigo, cacuta-me ! A morte não existe, a morte nada é. Não se pôde comprehendel-a.

A vida é vida, e segue a sua propria lei, o progresso. Ainda hantem tinhas tua mãe na terra, hoje tens um anjo em outro lugar ; tudo o que é bom sobrevive, e, engrandecido de poder, torna á vida terrena. Assim tambem o amor de tua mãe. Ella ama-te agora mais do que nunca. E tu és responsável pelas tuas acções em relação á ella, e das tuas obras depende encontral-a, tornar a vê-la em uma outra existência. Deves, pois, por amor e reverencia a tua mãe tornar-te melhor e dar-lhe alegria. Deverás d'ora avante, a cada um dos teus actos inquirir a ti mesmo : aproval-o-á minha mãe ? A sua transformação deu-te no mundo um anjo da guarda, a quem deves referir todas as tuas acções. Sé, pois, forte e bom ; resiste á dor desesperada e vulgar, mas conserva a tranquillidade das grandes almas nos grandes soffrimentos. É isso o que ella quer.»

— Garrone — accrescentou o mestre — só forte e tranquilliza-te ; é isso o que ella quer — entendes ?

Garrone acenou que sim com a cabeça, e no emtanto caiam-lhe as lagrimas copiosas, grossas, sobre as mãos sobre os cadernos e sobre a carteira.

## Valor cívico

( CONTO MENSAL )

Ao meio dia estavamos com o mestre diante do palacio municipal, para ver entregar a medalha de Valor cívico ao rapaz que salvou o companheiro do rio Pó.

No terraço da fachada fluctuava uma grande bandeira tricolor.

Entramos no attico do palacio.

Já estava cheio. Viam-se ao fundo uma mesa com um panno vermelho, tendo em cima papéis, e, por traz, uma fila de poltronas douradas para o syndico e para a junta ; os guardas do municipio estavam de fardamento azul e calças brancas. Á direita estava enfileirado um destacamento de soldados da guarda cívica, cobertos de medalhas, e ao lado d'elles um pelotão de guardas da alfandega. Do outro lado, os bombeiros com fardamento de gala e muitos soldados de cavallaria, caçadores e artilheiros, esparsos, que foram alli apenas para ver. Em volta estava tudo cheio de senhores, de paisanos, de officiaes, de mulheres e crianças que se acotovelvavam. Nós reunimo-nos á um canto, onde estavam já apinhados alguns alumnos de outras seções com os seus mestres, e proximo de nós achava-se um grupo de rapazes do povo, de entre dez a dezoito annos, que riam e falavam animadamente, e via-se que eram todos da margem do Pó, companheiros e conhecidos d'aquelle que ia ganhar a medalha. Em cima, de todas as janellas, debruçavam-se empregados do municipio, e até a galeria da bibliotheca estava repleta de gente, que se opprimia contra a balaustrada. No lado opposto viam-se, como impressadas, grande numero de mocinhas das escolas publicas e muitas Filhas das militares, com os seus véos azuis castes. Parecia um theatro.

Todos conversavam alegres, olhando a cada momento

res superfluos uma tão simples grandeza. Eil-o aqui diante de vós, o salvador valoroso e gentil. Soldados! saudae-o como a irmão; mães! abençoa-o como a filho; crianças! recordae-vos do seu nome: fixae na mente as suas feições, e que ellas não se apaguem mais da vossa memoria, nem do vosso coração. Aproxima-te! Em nome do rei da Italia, eu te dou a medalha de *Valor civico*.

Um viva altissimo, levantado ao mesmo tempo por muitas vozes, ecoou em todo o palacio.

O syndico tamou de sobre a mesa a medalha, e prendeu-a ao peito do rapaz. Depois abraçou-o e beijou-o.

A mãe poz uma das mãos sobre os olhos; o pae tinha a cabeça inclinada sobre o peito.

O syndico apertou a mão a ambos, e pegando no decreto da condecoração, atado com uma fita, entregou-o á mãe.

Depois dirigiu-se ao rapazinho e disse:

«Que a recordação d'este dia tão glorioso para ti, tão feliz para teu pae e para tua mãe, te mantenha por toda a vida no caminho da virtude e da honra. Adeus!»

O syndico saiu; a banda tocou, e tudo parecia acabado, quando o destacamento dos bombeiros se abriu e uma criança de oito a nove annos, impellida para frente por uma mulher que logo se escondeu, foi direita ao condecorado, e estreitou-o entre os braços. — Um outro estrodo de vivas e applausos retumbou por todo o atrio. Todos comprehenderam logo que era aquelle o rapaz, salvo do Pó, que vinha agradecer ao seu salvador. Depois de o ter beijado, agarrou-se-lhe a um braço para acompanhal-o á saída. Elle adiante e o pae e a mãe atrás, caminhavam para a porta da saída, passando a custo entre o povo que fazia alas á sua passagem — guardas, meninos, mulheres, tudo em confusão. Todos tentavam chegar-se a frente, e punham-se nas pontas dos pés para ver o heroezinho. Os que estavam na frente, na passagem apertaram-lhe a mão. Quando passou diante dos alumnos das escolas,

todos agitaram os barretes no ar. Os das margens do Pó fizeram um grande barulho, puxando-lhe pelos braços e pela jaqueta, gritando:— Pin! viva Pin! Bravo, Pinot! Eu vi-o passar mesmo perto de mim. Estava com o rosto corado e muito contente. A medalha vermelha tinha a fita branca, vermelha e verde. A sua mãezinha chorava e sorria, o pae torcia o bigode com uma das mãos, que lhe tremia como se tivesse febre; e de cima das janellas e das galerias debruçavam-se todos a applaudir. De repente, quando estava a chegar debaixo do portico, veio de cima, da galeria das *Filhas dos militares*, uma verdadeira chuva de amores perfectos, de raminhos de violetas e de margaridas, que caíam sobre a cabeça do heroezinho, do pae e da mãe, espalhando-se depois pelo chão. Muitos apanhavam-os á pressa e entregavam-os á mãe. A banda no fundo do atrio tocava lentamente uma aria bellissima, que parecia o canto de muitas vozes argentinas, que vagarosamente pelas margens de um rio, lentas se fossem afastando, perdendo-se ao longe...

para o lado da mesa vermelha, a vêr se apparecia alguém. A banda de musica tocava em andamento vagaroso, ao fundo do portico.

Nas paredes batia o sol.

Bellissimo!

De repente, os que estavam no atrio, nas galerias e nas janellas começaram todos a bater palmas. Puz-me nas pontas dos pés para vêr.

A multidão que estava por detraz da mesa vermelha rompeu-se, e appareceram á frente um homem e uma mulher. O homem trazia pela mão um menino. Era o que tinha salvado o companheiro. O homem era o pae, um pedreiro, vestido de festa; a mulher era a mãe, pequena e loura, vestida de preto. O rapaz, tambem pequeno e louro, trajava jaquetão cinzento.

Ao vêr tanta gente e ao ouvir tão grande estrepito de applausos, ficaram todos os tres de modo que não ousavam olhar nem mover-se. Um guarda municipal collocou-se ao lado da mesa, á direita. Tudo ficou calado um momento, e depois ruidosamente elevaram-se os applausos de todas as partes. O rapaz olhou para as janellas e depois para as galerias das *Filhas dos militares*; tinha o chapéo entre as mãos, e parecia não comprehender bem aonde estava. Achei que se parecia um pouco com Coretti, no rosto, mas um pouco mais corado. O pae e a mãe tinham os olhos fitos na mesa.

No emtanto, todos os rapazes do lado do Pó, que estavam ao pé de nós, apresentaram-se á frente, faziam gestos ao seu companheiro, para que este os visse, e chamavam-o em voz baixa: «Pin! Pin! Pinot!...»

A força de chamar conseguiram fazer-se ouvir. O rapaz olhou para elles e escondeu o sorriso por detraz do chapéo.

Em certo momento os guardas perfilaram.

Entrou o syndico, acompanhado de muitos *senhores*. O syndico, todo branco, com uma grande faixa tricolor,

aproximou-se da mesa. Ficou de pé e todos os outros ficaram por detraz e dos lados.

A banda cessou de tocar, e a um gesto do syndico tudo se calou.

Elle principiou então a falar. As primeiras palavras não as entendi bem, mas comprehendi que contava o successo. Depois levantou a voz, que se espalhou clara e sonora por todo o atrio, e não perdi mais uma palavra.

«Quando viu do cáes o companheiro que se debatia nas aguas, já tomado pelo terror da morte, despiu-se precipitadamente e correu sem hesitar um momento. Gritaram-lhe: — Afogas-te! — e elle não respondeu. Agarraram-o, e elle soltou-se. Chamaram-o pelo nome e já elle estava na agua! O rio rolava cheio, e era terrivel o perigo, mesmo para um homem. Mas arremessou-se contra a morte, com toda a força do seu pequeno corpo e do seu grande coração; foi até deitar a mão ao desgraçado, que já estava mergulhado, e trouxe-o á tona d'agua. Luctou furiosamente com a onda que queria tragal-o, com o companheiro que tentava agarrar-se-lhe; muitas vezes desapareceu, para reaparecer de novo por um desesperado estorço, obstinado e invencivel no seu santo proposito, não como uma criança que tentasse salvar outra criança, mas como um homem, como um pae que luctasse para salvar um filho que fosse a sua esperanza e a sua vida! Afinal Deus não permittiu que tão generosa coragem ficasse inutil. E o nadador, a criança arrancára a victima ao rio gigante; trouxe-a á terra e prestou-lhe ainda com os outros os primeiros soccorros; depois do que, voltou para casa, só e tranquillo, a contar ingenuamente o que havia feito. Senhores! Bello, veneravel, é o heroismo do homem! Mas numa criança, a quem nada pedimos, porque em nada a avaliamos; que nos parece já muito nobre e digna de ser amada, não quando faça, mas quando comprehenda e reconheça os sacrificios de outrem; na criança o heroismo é alguma cousa de divino. Nada mais direi, senhores! Não quero ornar de louvo-

ED. DE AMICIS

# CUORE

Libro per i ragazzi

838.<sup>o</sup> migliaio 838.<sup>o</sup>



MILANO  
FRATELLI TREVES, EDITORI  
1918.



PROPRIETÀ LETTERARIA.

*Riservati i diritti di traduzione*

Si riterrà contraffatto qualunque esemplare di quest'opera  
che non porti la firma del figlio dell'autore.

*Ugo Delucchi*

Garrone accennò di sì col capo, e intanto gli cadevan delle lacrime grosse e fitte sulle mani, sul quaderno, sul banco.

### Valor civile.

(Racconto mensile)

Al tocco eravamo col maestro davanti al Palazzo di città per veder dare la medaglia del valor civile al ragazzo che salvò un suo compagno dal Po.

Sul terrazzo della facciata sventolava una grande bandiera tricolore.

Entrammo nel cortile del Palazzo.

Era già pieno di gente. Si vedeva in fondo un tavolo col tappeto rosso, e delle carte sopra, e dietro una fila di seggioloni dorati per il Sindaco e per la Giunta: c'erano gli uscieri del Municipio con la sottoveste azzurra e le calze bianche. A destra del cortile stava schierato un drappello di guardie civiche, che avevano molte medaglie, e accanto a loro un drappello di guardie daziarie; dall'altra parte i pompieri, in divisa festiva, e molti soldati senz'ordine, venuti là per vedere: soldati di cavalleria, bersaglieri, artiglieri. Poi tutt'intorno dei signori, dei popolani, alcuni uffiziali, e donne e ragazzi, che si accalcavano. Noi ci stringemmo in un angolo dov'erano già affol-

lati molti alunni d'altre sezioni, coi loro maestri, e c'era vicino a noi un gruppo di ragazzi del popolo, tra i dieci e i diciott'anni, che ridevano e parlavan forte, e si capiva ch'eran tutti di Borgo Po, compagni o conoscenti di quello che doveva aver la medaglia. Su, a tutte le finestre, c'erano affacciati degli impiegati del Municipio; la loggia della biblioteca pure era piena di gente, che si premeva contro la balaustrata; e in quella del lato opposto, che è sopra il portone d'entrata, stavano pigiate un gran numero di ragazze delle scuole pubbliche, e molte *Figlie dei militari*, coi loro bei veli celesti. Pareva un teatro. Tutti discorrevano allegri, guardando a ogni tratto dalla parte del tavolo rosso, se comparisse nessuno. La banda musicale suonava piano in fondo al portico. Sui muri alti batteva il sole. Era bello.

All'improvviso tutti si misero a batter le mani dal cortile, dalle loggie, dalle finestre.

Io m'alzai in punta di piedi per vedere.

La folla che stava dietro al tavolo rosso s'era aperta, ed eran venuti avanti un uomo e una donna. L'uomo teneva per mano un ragazzo.

Era quello che aveva salvato il compagno.

L'uomo era suo padre, un muratore, vestito a festa. La donna, — sua madre, — piccola e bionda, aveva una veste nera. Il ragazzo, anche biondo e piccolo, aveva una giacchetta grigia.

A veder tutta quella gente o a sentir quello

strepito d'applausi, rimasero lì tutti e tre, che non osavano più nè guardare nè muoversi. Un usciere municipale li spinse accanto al tavolo, a destra.

Tutti stettero zitti un momento, e poi un'altra volta scoppiarono gli applausi da tutte le parti. Il ragazzo guardò su alle finestre e poi alla loggia delle *Figlie di militari*; teneva il cappello fra le mani, sembrava che non capisse bene dove fosse. Mi parve che somigliasse un poco a Coretti, nel viso; ma più rosso. Suo padre e sua madre tenevan gli occhi fissi sul tavolo.

Intanto tutti i ragazzi di borgo Po, che eran vicini a noi, si sporgevano avanti, facevano dei gesti verso il loro compagno per farsi vedere, chiamandolo a voce bassa: — *Pin! Pin! Pinot!* — A furia di chiamarlo si fecero sentire. Il ragazzo li guardò, e nascose il sorriso dietro il cappello.

A un dato punto tutte le guardie si misero sull'*attenti*.

Entrò il Sindaco, accompagnato da molti signori.

Il Sindaco, tutto bianco, con una gran ciarpa tricolore, si mise al tavolino, in piedi; tutti gli altri dietro e dai lati.

La banda cessò di suonare, il Sindaco fece un cenno, tutti tacquero.

Cominciò a parlare. Le prime parole non le intesi bene; ma capii che raccontava il fatto del

ragazzo. Poi la sua voce s'alzò, e si sparse così chiara e sonora per tutto il cortile, che non perdetti più una parola. — ... Quando vide dalla sponda il compagno che si dibatteva nel fiume, già preso dal terrore della morte, egli si strappò i panni di dosso e accorse senza titubare un momento. Gli gridarono: — T'anneghi!, — non rispose; lo afferrarono, si svincolò; lo chiamaron per nome, era già nell'acqua. Il fiume era gonfio, il rischio terribile, anche per un uomo. Ma egli si slanciò contro la morte con tutta la forza del suo piccolo corpo e del suo grande cuore; raggiunse e afferrò in tempo il disgraziato, che già era sott'acqua, e lo tirò a galla; lottò furiosamente con l'onda che li voleva travolgere, col compagno che tentava d'avvinghiarlo; e più volte sparì sotto e rivenne fuori con uno sforzo disperato; ostinato, invito nel suo santo proposito, non come un ragazzo che voglia salvare un altro ragazzo, ma come un uomo, come un padre che lotti per salvare un figliuolo, che è la sua speranza e la sua vita. Infine, Dio non permise che una così generosa prodezza fosse inutile. Il nuotatore fanciullo strappò la vittima al fiume gigante, e la recò a terra, e le diè ancora, con altri, i primi conforti; dopo di che se ne tornò a casa solo e tranquillo, a raccontare ingenuamente l'atto suo. Signori! Bello, venerabile è l'eroismo dell'uomo. Ma nel fanciullo, in cui nessuna mira d'ambizione o d'altro interesse è ancor possibile;

nel fanciullo che tanto deve aver più d'ardimento quanto ha meno di forza; nel fanciullo a cui nulla domandiamo, che a nulla è tenuto, che ci pare già tanto nobile e amabile, non quando compia, ma solo quando comprenda e riconosca il sacrificio altrui, l'eroismo nel fanciullo è divino. Non dirò altro, signori. Non voglio ornar di lodi superflue una così semplice grandezza. Eccolo qui davanti a voi il salvatore valoroso e gentile. Soldati, salutatelo come un fratello; madri, beneditelo come un figliuolo; fanciulli, ricordatevi il suo nome, stampatevi nella mente il suo viso, ch'egli non si cancelli mai più dalla vostra memoria e dal vostro cuore. Avvicinati, ragazzo. In nome del Re d'Italia, io ti do la medaglia al valor civile.

Un evviva altissimo, lanciato insieme da molte voci, fece echeggiare il palazzo.

Il Sindaco prese sul tavolo la medaglia e l'attaccò al petto del ragazzo. Poi lo abbracciò e lo baciò.

La madre si mise una mano sugli occhi, il padre teneva il mento sul petto.

Il Sindaco strinse la mano a tutti e due, e preso il decreto della decorazione, legato con un nastro, lo porse alla donna.

Poi si rivolse al ragazzo e disse: — Che il ricordo di questo giorno così glorioso per te, così felice per tuo padre e per tua madre, ti mantenga per tutta la vita sulla via della virtù e dell'onore. Addio!

Il Sindaco uscì, la banda sonò e tutto pareva finito, quando il drappello dei pompieri s'aperse, e un ragazzo di otto o nove anni, spinto innanzi da una donna che subito si nascose, si slanciò verso il decorato e gli cascò fra le braccia.

Un altro scoppio d'evviva e d'applausi fece rintonare il cortile; tutti avevan capito alla prima, quello era il ragazzo stato salvato dal Po, che veniva a ringraziare il suo salvatore. Dopo averlo baciato, gli si attaccò a un braccio per accompagnarlo fuori. Essi due primi, e il padre e la madre dietro s'avviarono verso l'uscita, passando a stento fra la gente che faceva ala al loro passaggio, guardie, ragazzi, soldati, donne, alla rinfusa. Tutti si spingevano avanti e s'alzavano in punta di piedi per vedere il ragazzo. Quelli che eran sul passaggio gli toccavan la mano. Quando passò davanti ai ragazzi delle scuole, tutti agitarono i berretti per aria. Quelli di borgo Po fecero un grande schiamazzo, tirandolo per le braccia e per la giacchetta, e gridando: — *Pin! viva Pin! Bravo Pinot!* — Io lo vidi passar proprio vicino. Era tutto acceso nel viso, contento, la medaglia aveva il nastro bianco, rosso e verde. Sua madre piangeva e rideva; suo padre si toceva un baffo con una mano, che gli tremava forte, come se avesse la febbre. E su dalle finestre e dalle loggie seguitavano a sporgersi fuori e ad applaudire. Tutt'a un tratto, quando furono per entrar sotto il portico, venne

---

giù dalla loggia delle *Figlie dei militari* una vera pioggia di pensieri, di mazzettini di viole e di margherite, che caddero sulla testa del ragazzo, del padre, della madre, e si sparsero in terra. Molti si misero a raccóglarli in fretta e li porgevano alla madre. E la banda in fondo al cortile sonava piano piano un'aria bellissima, che pareva il canto di tante voci argentine che s'allontanassero lente giù per le rive d'un fiume.

---